



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FORTALEZA-CE

2015

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão

FORTALEZA- CE

2015

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Maria Auricélia da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Rosimeire Costa de Andrade Cruz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a prática pedagógica do professor de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas que sejam importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Os objetivos específicos são: caracterizar a prática pedagógica desenvolvida pelo professor de Educação Infantil, avaliar se a prática pedagógica desenvolvida está baseada em proposta pedagógica que siga as orientações das (DCNEI) (BRASIL, 2010), investigar a perspectiva do professor sobre sua prática pedagógica e compreender as concepções que embasam essa prática. A investigação se apoiou no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e nas ideias de autores como Ariès (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira (2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), dentre outros estudiosos que tratam do assunto. A pesquisa é de abordagem qualitativa e foi realizada com duas professoras da mesma turma do Infantil 3, de uma escola municipal. A coleta de dados constou da realização de entrevistas individuais semiestruturadas e observação da prática das professoras. As análises dos dados coletados revelam que as professoras desenvolvem suas práticas com ênfase na transmissão de conteúdos, realizando atividades repetidas, sem dar a devida importância para as brincadeiras e a interação, dois eixos importantes que norteiam as práticas pedagógicas da Educação Infantil, conforme determinam as Diretrizes Curriculares. Certamente tal prática é reflexo das concepções das professoras, que vêem a Educação Infantil com uma perspectiva preparatória para o Ensino Fundamental. A partir dessa realidade, faz-se necessário refletir sobre quais providências devem ser tomadas para desconstruir esses conceitos já ultrapassados, dando lugar a uma prática que vise promover o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Educação Infantil. Professoras de Educação Infantil.

ABSTRACT

This research aims to investigate the pedagogical practice of early childhood education teacher seeking to identify the important actions taken for the development and learning of children. The specific objectives are: to characterize the pedagogical practice developed by early childhood education teacher, assess whether the developed pedagogical practice is based on pedagogical proposal that follows the guidelines (DCNEI). The research was based on the National Curriculum Reference for Early Childhood Education (RCNEI), the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI) and ideas of authors, such as Aries (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira (2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), and other scholars. The research is a qualitative approach and was carried out with two teachers in the same class of a municipal school. The methodology consisted of conducting semi-structured individual interviews and observing the practice of the teachers. The analysis of the collected data shows that the teachers develop their practices with an emphasis on transmission of content, performing repeated activities, without giving appropriate importance to the games and interactions, two axes that guide the pedagogical practices of early childhood education, as determined by the Curricular Guidelines. Certainly this practice reflects the thinking of the teacher who sees early childhood education with a preparatory perspective for Elementary Education. From this fact, it is necessary to reflect on what steps should be taken to deconstruct these concepts outdated, giving way to a practice that aims to promote the integral development of children.

Keywords: Pedagogical Practices. Early Childhood Education. Teachers of early childhood education.

A Deus, por estar sempre ao meu lado, e à
minha mãe por todo amor e ensinamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me dar sabedoria, forças e por permitir a conclusão deste trabalho que é mais uma etapa de minha vida.

À minha mãe, pela companhia, compreensão e apoio principalmente nesse período.

À Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão, minha orientadora, pela atenção, compreensão, incentivo e pelas valiosas contribuições nas orientações. Obrigada por acreditar que eu conseguiria!

À minha prima Célia, por todo apoio e generosidade em me ajudar.

Às professoras Vanessa e Rebeca, sujeitos dessa pesquisa, pela disponibilidade e generosidade em contribuir com meu trabalho.

A todas as crianças com as quais eu aprendi e convivi na minha trajetória profissional.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu concluísse esse trabalho.

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO.....</u>	<u>8</u>
<u>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</u>	<u>13</u>
<u>3. METODOLOGIA</u>	<u>17</u>
<u>3.1. A abordagem metodológica da pesquisa.....</u>	<u>17</u>
<u>3.2. A Pesquisa de campo</u>	<u>17</u>
<u>3.3. As observações.....</u>	<u>18</u>
<u>3.4. As entrevistas</u>	<u>19</u>
<u>4. ANÁLISE DOS DADOS</u>	<u>21</u>
<u>4.1. Caracterização da instituição pesquisada.....</u>	<u>21</u>
<u>4.2. Descrição dos sujeitos.....</u>	<u>23</u>
<u>4.3. Caracterização da prática das professoras.....</u>	<u>24</u>
<u>4.3.1. Rotina de sala.....</u>	<u>28</u>
<u>4.4 As concepções das professoras</u>	<u>38</u>
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>52</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>54</u>
<u>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</u>	<u>56</u>
<u>APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO</u>	<u>57</u>
<u>ANEXO A</u>	

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Educação Infantil vem conquistando mais espaço para discussões e debates. A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, assim como outras leis e decretos, representam bem essa conquista.

Antes a concepção de Educação Infantil era assistencialista, sendo vista como um favor, pois atendia crianças pobres de mães que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos. As funções da Educação Infantil se limitavam ao cuidado, bem-estar e higiene das crianças. A prática pedagógica era uma prática disciplinadora.

Hoje a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e é direito de toda criança de zero a cinco anos de idade, sendo obrigatória dos quatro a seis anos. A concepção de Educação Infantil mudou, pois visa o desenvolvimento integral da criança, em todos os seus aspectos (físico, cognitivo, motor, psicológico e o social). O cuidar e o educar são indissociáveis. A criança possui direitos desde o seu nascimento.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) também contribuiu para os avanços na Educação Infantil, pois orienta em vários aspectos os profissionais da área em suas práticas: currículo, conteúdo, metodologia, avaliação, a fim de promover uma educação de qualidade e possibilitar o desenvolvimento integral da criança. Não tem um caráter obrigatório, mas sim norteador.

Buscando obter um padrão na qualidade na Educação Infantil, o Ministério da Educação (MEC) elaborou o documento Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006). Este documento estabelece os parâmetros quanto à proposta pedagógica, à gestão das instituições da Educação Infantil, às professoras e demais profissionais da instituição, às interações entre professoras e gestores e à infraestrutura das instituições de Educação Infantil.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2010) têm caráter mandatório, ou seja, são normas que orientam o planejamento, o desenvolvimento da prática e a avaliação curricular da ação junto às crianças. Desta forma, as Diretrizes determinam que as práticas pedagógicas que compõem a proposta pedagógica tenham como eixos norteadores as interações e brincadeiras, garantindo experiências apontadas no artigo 9º da Resolução nº 5 de 2009, por exemplo, experiências “[...] que promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais

que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança (BRASIL, 2010, p. 25)”.

Todos esses avanços se efetivaram na teoria, nas leis e nos decretos, mas ainda falta muito para que se coloquem tais avanços em prática em muitas instituições de educação. É preciso buscar ações ou medidas para efetivação dessas conquistas.

O interesse pela Educação Infantil teve início na primeira experiência que tive em sala de Educação Infantil em um Centro Educacional Infantil (CEI), localizado no município de Caucaia. Essa experiência pôde ser aproveitada para o estágio supervisionado, pois coincidiu ocorrerem na mesma época. A primeira experiência que tive na Educação foi em creche, com crianças na faixa etária dos dois aos três anos de idade. O espaço era pequeno, mas bem acolhedor. Foi uma experiência feliz, marcante, porém temporária.

Como todo começo foi difícil, principalmente porque assumi a turma sozinha, sem professora titular que me orientasse. Tinha dúvidas, questionamentos, autocrítica, ao mesmo tempo que tentava colocar em prática tudo que eu tinha aprendido até aquele momento.

Convocada no concurso público para o cargo de professora efetiva da Prefeitura de Maracanaú/CE assumi turmas do Ensino Fundamental durante um período de cinco anos. Após esse tempo retornei em 2011 para a Educação Infantil, dez anos após minha primeira experiência com Educação Infantil.

O trabalho como professora de Educação Infantil requer muita sensibilidade, criatividade, muito estudo e embasamento teórico, ou seja, não é uma tarefa simples. Infelizmente, muitas pessoas ainda têm aquela visão errônea de que Educação Infantil é apenas o cuidar. Alguns usam a seguinte expressão: Educação Infantil é “só” brincar, afirmação que transmite a ideia de que o professor de educação infantil não trabalha ou educa, mas apenas brinca com seus alunos. É como se essas pessoas só valorizassem a educação transmitida do Ensino Fundamental em diante ou acreditassem que só nesse período o ensino realmente é transmitido.

Continuei trabalhando em creche até esse momento, sendo muito bem acolhida pelas crianças, as quais são encantadoras. Desde que eu comecei a trabalhar com Educação Infantil, além do estudo sistemático, criei o hábito de pesquisar na internet diversas formas de proporcionar um ambiente acolhedor, rico de várias atividades para serem desenvolvidas em sala, objetivando, assim, melhorar minha prática e possibilitar que as crianças aprendam de forma significativa. Esse hábito foi intensificado quando ingressei na Educação Infantil.

Em 2014 assumi uma turma de Infantil 5, pois a turma de creche deu lugar a uma turma de 2º ano. Também nesse ano foi implementada no município a Lei nº 11.738/2008, que instituiu o Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica, que prevê um terço da carga horária dos professores para atividade extraclasse e planejamento. A solução encontrada pelo município para que esta lei fosse cumprida foi colocar duas professoras em uma única turma, alternando o horário extraclasse delas.

Não achei viável essa medida para a Educação Infantil, porque vejo que dificulta o processo de inserção da criança. Como se tornaria possível para uma criança criar um vínculo afetivo havendo essa alternância de professoras, algo que é próprio da idade infantil? Desenvolvo minhas atividades em sala dois dias da semana (nas terças e sextas) e a outra professora nos outros três dias. Como dar continuidade às experiências já iniciadas? Como a criança lidará ao perceber duas maneiras distintas de lhe tratar, de lhe educar?

Compreendo minha prática orientada pela abordagem construtivista, sendo norteada pelo artigo 9º da Resolução nº 5/2009, que fixa as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil. A abordagem construtivista é inspirada nas ideias de Jean Piaget e propõe a participação ativa da criança em seu próprio aprendizado. A criança constrói o conhecimento a partir de suas experiências, suas descobertas, suas interações com o outro e com o mundo. Tudo isso ficaria prejudicado.

Nessa abordagem construtivista, a criança aprende vivenciando, criando, experimentando, e não apenas recebendo informações. O papel do professor é mediar o processo de aprendizagem, orientar, criando situações para que a criança possa construir o seu conhecimento. O professor deve instigar a curiosidade e a criticidade da criança.

Busco desenvolver atividades que sejam significativas para a criança. Percebo que a prática da outra professora da mesma sala é naturalmente diferente da minha, aproximando-se de uma prática tradicional, ou seja, que não se preocupa se determinada atividade está sendo significativa para as crianças.

Escolarização, como o próprio nome já sugere, tem esse perfil de escola tradicional, preocupada com conteúdo e com acumulação de conhecimentos importantes como preparação para o Ensino Fundamental. É próprio desse perfil também acelerar o processo de aprendizagem da criança, sem se preocupar com as especificidades das crianças.

Partindo dessa problemática que estou vivenciando em sala desenvolvi um interesse em pesquisar as Práticas Pedagógicas na Educação Infantil, visto que são estas

práticas que despertam ou não o interesse das crianças e, conseqüentemente, contribuem para que as crianças se desenvolvam.

Hoje vejo o quão importante é a prática pedagógica. Ao longo desses oito anos de experiência aprendi muito e fui construindo minhas próprias práticas, minhas concepções de educação de crianças. Quanto mais conhecimentos conquistados, mais desafios a enfrentar, e é difícil ver tantas coisas contrárias àquilo em que se acredita.

Testemunho práticas sendo desenvolvidas com esta abordagem tradicional, onde se pretende antecipar a escolarização das crianças e essas práticas são vistas como certas. Vejo muitos profissionais acomodados, sem senso crítico, sem uma visão transformadora da atual situação educacional do país. Estou consciente de que preciso continuar aprendendo para desenvolver melhor meu trabalho junto às crianças, contribuindo de fato com seu desenvolvimento e aprendizagem.

Pensando na importância de uma prática pedagógica significativa para o desenvolvimento das crianças, estabeleci como objetivo geral desta pesquisa investigar a prática pedagógica do professor de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas que fossem importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Os objetivos específicos são: caracterizar a prática pedagógica desenvolvida na Educação Infantil, avaliar se a essa prática está baseada em proposta pedagógica que siga as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010), investigar a perspectiva da professora sobre sua prática pedagógica e compreender as concepções que embasam essa prática. Acredito que esta pesquisa pode contribuir para a discussão sobre a necessidade de uma prática pedagógica diferenciada que amplie as potencialidades das crianças.

O presente trabalho foi estruturado em cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma:

O primeiro capítulo, que compreende a introdução da pesquisa, traz um pouco da legislação relacionada à Educação Infantil e explicita o meu interesse em estudar a prática pedagógica do professor.

No segundo capítulo é apresentado o referencial teórico, o qual é constituído principalmente por alguns documentos do MEC, tais como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, mas também apoia-se em teóricos como Ariès (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira

(2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), sobre concepções de crianças e prática pedagógica do professor de Educação Infantil.

O terceiro capítulo descreve todo o percurso metodológico utilizado na pesquisa de campo, incluindo a escolha do tipo de abordagem da pesquisa, a descrição dos sujeitos, a caracterização da instituição escolar e as informações sobre as técnicas utilizadas para obtenção dos dados.

O quarto capítulo traz a análise dos dados da pesquisa, ou seja, as concepções e perspectivas das professoras entrevistadas em relação às suas práticas pedagógicas.

O quinto e último capítulo trata das considerações finais sobre esta pesquisa, trazendo comentários e reflexões acerca do tema: a prática pedagógica na Educação Infantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Antigamente, a criança não era vista como um sujeito histórico e social. Segundo Ariès (1981), a criança era vista como um adulto em miniatura. Não consideravam as características próprias da infância, pois não tinham consciência de suas particularidades.

Após estudos de Ariès (1981) e Heywood (2004), as discussões sobre a infância se intensificaram, contribuindo para novos estudos e debates sobre o assunto. Atualmente, a concepção de criança mudou e passou por grandes avanços. Muniz (1999, p. 244) argumenta que “a noção de infância tal como conhecemos hoje, é um conceito relativamente novo [...] o olhar sobre a criança e sua valorização não ocorreram sempre da mesma maneira, mas de acordo com a organização de cada sociedade.”

Como no decorrer dos anos as concepções de Educação Infantil e de criança apresentaram perspectivas divergentes com relação ao trabalho com os conhecimentos em áreas específicas, faz-se necessário elucidar alguns conceitos dessa área da educação, a fim de organizar e sistematizar uma prática educativa de qualidade.

Percebendo essa divergência, o Ministério da Educação (MEC) elaborou diferentes documentos, que contribuíram para fundamentar e orientar as professoras de Educação Infantil na sua prática pedagógica. Dentre esses documentos constam, especialmente, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, os Parâmetros Nacionais da Qualidade para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e demais documentos legais. Pesquisas de teóricos e estudiosos da área também são fundamentais para refletir sobre os avanços alcançados, assim como para identificar aspectos que ainda precisem ser aprimorados.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil conceitua criança da seguinte forma:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

Esse conceito retrata a maneira como a criança é vista atualmente. A criança desde seu nascimento é um cidadão de direitos. Ela é o sujeito no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Esse Referencial Curricular (BRASIL, 1998) apresenta-se como um dos documentos pioneiros elaborados com o intuito de orientar os professores de Educação Infantil em seu trabalho educativo. Ele também serve de subsídio para elaborar um currículo que possa abranger todas as áreas do conhecimento necessárias para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Essas áreas de conhecimento estão estruturadas em dois âmbitos de experiências: formação pessoal e social e conhecimento de mundo, sendo esta última formada por sete eixos de trabalho: Identidade e Autonomia, Movimento, Artes Visuais, Música, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Outro documento pioneiro no cenário educacional brasileiro foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 1999). Dez anos após, ou seja, em 2009, essas Diretrizes foram revisadas pelo Conselho Nacional da Educação (CNE) por meio de uma ampla discussão nacional, que culminou na elaboração do Parecer CNE/CEB nº 20/2009 que, por sua vez, orientou a criação das novas DCNEI.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) orientam a ação contínua do professor. Elas trouxeram as definições de Educação Infantil, de criança, de currículo e de proposta pedagógica.

Educação Infantil:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção (p. 12).

A primeira etapa da Educação Básica antes atendia em uma perspectiva assistencialista, ou seja, as práticas desenvolvidas preocupavam-se com o cuidar e esqueciam o educar. Hoje, essas ações são vistas como indissociáveis. Quando cuidamos, educamos, vice-versa.

Criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja,

aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

A criança é participante, ativa, pois desde o nascimento ela vivencia experiências através da interação, seja com adultos ou com outras crianças. Dessa forma ela se desenvolve e desenvolve seu aprendizado.

Currículo:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p.12)

Proposta Pedagógica:

Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar ((BRASIL, 2010, p. 13)

Tendo esses conceitos bem definidos, a professora de Educação Infantil deve estar ciente de seu papel, refletindo e avaliando-se, possibilitando desenvolver sua prática de forma mais eficaz para a obtenção de resultados satisfatórios. Oliveira afirma que:

O professor nem sempre se dá conta do quão importante é o seu papel, a sua atuação, para a vida dos alunos e, não tendo essa clareza, desempenha sua função, ano após ano, sem refletir sobre sua prática. Um dos motivos dessa postura adotada pelo professor em relação a sua profissão é, com certeza, a defasagem de escolaridade desses profissionais (2007, p. 178).

De acordo com Veiga (1992, p. 16), prática pedagógica é

[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização.

Segundo as DCNEIs, as práticas pedagógicas da professora devem promover o desenvolvimento integral da criança por meio de experiências de aprendizagem que compõem a proposta curricular, tendo como eixos norteadores a interação e a brincadeira, visando garantir experiências que:

- Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

- Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;
- Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;
- Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;
- Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
- Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
- Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;
- Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;
- Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos (BRASIL, 2010, p. 25-27).

Todas essas experiências são fundamentais que as crianças possam vivenciar no cotidiano da instituição de Educação Infantil, porque ampliam suas possibilidades de aprendizagem. Para isso, o professor precisa aprimorar seus conhecimentos sobre sua ação pedagógica junto às crianças, contar com o apoio da coordenação pedagógica e participar de grupos de formação continuada.

3. METODOLOGIA

Este capítulo se propõe a apresentar os passos percorridos para elaborar e realizar a pesquisa de campo. Aqui são descritos a abordagem metodológica, a pesquisa de campo, as observações, as entrevistas, os sujeitos e o local da pesquisa.

3.1. A abordagem metodológica da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa e os dados foram coletados a partir da observação da prática pedagógica de professoras, bem como de entrevistas com as mesmas.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser aquela que “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes” (MINAYO; GOMES, 1993, p. 21)

Por meio dela, foi possível compreender e analisar as concepções e perspectivas das professoras observadas sobre suas práticas. A escolha por essa abordagem se deu por esta priorizar o processo e não os resultados da pesquisa e também por não buscar enumerar ou medir eventos, mas sim descrever de forma analítica, através do contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo.

3.2. A Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada no período de quatro a doze de Dezembro de 2014 em uma creche do município de Caucaia. Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras dessa instituição, que trabalham na mesma turma de Infantil 3. Para a coleta de dados, foram utilizadas duas técnicas: a entrevista semiestruturada e a observação.

Partindo dessas técnicas, foram utilizados alguns instrumentos para coletar os dados. São eles: roteiro de entrevista, gravador, roteiro de observação e diário de campo. Sem esses instrumentos seria difícil organizar e analisar posteriormente todas as informações coletadas.

A escolha por essa turma de Infantil 3 (crianças de 2 a 3 anos) se deu por me identificar e ter mais experiência com essa faixa etária da Educação Infantil, já que trabalhei por três anos com turmas de crianças dessa idade.

A escolha pela instituição deu-se por dois motivos: o primeiro deles foi o fato de eu não fazer parte do quadro de funcionários. O segundo foi ter meu acesso à creche facilitado por intermédio da coordenadora da escola matriz deste anexo.

3.3. As observações

Uma técnica de extrema importância para o trabalho de campo de uma pesquisa qualitativa é a observação. Minayo e Gomes (1993, p. 70) definem observação como “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.”

As observações visaram investigar e caracterizar a prática das professoras e, a partir delas, analisar ações importantes que foram desenvolvidas, a fim de propiciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Nesse sentido, foi fundamental a utilização do diário de campo para registrar todo o desenvolvimento desse trabalho. O diário de campo é um instrumento de registro diário indispensável para realizar uma pesquisa. Segundo Minayo (1993, p. 100) é nele que

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais.

Outro instrumento utilizado na pesquisa foi o roteiro de observação, que serviu para concentrar minha atenção no objeto de estudo, evitando perda de alguma das informações adquiridas e auxiliando na organização dos dados coletados.

O período das observações foi de 7 (sete) manhãs seguidas, e as observações tiveram duração média de três horas diárias. Embora a maior parte do tempo tenha sido de observação em sala foram também realizadas observações em outros espaços da escola, como no pátio, na sala dos brinquedos e na sala dos professores, onde outras atividades foram desenvolvidas, inclusive o planejamento da professora observada.

Todas as informações coletadas nesse período foram organizadas para que fosse possível fazer uma análise posterior juntamente com os dados obtidos nas entrevistas, objetivando caracterizar a prática pedagógica das professoras observadas.

3.4. As entrevistas

Além das observações, também foi realizada uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente elaborado, para coleta dos dados desta pesquisa com cada professora observada.

A escolha por esse tipo de entrevista deu-se por ser caracterizada por uma “série de perguntas abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimentos” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188)

Triviños (1987, p. 152) afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

A primeira entrevista foi realizada com a professora Vanessa¹ na sala dos professores e teve uma duração de aproximadamente 50 minutos. Antes do início das perguntas, foi pedida a autorização da professora para gravar a entrevista, com o intuito de não perder-se nenhuma informação fornecida. Garantiu-se que seu nome seria preservado. A professora entendeu e aceitou prontamente.

Percebeu-se em alguns momentos que a professora não estava à vontade e que, muitas vezes, não compreendia o que lhe era perguntado, sendo necessário repetir a pergunta ou explicar com outras palavras. A professora não parecia estar familiarizada com alguns termos da área de Educação utilizados no roteiro da entrevista.

A segunda entrevista foi realizada com a professora Rebeca¹, na mesma sala na qual ela trabalhava. Antes de iniciar a conversa, solicitou-se sua permissão para utilização do gravador de voz. Esclarece-se igualmente a ela sobre o sigilo de sua identidade e ela também aceitou prontamente. Sendo ela mais expansiva, comunicativa, Rebeca demorava a responder. Observou-se que ela algumas vezes ficava pensando ou procurando a palavra certa para responder, em outras perguntas relatava alguns fatos vividos. Dessa forma, essa segunda entrevista foi mais demorada (aproximadamente 3 horas de duração).

¹ Os nomes são fictícios para efeito de sigilo.

Entrevistar as professoras foi uma experiência muito proveitosa, sendo de extrema importância o uso do gravador de voz, pois assim obteve-se a entrevista na íntegra para posteriormente as respostas serem organizadas e analisadas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo destina-se a apresentar e analisar os dados coletados a partir das técnicas de pesquisa utilizadas para esclarecer o significado do objeto de estudo, seja qual for a prática pedagógica do professor de Educação Infantil. Neste capítulo também caracterizaremos a instituição e discorreremos sobre as professoras analisadas. Bastos (2004, p. 56) afirma que “na análise detalham-se mais os dados a fim de conseguir respostas às indagações. Na interpretação procura-se dar um significado mais amplo às respostas, ligando-as a outros conhecimentos”.

4.1. Caracterização da instituição pesquisada

A instituição está situada em um bairro periférico de um município próximo a Fortaleza, em uma área calma quanto ao trânsito de veículos, fato positivo por se tratar de um local de concentração infantil. Fundada por religiosas, a escola funciona há vinte e cinco anos e atende crianças de dois a seis anos em período parcial, distribuídas em quatro turmas, de acordo com a faixa etária.

No período da manhã, funcionam duas turmas: a do Infantil 2, com crianças de dois anos e a do Infantil 3, com crianças de três anos. No período da tarde, atende as turmas do Infantil 4 e Infantil 5. As crianças moram nas redondezas da escola.

A escola possui quatro salas, sendo uma delas, a “sala dos brinquedos”, outra é utilizada como depósito para guardar materiais permanentes e apenas duas funcionam com as crianças, como salas de aula. Há um banheiro, uma sala dos professores, uma sala de informática, um pátio aberto, uma casinha com escorregador e uma cozinha.

As salas são espaçosas, porém pouco ventiladas. As cadeiras não são apropriadas para as crianças, pois são altas e nada confortáveis.

Na sala havia as cadeiras das crianças, um quadro branco, um birô da professora e um armário fechado com duas portas, onde eram guardados livros e diversos materiais escolares, como tinta guache, pincéis, cola colorida, lápis de escrever, lápis de cor etc. Ao lado dessa estante havia outra, aberta e com alguns brinquedos, como bola, boneca, cavalinho, etc. A sala não era muito decorada, mas tinha alguns enfeites natalinos na porta e na lousa, nas paredes havia uma decoração com o desenho do Papai Noel, tarefas das crianças, um papel madeira com a rotina da sala, um cartaz com o alfabeto e um porta-livros.

A equipe escolar é formada por três professoras concursadas e uma professora temporária, um porteiro, dois vigias, uma merendeira, uma auxiliar de serviços gerais. No momento a escola não dispõe de coordenador.

Vale ressaltar que a escola pesquisada é anexa e atende exclusivamente à Educação Infantil. Leitão (2002, p. 62) conceitua esse tipo de instituição da seguinte forma:

As escolas anexas são prédios alugados pela prefeitura ou a ela cedidos, para absorver a clientela da escola patrimonial, que não tem condições de atender a demanda existente. A prefeitura, então, firma convênios, mantendo uma relação que atende a critérios financeiros (energia, telefone, água, merenda escolar e conservação parcial do prédio) e relacionados aos recursos humanos (professoras, pessoal de apoio e coordenadora).

Em 2000, a instituição firmou convênio com a prefeitura, era patrimonial e atendia até os três primeiros anos do Ensino Fundamental, mas no período de Janeiro a Abril de 2014 ela foi fechada e voltou a funcionar somente com Educação Infantil. Como não havia outra professora para as turmas de Infantil 2 e 3, desde a reabertura da instituição (Maio de 2010) as crianças dessas turmas estão sendo liberadas mais cedo, por volta das 9h30min. Essa situação acontece com mais frequência do que se pode imaginar, pois a maioria dos municípios não valoriza a segunda professora da sala, pagando um valor bem abaixo do salário mínimo. Se desvalorizam este profissional, conseqüentemente também estarão desvalorizando os demais profissionais da área, pois essa postura acaba comprometendo o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. A professora de Educação Infantil precisa dividir suas atividades com outra professora, pois as crianças pequenas precisam de muita atenção. As crianças de dois e três anos ainda não têm o controle esfinteriano, sendo necessário, dessa forma, o acompanhamento de um adulto. E como fazer isso sem deixar as outras crianças sozinhas? Como estar em dois lugares ao mesmo tempo? Liberar mais cedo não resolve essa situação e ainda compromete o tempo que as crianças dispõem para seu desenvolvimento e aprendizagem. O ideal de fato seria ter outra professora em sala para dividir as atividades e dar uma atenção maior para as crianças.

A chegada à creche quase sempre coincidia com a chegada de algumas crianças, que vinham acompanhadas de seus pais, mães, tias, avós ou irmãos, por volta das 6h50min. Antes dessa chegada, a professora já se encontrava na escola. Ora estava em sala, organizando suas coisas, ora nas demais dependências para conversar com as outras funcionárias. Vanessa vai à escola caminhando, pois mora perto da instituição.

As crianças chegavam, entravam logo para sua sala, e seus acompanhantes iam embora. As observações foram feitas a partir de uma cadeira perto da porta, de costas para a lousa e de frente para as cadeiras das crianças, de onde havia ampla visualização e dessa forma nenhum detalhe importante seria perdido.

4.2. Descrição dos sujeitos

A professora Vanessa, concursada do município de Caucaia, tem 45 anos, é casada e tem uma filha de 14 anos. Ela formou-se em Pedagogia em 2001, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Não tem pós-graduação.

Leciona há 28 anos e só este ano iniciou sua docência na Educação Infantil, mesmo contra sua vontade. Foi bem clara quando disse que não gosta da Educação Infantil e que só está nessa etapa da educação no momento visto que, se não aceitasse, teria que ir para outra escola. Sempre lecionou no Ensino Fundamental, etapa com a qual se identifica mais. No próximo ano ela será readaptada, provavelmente por causa do tempo de serviço e também por motivos de saúde.

Rebeca é professora contratada do município de Caucaia, tem 44 anos, é casada e tem três filhos: um de 19 anos, outro de 21 e o mais velho de 25 anos. Ela se formou em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em 2001. Em 2008, fez por meio da mesma universidade um curso de Especialização em Gestão de Pessoas em Organizações Públicas. Mesmo essa pós-graduação não sendo na área da educação, ela reconhece que é um conhecimento a mais que lhe auxiliará de alguma forma no seu trabalho.

Leciona há aproximadamente 10 anos, incluindo instituições públicas e particulares, e há 4 anos iniciou sua docência em Educação Infantil. Exerce cargo de professora PAI (Professor de Atividade Interdisciplinar). Esse cargo foi criado com a finalidade de garantir aos professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental a distribuição 20% (vinte por cento) da carga horária para horas de atividades pedagógicas extraclasse, como no caso, os planejamentos semanais.

A função do PAI era trabalhar as disciplinas de Arte, Recreação, Religião e Linguagem, com base no currículo das instituições. O que difere o professor titular do professor PAI é a proposta de trabalho, pois este trabalharia os assuntos das disciplinas citadas e assuntos de interesses das crianças. É contraditório falar em interdisciplinaridade e

determinar que este professor deva trabalhar quatro disciplinas. Na Educação Infantil não se separam as áreas de conhecimento: todas estão interligadas.

Rebeca fica só um dia por semana nessa turma do Infantil 3, turma da presente pesquisa. Ela gosta de ser professora PAI, mas afirma ser importante o diálogo constante com a professora regente, para que ela consiga dar continuidade às atividades já iniciadas.

4.3. Caracterização da prática das professoras

Prática pedagógica é o fazer diário do professor, é um conjunto de ações articuladas que visam promover o desenvolvimento integral das crianças.

O Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas - CEI (CEARÁ, 2011, p. 34) define que: “as práticas pedagógicas são experiências que articulam os saberes das crianças com conhecimentos: cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.”

Sobre esse assunto, Vanessa respondeu: “É o ensinar. É o ensinar em geral, não só no conteúdo, mas também ensinar com a parceria da família. Eu e a família lutando juntos pela educação. O professor tem que incentivar a criança”².

Para Vanessa, prática pedagógica é o “ensinar”, é o transmitir o conteúdo e preparar as crianças para os anos posteriores, mesmo que, para isso, ela esqueça do presente e deixe passar essa fase tão rica e tão determinante para a formação das crianças. Complementou dizendo que precisava da parceria da família. Ela afirmou que o professor deve incentivar a criança, no entanto, esse incentivo não acontece em sua prática. Sobre o objetivo de sua prática pedagógica, Vanessa respondeu: “Meu objetivo é transmitir tudo que eu aprendi. Já para os pequenos eu transmito através do amor, do carinho”².

A professora falou que o objetivo de sua prática é “transmitir através do amor” e colocar-se como uma pessoa que transmite conhecimentos. Em seu discurso e em sua prática, Vanessa parecia desconhecer que seu papel deveria ser de mediadora de experiências significativas para as crianças. A palavra “transmitir” traz a ideia de que o receptor do conhecimento (a criança) não o possui (o conhecimento), o que não é verdade. Amar seria respeitar, escutar, conhecer a criança, trocar experiências. Para Dantas (2005, p. 2-3):

“Desconhecer as possibilidades da criança ou desconhecer a criança é uma forma de desamor. Então, de novo o Wallon nos ajuda quando diz que, a partir de um dado

² Informações verbais concedidas pelas participantes desta pesquisa, cujos nomes são fictícios para efeito de sigilo.

momento, amar a criança é conhecê-la. Aí, a gente tende a conhecer o que ama e amar o que conhece. Então, uma forma importante do amor é conhecer, saber o nome do cachorro dela, quantos irmãos ela tem. Saber que o Piaget diz que ela não pode acertar perguntas do tipo: “o que tem mais, pessoas ou mulheres?”, aos cinco anos. Então, é essa a forma mais requintada de amor que a gente precisa desenvolver em si mesma. E felizmente, eu acho que para nós profissionais, existe essa possibilidade de amor cognitivo, de amar uma criança simplesmente se informando como ela vive, quantos irmãos ela tem etc., porque a nossa profissão é, sob este aspecto, surrealista. É condição de trabalho pra nós, amar o nosso objeto de trabalho, “objeto” que deve ser o sujeito. Nós só podemos exercer a nossa profissão bem se nós amarmos as crianças. Se você não amar o seu “objeto” de trabalho você não realiza competentemente sua tarefa. Então é uma exigência pesada sobre nós”.

Vanessa relatou que tem conseguido alcançar seu objetivo por meio da roda de conversa. Essa sua fala não coincidia com o que foi observado durante a permanência na instituição, uma vez que esse momento não fez parte da sua rotina de sala.

Sobre o que ajuda e o que atrapalha na sua prática, Vanessa respondeu:

“O que atrapalha são os pais, tem uns que não ajudam. Eles não ajudam deixando os filhos soltos, livres, na rua. E eu acho que não é prender, mas a gente tem que botar uns limites. Tudo tem que ter seu limite. Tem a hora do almoço, tem a hora de dormir, tudo mais. A gente trabalha em área de risco, que aqui é considerado, e a partir do momento que elas deixam eles soltos, eles só vão aprender o que não é pra eles, o que não é pra idade deles ainda. Ajuda a parceria família e escola. Quando a família está presente, a aprendizagem da criança é completamente diferente e fica mais fácil da gente trabalhar. Existe a parceria com algumas, mas precisa melhorar”.

Para Vanessa, os pais tanto ajudam como atrapalham. Ajudam quando são presentes, dão uma maior assistência para os filhos e atrapalham quando não dão limites, não são presentes para acompanhar a aprendizagem na escola. Sem dúvida alguma, a parceria escola-família é fundamental e muito influencia nesse processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, mas não podemos culpar os pais pela ausência, pois muitas vezes eles também são vítimas de uma sociedade desigual e precisam de apoio. O fato é que a solução não está em procurar ou apontar um culpado para a situação.

O profissional tem sempre que refletir sobre sua prática e avaliar se está desempenhando bem seu papel. Perguntada sobre como avalia sua prática, Vanessa respondeu:

“Eu acho que a gente sempre tem que melhorar um pouco, tem sempre que se reciclar. Através de livros que a gente pode ler, então tem que melhorar bastante. A gente sempre tem que renovar. Não ficar sempre a mesma coisa. Tem que caminhar de acordo com o ritmo deles. Mesmo que você tenha que dar uma rasteirinha nas coisas pra eles não fazerem, mas tem que saber, né? Bem que a tecnologia mudou bastante, a gente tem que andar também. Não pretendo mudar não, minha filha! Continuo no diálogo, na conversa, mesmo. Eu continuo do mesmo jeito até me aposentar”.

Sua resposta foi confusa, pois ao mesmo tempo que diz que sempre temos que melhorar, mudar, acompanhar a tecnologia, ela diz que não pretende mudar e vai seguir fazendo uso do diálogo, da “conversa”. Vanessa pareceu entender por conversa aqueles momentos em que ela chama a atenção das crianças, dizendo por exemplo como devem comportar-se ou quando fala de bons hábitos. Ela falava, as crianças escutavam. Isso não podia ser chamado de roda de conversa, pois só uma pessoa falava, não existia interação. E por achar que essa sua prática estava certa, ela disse que vai continuar assim até se aposentar.

A outra professora entrevistada, a professora Rebeca, respondeu dessa forma quando questionada sobre o conceito de prática pedagógica: “É colocar em prática o planejamento, é o que você tem que fazer em sala. É você usar o que você planejou e praticar em sala de aula, fazer com que os alunos interajam com aquilo”³. É possível supor que a visão de Rebeca sobre a prática pedagógica parecia aproximar-se mais do que as Diretrizes Curriculares determinam, pois a professora ao menos citou um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas: a interação.

Quando indagada sobre os objetivos da sua prática, Rebeca disse que é “fazer com que o aluno vivencie, experimente, investigue, tenha curiosidade de perguntar, de reproduzir. O objetivo é a aprendizagem, é fazer com que a criança interaja”³.

De fato, Rebeca permitia mais que a crianças falassem, expusessem suas ideias, seus desejos. Ela promovia a participação ativa das crianças nas atividades. Percebeu-se que as crianças ficavam mais à vontade para se expressar e interajam mais. Mesmo com receio de que essa liberdade pudesse virar possível bagunça, a professora não voltava atrás. Quando perguntada se estava conseguindo alcançar seus objetivos, Rebeca respondeu:

“Em parte sim. É relativo, porque algumas crianças elas interagem bem. Já outras têm toda uma dificuldade de interagir, tem uma dificuldade de aprendizado mesmo. Porque não tem essa prática em casa, do chegar, fazer a tarefinha, ajudar. Às vezes a gente até vê que do jeito que a gente manda a tarefinha, no outro dia volta do mesmo jeito. Alguns não, a tarefinha vem feita, vem toda direitinha. Então os objetivos são alcançados sim quando a gente vê que a criança interage, que a criança participa, que a criança experimenta aquilo ali, que ela chega pra você e diz: Oh tia, eu já sei isso! Oh tia, eu já fiz! A gente vê o resultado ali do que a gente vem fazendo em sala de aula, vem colocando em prática e a criança vai interagindo, vai fazendo, vai participando, e a gente vê o resultado. De alguns não tanto como outros, mas a gente vê, sim, o resultado na oralidade, pois eles falam, eles contam histórias, tem o relato. Eu vejo que, principalmente com criança, que a gente acaba vendo muito a produção, a construção do saber, quando chega no final do ano a gente vê o resultado de cada um”.

³ Informação verbal

Rebeca disse que a dificuldade de interação e aprendizado de algumas crianças se devia ao fato de suas famílias não darem a devida atenção a elas, não ajudarem nas tarefas. A parceria família-escola é fundamental para ajudar a criança no processo de desenvolvimento e aprendizagem, mas não é possível afirmar que, na ausência de uma delas (família ou escola), a criança deixe de se desenvolver ou aprender. É preciso cautela ao julgar e colocar a culpa na família, pois seria preciso analisar cada caso isoladamente.

Em seguida a professora disse que alcançava seus objetivos à medida que a criança interagia, participava. Sobre o que ajuda e o que atrapalha na sua prática, Rebeca respondeu:

“O que ajuda é a gente ter o planejamento, pois não dá certo ir pra sala de aula sem planejamento. Tem professores que vão pra sala de aula sem planejar, pois já tem experiência, mas é mais seguro, mais correto e justo para o professor fazer o planejamento. O que atrapalha é a quantidade de alunos, pois geralmente ficamos com mais alunos do que é permitido. Ter muitos alunos na Educação Infantil é complicado para prender a atenção deles. E o que atrapalha também é a falta de acompanhamento dos pais.”

Para Rebeca, o planejamento ajuda na organização das atividades que serão realizadas, porque a partir dele são traçados os objetivos a serem alcançados. Apesar de não observado o momento do planejamento de Rebeca, percebeu-se na sua prática uma segurança maior ao realizar as atividades com as crianças. No dia da observação, notou-se que suas atividades não saíram conforme ela tinha planejado, pois as tarefas xerocadas daquele dia demoraram a ser entregues. Então ela explicou o ocorrido para as crianças, dizendo que a outra professora realizaria em outro momento esta atividade.

Um fator que atrapalha, apontado por Rebeca, seria a grande quantidade de crianças em sala, pois geralmente excede o limite determinado pela Lei nº 12.796/2013. Ao avaliar sua própria prática Rebeca respondeu:

“É uma avaliação constante. Eu faço o planejamento, busco colocar o planejamento em prática. A minha prática de aula eu tenho caminhado com humildade, eu gosto do meu trabalho, de como eu faço, eu estou sempre buscando melhorar, conversar, trazer coisas novas. A avaliação que eu faço da minha prática de aula é boa, porque eu estou sempre buscando fazer uma coisa diferente, buscar na internet uma novidade, uma música nova, que coloque as crianças para ampliar seus conhecimentos.”

Rebeca avaliou sua prática como boa, pois está associada ao planejamento, pesquisas de novidades na internet e busca de melhorias, a fim de ampliar os conhecimentos das crianças.

4.3.1. Rotina de sala

Buscando caracterizar a prática das professoras, faz-se necessário conhecer suas rotinas de sala. Desse modo, é importante entender o que é rotina e como ela deve ser organizada.

Para Barbosa (2006, p. 35), “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver um trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”.

Rotina então é o modo como o docente desenvolve sua prática pedagógica, é o modo como se organiza o tempo, o espaço e materiais para promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Sabendo disso, o Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas (2011, p. 52) traz esta sugestão dos tempos que não podem faltar em uma rotina:

DEZ TEMPOS QUE NÃO PODEM FALTAR NA ROTINA...

1. Tempo de chegada e saída das crianças
2. Tempo de água e alimentação
3. Tempo de higiene e descanso
4. Tempo de exploração e construção de conhecimento de si e do mundo
5. Tempo de rodas de conversa
6. Tempo de história
7. Tempo de brincadeira
8. Tempo de parque
9. Tempo de areia
10. Tempo de atividades diversificadas

A rotina de Vanessa começava cedo. Antes das 7h00min da manhã ela já se encontrava na escola e ficava à espera das crianças, que entravam de 07h00min até 07h30min. Dessa forma, a professora só iniciava as atividades às 7h30min. Observou-se que as crianças que já haviam chegado ficavam esperando ociosas. A disposição das cadeiras era em forma de semicírculo. Como havia cadeiras em grande quantidade, sobravam muitas cadeiras vagas e algumas crianças ficavam distantes umas das outras, dificultando a interação entre elas.

Vanessa acolhia as crianças com um sorriso, algumas vezes fazia um breve comentário, outras vezes, tecia algum elogio. Logo após ia organizar suas coisas, alguma tarefa ou até mesmo ficava na porta da sala, vendo o movimento.

Passados os trinta minutos, a professora iniciava as atividades dizendo assim: “Bom dia, papai do céu! A aula vai começar, quero que o Senhor venha conosco ficar.” Em seguida vinha a oração do anjo da guarda e da Ave Maria. Vanessa impôs a religião católica

nas orações e em outras atividades com temas religiosos. Certo dia, dando continuidade a esse momento, a professora pegou um livro de orações e leu uma delas. No meio da oração, quando dizia “perdoe agir de modo errado”, a professora parou de ler para chamar a atenção de uma criança que ela considerava agir dessa maneira e depois concluiu a leitura. A professora parecia não entender que atitudes como essas constrangiam as crianças e não contribuíam para a construção de uma autoestima positiva. Infelizmente, esses constrangimentos voltavam a acontecer em outros momentos do dia.

A atitude de Vanessa de impor sua religião e doutrinar às crianças é contrária ao direito que elas têm de serem respeitadas em sua diversidade religiosa. Toda instituição deve acatar e acolher todas as crenças das famílias e não impor uma só. Quando foi indagada sobre o momento que ela mais gostava em sua rotina, Vanessa respondeu:

“O momento da acolhida, da oração, pois eu sou uma católica convicta. O momento da oração que eu estou com Cristo e junto com eles. É o momento que eu vou explicar que Jesus está perto de nós e quando tem uma, duas, três pessoas falando nele, Ele está presente. Pra mim esse é o momento que a minha sala já fica abençoada.”

Terminadas as orações, a professora cantava algumas músicas. Esse era um momento bem rápido, pois não passava de três cantigas por dia. Eis algumas delas: “Jesus Cristo está passando por aqui”, “Janelinha”, “De abóbora faz melão”, entre outras.

Depois das músicas, a professora já começava a explicar as tarefas xerocadas. Algumas vezes a explicação era na lousa. A maior parte do tempo era destinada para a realização dessas atividades já prontas.

Geralmente, essas atividades estavam relacionadas com o tema que ela estava trabalhando em sala. Como vivíamos o período do Natal, Vanessa escolheu um repertório de atividades com esse tema. No primeiro dia de observação, foi proposta uma tarefa para as crianças, que consistia em pintar o Papai Noel, colar algodão na sua barba, pintar e cobrir o pontilhado da letra N. A professora ausentou-se da sala por alguns instantes para providenciar o material necessário (no caso, o algodão). Durante a realização da atividade, uma criança riscou o desenho. A professora logo o repreendeu, dizendo que não era para fazer aquilo e lhe entregou outra folha. As crianças fizeram a tarefa, mas sem esboçar muito entusiasmo. Algumas terminaram logo e ficaram correndo na sala, mas por pouco tempo, pois novamente a professora os repreendeu, dizendo que não era para correr. Elas então pararam.

Em todos os dias observados, as atividades xerocadas resumiam-se em: pintar um desenho já pronto, colar, cobrir pontilhados de letras ou números. A diferença se dava na

quantidade, pois houve dias que ela realizou três ou quatro tarefas seguidas. Algo bem cansativo, nada significativo e interessante para as crianças e que contribuíssem para seu desenvolvimento.

Dois fatos chamaram atenção na sua prática relacionada às tarefas prontas: certo dia, a professora informou aos pais que as crianças iam sair mais cedo, pois era semana de “provinhas”. Noutro dia, informou também às crianças da mesma forma, ou seja, aquelas atividades foram tratadas como se fossem avaliações, a que se atribuem notas. Será que a criança pode ser avaliada por uma simples atividade realizada? A professora parecia desconhecer que a avaliação se dá de forma contínua, por meio de observações e registros da professora. Acredita-se que a essas atividades não foram atribuídas notas, mas a forma como foram mostradas parecia revelar a preocupação da professora com a preparação das crianças para o Ensino Fundamental. Vale ressaltar que se trata de uma turma de Infantil 3.

O outro fato também chamou a atenção foi o modo como a professora intervinha quando as crianças estavam realizando as tarefas. Algumas vezes ela antecipava a solução do desafio e respondia no lugar da criança (por exemplo, no momento de uma atividade de pintura, quando fez um rabisco na folha para indicar a cor que a figura deveria ser pintada). Outras vezes, ela deixava a criança escolher a cor. Se a atividade era para cobrir o pontilhado, a professora iniciava com o intuito de mostrar como deveria ser feito. Outras vezes, pegava na mão da criança para lhe ajudar a fazer. Percebeu-se essas intervenções não como uma forma de ajuda, mas sim como uma garantia de que a tarefa sairia do jeito que ela esperava, ou seja, que a tarefa ficasse conforme os padrões. Na verdade, agindo dessa forma, a professora não estava respeitando a criança.

Finalizadas as atividades gráficas já estava na hora do lanche, que sempre começava por volta das 09h00min da manhã. Quando sobrava tempo antes do lanche, a professora levava as crianças para a sala dos brinquedos. A sala dos brinquedos era espaçosa, igual às outras, mas com a diferença de ser um espaço reservado para as brincadeiras das crianças. Na sala, havia uns colchonetes empilhados e alguns brinquedos, tais como: cavalinhos, carrinhos, bonecas e bolas. Não havia muita variedade nem muita quantidade, mas com certeza era um bom espaço para se brincar. Enquanto as crianças brincavam, as professoras ficavam sentadas perto da porta, ora olhando as crianças, ora conversando entre si.

As crianças lanchavam no pátio, sentadas no chão ou em uma mesa de refeitório feita de madeira, um local totalmente inapropriado e nada higiênico. Toda a equipe escolar via aquilo e não tomava nenhuma providência. Logo após o lanche, vinha o recreio.

O recreio acontecia no pátio e durava em média de quinze a vinte minutos. As crianças corriam no pátio ou brincavam na casinha com escorregador. As funcionárias da escola ficavam encarregadas de olhar as crianças, enquanto Vanessa aproveitava esse tempo para lanche. Apenas quando acontecia alguma eventualidade a professora olhava o recreio das crianças. Perguntada sobre qual o momento que as crianças gostavam mais, eis a resposta de Vanessa:

“O momento de brincar, com certeza. As crianças de cinco anos muito não, mas as crianças de três anos é a fase lúdica da criança. Então a brincadeira pra eles é tudo, é o mais importante. E na brincadeira eles se desenvolvem. Ontem na brincadeira eles estavam fazendo comida e a menina disse que quem faz comida é mulher, pois era um menino que estava fazendo a comida. A criança já tem essas ideias. É o momento que eles se entregam mais, que eles se sentem livres. Na tarefa eles se sentem presos, e ali na brincadeira eles se soltam e ficam à vontade”.⁴

Apesar de Vanessa perceber que a brincadeira é o momento que as crianças gostam mais e também reconhecer que as crianças se desenvolvem quando brincam, sempre que acontecia algum momento em sala que a criança demonstrava interesse em brincar a professora repreendia, dizendo que não era hora. Entre uma brincadeira e uma tarefa gráfica, momento que a própria professora reconheceu que as crianças se sentem presas, a professora priorizava a tarefa. A brincadeira acontecia em sua maioria na sala dos brinquedos e no recreio.

Após o recreio, as crianças entravam na sala e já preparavam as coisas para irem para casa. Embora isso acontecesse, Vanessa relatou de outra forma:

“Tem o lanche, a brincadeira livre, mas a gente fica observando. A brincadeira livre acontece na hora do recreio, mas geralmente acontece dentro da sala. Dependendo do dia, às vezes, a gente coloca vídeo educativo das cores, dos numerais, das formas geométricas. Às vezes tem pintura livre, às vezes é desenho livre. Depois organizar a mochila para a saída.”

Não existia em sua rotina a roda de conversa, nem a contação de histórias, dois momentos que são indispensáveis para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. No entanto, ao relatar sobre sua rotina, Vanessa incluiu o primeiro momento, dizendo o seguinte:

⁴ Informação verbal

“A roda de conversa é só uma conversa informal, sobre as regras de convivência”⁵. Talvez a professora acredite que esse momento aconteça de modo ocasional, quando ela fala como a criança deve se comportar e agir.

Perguntou-se para Vanessa qual o momento da rotina ela considera o mais importante para o desenvolvimento da criança, a mesma surpreendeu com a seguinte resposta: “a roda de conversa, pois é nesse momento que eu dou a minha opinião e as crianças dão a opinião delas. Eu vejo o que realmente eles aprenderam o que ficou na cabeça deles sobre o que já foi explicado”⁶. Ora, Vanessa se contradiz ao afirmar que o momento mais importante é exatamente aquele que ela não desenvolve com as crianças.

Na roda de conversa a criança interage, tanto com outras crianças como também com adultos, desenvolve sua oralidade, aprendendo a falar, a ouvir. Conversando, as crianças aprendem a respeitar o outro, a contar experiências vivenciadas e aprendem a conhecer mais sobre si e sobre o mundo em sua volta. Vanessa não organizou tempo e espaço para promover esse diálogo, essa interação. Quando uma criança relatava algum fato ocorrido em sua casa, a professora fazia um breve comentário e já encerrava o diálogo, sem dar a devida atenção. Vanessa parece desconhecer que um dos eixos norteadores da prática pedagógica é a interação, pois a mesma não oportuniza essa troca. Vygotsky, com base em sua perspectiva sociointeracionista, afirma que a criança aprende e se desenvolve por meio das interações sociais. Elas são de fato imprescindíveis.

A roda de história foi outro momento que faltou na rotina de Vanessa. Esse é um momento muito rico, pois a história contada ou lida estimula a imaginação, a criatividade, desperta a curiosidade e várias sensações, como medo, alegria, raiva, amor... Ler ou contar uma história possibilita que a criança entre no mundo letrado, tome gosto pela leitura, aprenda a reconhecer os personagens, dentre outras capacidades.

Quis saber qual era o momento da rotina que Vanessa menos gosta em sua rotina, ela respondeu assim: “o momento da saída ou quando a criança falta. Eu só tive uma filha, então eu digo que as crianças são os meus filhos. Eu me apego muito às crianças. Quando a criança falta eu já fico pensando porque faltou e vejo que o conteúdo dado é perdido”⁷.

⁵ Informação verbal

⁶ Informação verbal.

⁷ Informação verbal.

Não foi possível perceber esse apego durante as observações, talvez pelo fato de não presenciar nenhum momento de afetividade por parte da professora. Interessante notar que, mesmo falando em apego, afeto, em sua fala também aparece a palavra “conteúdo”, ao se referir à perda da criança quando esta falta.

Sobre o momento que as crianças menos gostam, Vanessa afirmou que também era a saída, pois algumas crianças choravam, querendo ficar na escola.

A rotina de Rebeca nessa turma do infantil 3 acontecia toda sexta-feira, visto que ela ficava em sala para que a professora titular (Vanessa) pudesse fazer o planejamento. Então, nesse dia, Rebeca chegou às 7h25min e justificou seu atraso dizendo que houve um imprevisto. Assim que ela adentrou na sala, as crianças se levantaram para lhe abraçar.

Sem perder tempo, a professora inicia sua rotina às 7h30min dando bom dia para todos e logo em seguida faz a acolhida com uma oração e músicas. A oração não era voltada para nenhuma religião, era um momento de agradecer a Deus pelo dia. Seu repertório musical era mais extenso. Iniciava com “Jesus Cristo está passando por aqui”, música de bom dia, dias da semana. Nesse momento, a professora pergunta quantos dias a semana tem. Uma das crianças responde “dois”, mas faz sete com os dedos. Depois ela canta e dramatiza uma música que desperta tanto a atenção das crianças que elas pedem para repetir. Rebeca atende ao pedido e repete umas cinco vezes, pois viu que as crianças queriam mais. A professora finaliza esse momento divertido com as cantigas do Sapo, Pombinha Branca e Cão Amigo (repertório da Galinha Pintadinha). Nessa última, algumas crianças se levantam para dançar. Foi um momento muito prazeroso para as crianças, pois elas se envolveram, participaram, interagiram.

Depois da musicalidade, a professora pediu para as crianças sentarem. Uma delas não obedeceu e pegou algo no armário, a professora viu e já pediu para guardar, pois não era hora de brincar. O menino disse que não era brinquedo e pediu para a professora lhe esperar, porque a mesma já estava iniciando outra atividade. Acredita-se que seria possível evitar esse pequeno conflito de alguma maneira. É importante entender o motivo da criança, procurando saber o que a criança pretendia com aquilo, se era brincar, chamar atenção ou até mesmo ser uma recusa de ficar sentado, já prevendo alguma atividade monótona. Para isso, é necessário conversar, escutar a criança. No entanto, a professora preferiu seguir sua rotina com a próxima atividade, sem dar muita atenção para o menino.

Então por volta das 7h45min, Rebeca mostra uma tarefa xerocada da Sagrada Família e pergunta para as crianças o que era aquilo. Algumas responderam, uma disse que

era a “tarefa”, outra completou a ideia dizendo que era a “tarefa de casa”. Um menino respondeu “Papai Noel” outro falou que era “Jesus”. É fundamental essa predição, posto que possibilita que as crianças se expressem verbalmente, pensem, imaginem, descubram o que será feito. A atitude de Rebeca foi de uma professora que medeia as aprendizagens, interage e proporciona momentos significativos para a criança.

Dando continuidade à sua rotina, Rebeca iniciou a contação da história de Jesus. Em alguns momentos ela dramatizava. Na história, ela falou dos três reis magos, dos presentes que Jesus ganhou, dos animais que aparecem na história e explica o significado da estrela de Natal. As crianças escutam atentas e ao terminar a contação, ela canta a música “Bate o Sino”.

Após a história, ocorreu outro conflito: o mesmo menino que desobedeceu à professora no início do dia agora estava em cima da mesa. Rebeca não o repreende, apenas o observa. Seu colega, vendo a situação, resolve imitá-lo. Dessa vez, a professora pede para ele descer e se sentar direito na cadeira, caso contrário iria colocá-lo no cantinho do pensamento. A criança desce da mesa, mas não se intimida com a ameaça e continua a chamar a atenção da professora, mas agora com um cinto na mão. Novamente a professora interveio, mas dessa vez não só falando, e sim tirando o cinto, bruscamente, da mão da criança a fim de evitar algum acidente. Ele não gosta da atitude da professora, e para mostrar sua indignação, dá língua e mostra o dedo médio para a professora. Pela segunda vez, Rebeca repreende e o coloca no cantinho do pensamento. Não aceitando a situação e nem o castigo, a criança começa a chorar. Nessa hora, a professora se agacha e tenta conversar com ele. No início, ele não aceita conversar nem escutar o que a professora dizia, mas depois vai se acalmando e tudo se resolve. Rebeca fala firme, mas, ao mesmo tempo, mostra preocupação e carinho com a criança. Talvez se ela tivesse tido essa conversa logo no início, a situação não houvesse chegado a esse ponto. Não uma conversa autoritária, querendo mostrar regras e quem manda na sala, como geralmente acontece, mas um diálogo amigável.

A escola toda vê esse menino como uma criança-problema e culpa os pais pelo comportamento dele. É importante ter bom senso para não tomar nenhum posicionamento precipitado ou discriminatório com relação à família. É preciso investigar o real motivo de certas atitudes da criança, é preciso conhecer a criança e para isso, é necessário muito estudo e dedicação por parte do docente.

Solucionado o problema, a professora saiu por alguns instantes da sala para pedir que tirem as cópias das tarefas e voltou logo em seguida. Nessas saídas da professora, as

crianças ficavam sozinhas. Sem esperar que as tarefas fossem demorar, Rebeca improvisou e escreve as palavras “Natal”, “sino” e “árvore” na lousa. Depois ela fez o desenho dessas palavras e pediu que as crianças contassem a quantidade de letras de cada palavra. As crianças se levantam e vão contar na lousa. A atividade se prolongou até o momento que a funcionária chegou com as tarefas xerocadas.

Na verdade, eram duas tarefas para serem feitas, mas como demoraram a chegar não deu tempo de fazer a pintura da Sagrada Família. A professora explicou esse fato para as crianças. Então a atividade gráfica do dia consistiu em pintar a estrela do Natal e cobrir o pontilhado dessa estrela com cola *glitter*. As crianças colocaram o seu nome na tarefa e iniciaram a pintura, ficando à vontade para escolher a cor de sua preferência. À medida que elas iam terminando, a professora elogiava a pintura de cada uma. As que terminavam antes das outras, ficavam sem fazer nada, esperando a hora do lanche.

O lanche era servido no pátio, local nada apropriado para se fazer uma refeição. Muitas crianças se sentavam no chão para comer. Além de desconfortável, não era nada higiênico. A própria escola não estava promovendo hábitos de higiene. O local mais adequado para fazer o lanche seria na própria sala, sentados em suas cadeiras, podendo apoiar pratos ou copos na mesa e não no chão. Assim que terminavam de lanchar, as crianças permaneciam no pátio, pois já era hora do recreio. Lá eles corriam livremente, brincavam na casinha, desciam do escorregador. Enquanto as crianças brincavam, as professoras lanchavam. As outras funcionárias da escola ficavam olhando as crianças no recreio. Rebeca, depois que lanchava, ia olhar as crianças brincando no escorregador. Assim que o recreio acabava, as crianças entravam na sala e já começavam a organizar suas coisas para esperar os pais, pois já era hora da saída.

Quando perguntada sobre qual momento de sua rotina ela considerava mais importante para o desenvolvimento das crianças, Rebeca respondeu da seguinte forma:

“Eu acho que todos os momentos são importantes. O brincar é importante, a oralidade, a musicalidade, a gesticulação, a hora da rodinha, a hora da história é importante, a atividade, antes a gente trabalha a atividade, porque tem umas crianças que ficam com preguiça de fazer a atividade, mas eu acho que a criança se desenvolve mais brincando, com o lúdico. Trabalhar o lúdico, com a musicalidade, mesmo na lousa, trabalhar fazendo os desenhos na lousa. A gente vê muito nas palestras, nas formações, que eles falam que a criança que brincou mais, que teve mais o lúdico na vida dela, torna-se um adulto bem mais seguro, com um poder de decisão maior. Isso a gente vê mais em escolas particulares, mas é possível também a gente encontrar isso nas escolas públicas”.

Rebeca entendia que o brincar é a atividade mais importante para o desenvolvimento das crianças, embora reconheça que outros momentos também têm seu valor. Em sua prática, ela proporcionava momentos lúdicos, com musicalidade, momentos estes que envolvem as crianças, mas faltou na sua rotina o brincar livre da criança. O professor deve organizar espaços e tempos para a brincadeira de faz de conta, disponibilizar diversos tipos de brinquedos. A escola disponibilizava da sala dos brinquedos, mas esse espaço não era utilizado diariamente.

Sobre o momento da rotina que as crianças mais gostavam, Rebeca respondeu:

“É a brincadeira, a musicalidade, mas eu vejo que é relativo. Tem crianças que gostam mais de pintar, outros já não gostam tanto, pois tem uma preguiça. Tem crianças que gostam de realizar todas as atividades, já outros que tem uma preguiça se envolvem mais, interagem mais com a brincadeira mesmo. A criança gosta mais da brincadeira, do lúdico por ser criança. Ela tem uma necessidade, ela precisa do lúdico”.

Sem dúvidas a brincadeira é o momento que as crianças gostam mais e aprendem e se desenvolvem. Leontiev (1998, p. 29 *apud* MANUAL-CEI, 2011) ⁸ afirma que: “a brincadeira é a atividade principal da criança, não pela quantidade de horas que ela brinca, mas sim porque é a brincadeira que possibilita as maiores e mais importantes aprendizagens das crianças e, conseqüentemente, contribui no seu processo de desenvolvimento”.

Já o momento da rotina que as crianças menos gostavam na concepção de Rebeca era “a tarefa, pois tem umas crianças que têm certa preguiça de fazer a tarefa. Outras já têm o senso de responsabilidade. A gente acolhe o que vem de casa”⁹.

Para Rebeca, o motivo de as crianças não gostarem da tarefa gráfica é a preguiça. É fácil colocar a culpa na criança, o difícil é reconhecer que esta é uma atividade enfadonha e, muitas vezes, sem significado para as crianças. Ela fala ainda que algumas crianças têm o senso de responsabilidade. A professora apresenta um juízo preconcebido em relação às crianças, quando diz que elas são preguiçosas e que não tem senso de responsabilidade e não procura entender o real motivo das crianças não gostarem tanto destas tarefas.

Buscando conhecer suas preferências, indagou-se sobre o momento da rotina que Rebeca mais gosta. Eis a resposta dela:

⁸ LEITÃO, Fátima Maria Araújo Saboia; ANDRADE, Maria Amália Simonetti Gomes de; COSTA, Sinará Almeida da. Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas (Centros de Educação Infantil - CEI: Lugar de Educação Infantil de Qualidade). Governo do Estado Ceará, Ceará, 2011.

⁹ Informação verbal

“Eu gosto de trabalhar tudo, a gente fica muito feliz quando já estão **tirando da lousa**, mas eu gosto mais da musicalidade, eu gosto mais de trabalhar o lúdico, do ensinar brincando, do aprender brincando, eu ensino, eu aprendo. E eu gosto mais de trabalhar a musicalidade, o lúdico porque eu me identifico como criança também. Se eu vejo prazer no olhinho deles, se eles se envolvem, eu me envolvo junto. Quando a gente trabalha mais com o lúdico, a gente vê que tem um rendimento melhor, porque eles ficam maravilhados com aquilo ali. Quando você vai fazer uma contação de história e você já muda a voz, eles já ficam admirados. A criança assimila de forma rápida e se você fica trabalhando dessa forma, melhora”. (grifo nosso)

Rebeca afirmou que gosta mais dos momentos lúdicos e de musicalidade, por se identificar como criança e também por ver que a criança gosta e se envolve. Esses momentos eram bem trabalhados por ela em várias atividades. A professora percebia a diferença quando se trabalha com o lúdico, com a musicalidade, pois dizia que as crianças aprendem mais. Dessa forma, Rebeca contemplou em sua prática a experiência do inciso “II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” da Resolução nº 5/2009 que fixa as DCNEIs.

Para Kishimoto (2012, p. 23 *apud* MANUAL-CEI, 2011): “A música é essencial para a formação do ser humano. Auxilia o desenvolvimento do raciocínio lógico, traz envolvimento emocional e é instrumento de interação”.

Em relação ao momento que ela menos gostava da rotina, Rebeca demonstrou receio ao responder, pensou por alguns minutos e depois relatou o seguinte:

“Talvez eu tenha que buscar mudar a maneira como eu trabalho, mesmo depois desses anos, pois eu acho que deve ter uma maneira de trabalhar a atividade (tarefa) de uma forma que eles se envolvam mais, pois este acaba sendo o momento que eu menos gosto por ver o não aproveitamento deles. Embora isso seja relativo também, pois algumas crianças trazem de casa esse senso de responsabilidade. Por causa do não aproveitamento, da preguiça, o momento da tarefa é o que eu menos gosto. A gente tem que está trabalhando as crianças que não gostam... Tem crianças de gostam de pintar, de ver o resultado da atividade. A maioria não gosta da tarefa, mas a gente tem que trabalhar de uma forma que eles possam entender que há uma necessidade de fazer a tarefa, mesmo não gostando tanto. Há uma necessidade do papel, da escrita, tudo é relativo. Quando a tarefa é tradicional, quando ela não é lúdica, eu acho que a criança aprende mais brincando, mas tem hora pra tudo. Temos que mostrar o limite, trabalhando os valores, as palavrinhas mágicas, da língua portuguesa, das vogais, trabalha as vogais com música, com brincadeira, desenhando as carinhas das vogais, pois dessa forma, eles aprendem melhor.”

Rebeca afirmou ser a tarefa gráfica o momento que ela menos gostava, por perceber que a criança não se interessava muito por essa atividade. Depois retrocedeu ao dizer ser relativo esse interesse da criança e voltou a colocar a culpa na preguiça da criança. Na

verdade, as tarefas que são desinteressantes, pois não propiciam desafios importantes que contribuam para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. As crianças não tinham oportunidade de criar, apenas seguiam as orientações da professora.

Rebeca provavelmente sabia que a maioria dessas tarefas prontas não são significativas para as crianças, pois ela mostrava preocupação ao relatar que deveria mudar sua maneira de trabalhar: se a professora cogitava a possibilidade de mudar, é porque percebia que algo não estava certo. Fazer essa autorreflexão não é fácil, pois exige do conhecimento, compromisso e um olhar voltado para a criança e não para si.

4.4 As concepções das professoras

As professoras quando indagadas sobre qual é o papel do professor de Educação Infantil responderam:

“Meu papel com eles é a aprendizagem. Eu particularmente, além de ensinar, eu ainda mostro o lado da vida, que desde pequenininho já dá pra eles entenderem. Que todo dia você falando, falando, que já memorizam na cabeça deles. Que hoje em dia a gente não vê mais aquela educação que a gente via antigamente. Quando comecei a trabalhar na década de 80 e mudou completamente o sentido da educação com o de hoje. Aí o meu lado eu mostro pra eles o lado da vida, que as coisas fáceis não são boas, que eles não sabem entender o que é a droga, essas coisas, porque eles têm três anos, quatro anos, cinco anos, mas aí a gente já fala, quando vê uma coisa não pegar,... Além de ensinar o conteúdo que é pra eles aprenderem da escola, eu ensino também um pouquinho o lado que vai rodear a vida deles, o futuro deles.”¹⁰

“Abrange tanta coisa... O educador em sala de aula ele... Eu acho que a priori ele tem que ver a questão da oralidade, trabalhar a questão da musicalidade, da psicomotricidade. Abrange muita coisa. A gente dizer assim, falar do papel do educador... São tantas as coisas assim que eu não sei te precisar, te dizer uma. Na realidade, a gente tem no planejamento trabalhar com diversas coisas e a questão de trabalhar com a diversidade, a questão quando a gente tem um aluno que é especial, trabalhar a inclusão. Ele tá querendo uma coisa principal, é isso? [...] Eu procuro com meus alunos tanto na contação de histórias, nos contos, colocar as palavrinhas mágicas, colocar a questão das atitudes corretas, a questão do bom comportamento e assim, realmente a gente abrange tudo mesmo. Aí quando vem a questão da oralidade, é muito importante a gente trabalhar a oralidade, da oralidade vem a escrita e aí a gente começa já com os pequeninos, o infantil 3, já começa a trabalhar as vogais, o alfabeto, os números de 1 a 10”¹¹.

A professora Vanessa afirmou que o papel do professor de Educação Infantil é a aprendizagem. Ela não especifica claramente de que modo acontece essa aprendizagem, mas

¹⁰ Professora Vanessa.

¹¹ Professora Rebeca.

ficou claro na sua fala, quando apareceram os termos “ensinar”, “memorizam”, “conteúdo”, que para ela a criança apenas aprende “recebendo da professora” e repetindo o que ouve. Essa imagem retratada pela professora Vanessa parece estar relacionada à imagem de um docente tradicional, aquele que é o detentor do saber, aquele que transmite o conhecimento para a criança como se fosse um papel em branco que precisa da professora para escrever sua história.

Sua prática em sala corrobora sua fala, pois na maior parte do tempo a criança está ali apenas para escutar e atender os seus “comandos”. Sua prática reflete o docente como o centro do processo de aprendizagem, e não a criança. Ela fala ainda que “além de ensinar mostra o lado da vida”. Vanessa quis dizer que, além do conteúdo, ensina também coisas da vida para a criança, como se essa prática fosse um bônus que ela oferecesse por se preocupar com as crianças, quando na verdade o educar deveria ser natural da profissão. Nas observações realizadas em sua sala percebeu-se que ela destina a maior parte do tempo para transmitir conteúdo. Apenas quando sobrava tempo ou quando acontece alguma situação fora do seu padrão de normalidade é que ela educava.

A professora parecia acreditar em um futuro sombrio das crianças, ligado às drogas, quando fala que “além de ensinar o conteúdo que é pra eles aprenderem da escola, eu ensino também um pouquinho o lado que vai rodear a vida deles, o futuro deles”¹². Por isso ela acha importante falar com as crianças sobre as drogas.

Já a professora Rebeca mostrou em sua fala que tem uma visão mais ampla quanto ao papel do educador, pois citou alguns aspectos que devem ser desenvolvidos com a criança, como a “oralidade”, a “musicalidade”, a “psicomotricidade”. No final de sua fala, ela colocou que a professora deve “ensinar” as vogais, o alfabeto, os números, demonstrando um desconhecimento das experiências diversificadas que são importantes para as crianças vivenciarem, bem como uma visão distorcida com relação ao processo de aproximação das crianças com a linguagem escrita.

Observadas as ações de Rebeca em sala, percebeu-se que realmente ela desenvolve bem a musicalidade, fazendo com que todos se envolvam naquele momento. Constatou-se que a criança se expressa e participa mais quando ela está em sala. Quanto à psicomotricidade, Rebeca está se referindo a tarefas xerocadas, cuja finalidade seria cobrir o pontilhado. Nesse momento notou-se que, mesmo querendo desenvolver as atividades diversificadas de forma significativa para as crianças, a abordagem tradicional ainda está

¹² Informação verbal

muito enraizada nas pessoas, o que torna essa tarefa difícil. Isso pôde ser constatado ao observar as práticas pedagógicas das professoras entrevistadas nesta instituição. É possível notar a preocupação também dos gestores em antecipar o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A esse respeito, Paulo Freire (*apud* FOSTER, 2010, p. 145) afirma que “[...] o papel do educador é contribuir com a força da especificidade de sua atuação pedagógica para transformar a escola e que sua formação, além da competência técnica, compreende um aprendizado político, inerente a todas as escolhas e decisões”.

O professor de Educação Infantil deve buscar maneiras significativas para realizar as atividades com as crianças, a fim de desenvolver todas as suas potencialidades. Ele tem a função de mediar as aprendizagens, permitindo que a criança participe ativamente de seu processo educativo.

As professoras também foram indagadas sobre sua concepção de criança. As respostas foram:

“O meu conceito de criança é que a gente é eternamente criança. Até o adulto é eternamente criança, eu sou. Imaginem eles. Do que a gente gosta? De brincar. As professoras de Educação Infantil elas criticam demais porque pensam que com o brincar da criança, que a criança não quer aprender. Mas aquele brincar dele sai tanta coisa. Eu acho que através da brincadeira eles aprendem muita coisa” (PROFESSORA VANESSA).

“A criança é um ser tão puro, você vê aquela alegria de viver, ela é espontânea. A minha concepção é a questão da pureza, da liberdade, da espontaneidade, ela age com naturalidade, ser espontânea. Ela sabe ser espontânea quando se deixa ser. Por exemplo, eu estou com uma aluna do Infantil 3 que ela está com uma história de pegar menino e dar um beijo na boca. Eu digo que não pode fazer assim. A criança é inocente, ela não sabe o que está fazendo. Ela vê isso em casa ou na televisão. Tem que ser trabalhado e mostrado que não é assim. A gente tem que mostrar pra criança o que é certo e o que é errado. Ela está reproduzindo o que viu, ela não vê maldade [...] Eu procuro deixar as crianças virem a mim, ir à lousa, eu gosto dessa coisa da criança fazer. Eu acho que a criança tem que participar. Eu acho que a criança tem que experimentar isso. Essa coisa de você experimentar, de você fazer com a criança, que eu acho que é importante. Ela vivenciar aquilo ali, ela estará trabalhando a coordenação motora” (PROFESSORA REBECA).

A resposta da professora Vanessa foi confusa, pois ela diz que “nós, adultos, somos eternas crianças”. A pergunta foi referente à criança, mas a professora estava se referindo no início da sua fala ao adulto. Talvez Vanessa não tenha entendido bem a pergunta, pois ela não respondeu o seu conceito de criança, ela apenas mencionou o que a criança gosta de fazer, que é brincar.

Depois a professora disse que a criança aprende brincando e que muitas professoras não entendiam isso, já que acreditavam que dessa forma uma criança não é capaz de aprender. Ao fazer tal afirmação, a professora deixa subentendido que não concorda com o pensamento das demais professoras. No entanto, considerando o que foi observado, sua fala não condiz com a realidade de sua turma, pois as crianças não tinham tantas oportunidades de brincar em sala. Quando elas queriam brincar, Vanessa logo dizia que não era o momento. As crianças só brincavam no recreio e na sala dos brinquedos. No recreio, as crianças ficavam sob o cuidado de outras funcionárias da escola, pois nesse momento as professoras iam lanchar. Já na sala de brinquedo, a professora olhava as crianças brincarem. Esse olhar se destinava mais ao cuidado com a criança, para ela não se machucar. Não era um olhar atento, a fim de observar suas ações e interações e, em especial, as possibilidades de aprendizagem.

A professora Vanessa falou da importância da brincadeira para as crianças, mas se contradisse em sua prática. Parecia desconhecer que a brincadeira é a atividade mais importante para a criança. Ela aprende e se desenvolve brincando, tanto sozinha como em grupo. O profissional de Educação Infantil deve organizar tempos e espaços adequados, a fim de promover momentos de brincadeira livre para as crianças, sempre observando e registrando suas ações, expressões, interações. Segundo Kishimoto (1997, p. 29 *apud* MANUAL-CEI, 2011):

A brincadeira é um direito das crianças e o professor precisa compreender a importância que a brincadeira tem para seu desenvolvimento e aprendizagem. Pela brincadeira, a criança aprende a conviver com os outros; desenvolve seu lado emocional e afetivo, bem como sua capacidade intelectual e motora; constrói novas possibilidades de ação e formas criativas de organizar seu ambiente e passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais; elabora e expressa sentimentos e emoções (desejos, raivas, luto, agressividade, tristeza, amizade etc.); movimenta-se em busca de parceria e na exploração de objetos; comunica-se com seus pares; se expressa por intermédio de múltiplas linguagens; descobre regras e toma decisões (1997, p. 29)

Craidy e Kaercher (2001, p. 104) complementam dizendo que:

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.

É fundamental que na Educação Infantil haja essa concepção de brincadeira bem definida, pois dessa forma, possibilita-se que a criança aprenda e se desenvolva.

A brincadeira é um eixo norteador das práticas pedagógicas na Educação Infantil, conforme consta no artigo nono da Resolução CNE/CEB nº 05/09, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, em seu artigo 9º: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”.

A professora Rebeca, por meio de sua fala, demonstrava ter concepções antagônicas de criança. A primeira seria uma visão romântica de criança, pois ao descrevê-la como um ser “puro” e “inocente”, não considerava as características sociais, culturais e históricas da criança. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil traz o seguinte conceito de criança:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

A segunda visão seria a de uma criança ativa, participante, aquela que aprende experimentando, vivenciando. Na sua fala, ainda, a professora diz que a criança repete, reproduz o que vê. Primeiramente, a criança imita a si mesmo quando brinca de faz de conta e depois essa imitação se estende para as pessoas que a cercam. Sobre imitações, Craidy & Kaercher (2001, p. 93) explicam:

A criança realiza imitações das ações que observa, utilizando modelos que estão próximos a ela. Observa atentamente os gestos e as ações das pessoas e depois os reproduz de forma simplificada. Inicialmente, os modelos são o pais, os avós e quem mais for do convívio diário da criança, depois os vizinhos, o dono do armazém, o carteiro, o guarda de trânsito, e outros modelos retirados do mundo adulto.

Sobre suas relações com as crianças, as professoras responderam:

Eu tenho uma relação boa com eles. Abraçar, né? Eles já ficam felizes. Teve um dia que uma criança chegou com um matinho, pra eles é uma rosa. Está aqui, tia! Uma rosa! Ela já fica feliz. Uma coisa simples a criança já fica contente e o adulto não dá valor a essas coisas. Tem uma criança que diz: tia, eu te amo! Eu digo: eu também te amo! Aí é bom demais! A gente é o espelho deles, pois eles nos imitam. Às vezes em casa não tem esse carinho, essa atenção (PROFESSORA VANESSA)

A relação com criança eu vejo como fácil de num certo ponto, pois se a gente já conhece a realidade da comunidade que a gente trabalha e os nossos alunos, a gente vai trabalhar até melhor, porque a gente sabe a história de cada um. A gente vai saber como se relacionar com cada aluno. A dificuldade que ele tem, outros tem mais dificuldade, outros não. Porque uns têm pai, outros não, outros têm mãe, ou não, outros são criados pelas avós. Você tem que buscar realmente o conhecimento através de alguém da comunidade, que está na escola pra gente buscar ver como é que pode ser trabalhado melhor essa relação. Porque a gente vai ver através do conhecimento que a gente tem, de como é a educação, a criação daquela criança, pois sabemos que geralmente é difícil. Então buscando conhecer um pouco a sua realidade, a gente vai tentar e vai trabalhar aquela hiperatividade do aluno, a gente vai entender o porquê de certas coisas. Eu acho que a gente tem que buscar a familiaridade, é uma relação que tem que ser construída na base do respeito, do amor. Buscar conhecer porque aquela criança é quietinha, porque a outra é mais hiperativa, é construir uma relação de amor. Eu acho que a familiaridade com as crianças, com a comunidade é importante. (PROFESSORA REBECA).

A professora Vanessa afirmou em sua fala que há uma proximidade afetiva com as crianças, por meio de elogios e retribuindo as demonstrações de carinho feitos pelas crianças. Acrescenta ainda em sua fala que a maioria das crianças não recebe essa atenção, esse carinho de seus familiares.

A afetividade, segundo Dantas (1992):

[...] não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. (p. 90).

O ser humano é um ser afetivo desde o seu nascimento. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no artigo 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Todos os aspectos estão inter-relacionados: o aspecto social está relacionado ao aspecto afetivo, que por sua vez, é indissociável do aspecto intelectual. Para Piaget, (*apud* LA TAILLE, 1992) os aspectos cognitivo e afetivo são dois componentes responsáveis pelo desenvolvimento intelectual. Esses dois aspectos não podem ser vistos de forma separada, pois a afetividade estimula a criança a realizar o que lhe foi proposto.

Wadsworth (1996, p. 60) reforça a ideia anterior, dizendo que “Como o desenvolvimento afetivo não é separado do cognitivo, o desenvolvimento social não é separado do cognitivo e afetivo”.

Conforme Bringuier (1977, p. 71-72), Piaget afirma que “para que a inteligência funcione, é preciso um motor que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva é o móvel de tudo”.

A afetividade não se restringe apenas ao contato físico, como o abraçar, o beijar a criança, mas se mostra principalmente em dar a atenção à criança, em saber ouvi-la. Na prática da professora entrevistada, percebeu-se que a afetividade vista desse prisma do saber ouvir deixava um pouco a desejar.

Outro dado que chamou atenção na fala de Vanessa foi sobre a carência afetiva das crianças, sobre a qual é preciso tomar cuidado para não ter uma visão discriminatória da situação. É importante não confundir carência socioeconômica com carência afetiva, pois essa ideia errônea pode prejudicar a relação, a interação entre professora e criança.

Já a professora Rebeca associou a sua boa relação com as crianças ao fato de ela conhecer a criança e sua realidade. Esse pensamento corrobora o exposto no artigo supracitado da LDBEN 9394/96, que aborda a importância da parceria escola-família, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança.

Destacou-se em sua fala a importância de acolher o que as crianças trazem de experiências vivenciadas em sua família, pois mostrou a sua preocupação em conhecer a criança e suas especificidades. O parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) Resolução 20/2009 (p. 125) confirma essa ideia:

O importante é apoiar as crianças, desde cedo e ao longo de todas as suas experiências cotidianas na Educação Infantil no estabelecimento de uma relação positiva com a instituição educacional, no fortalecimento de sua autoestima, no interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, na familiaridade com diferentes linguagens, na aceitação e acolhimento das diferenças entre as pessoas.

Para construir uma boa relação entre família e instituição de Educação Infantil, torna-se necessário que ambas tomem uma postura ética de respeito, valorizando as diversas culturas da comunidade local. Para tanto, é necessário que as famílias respeitem e confiem no trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação.

Na primeira etapa da Educação Básica deve-se conhecer os objetivos da Educação Infantil. Sobre essa questão, as professoras responderam:

O objetivo da Educação Infantil eu acho que é o pilar da sequência da aprendizagem. A gente começar a modular eles a saberem ouvir. A gente tem que começar a conceituar eles sobre isso na roda de conversa e dizer qual a posição de ficar sentado, saber ouvir o que a gente está falando, pois não é só estar escrevendo.

Então na Educação Infantil não é para eles tirarem totalmente da lousa, mas o conceito de saber ouvir o conteúdo, já melhora e facilita a aprendizagem deles. Eu percebo nas crianças de três anos, aquelas que escutam, elas aprendem mais rápido, pois elas estão atentas. Já os que não ficam quietos e não escutam, tem mais dificuldades para aprender. Quando eu conto uma historinha, aqueles que não prestam atenção não sabem responder as perguntas que faço após a contação. O saber ouvir é o início da aprendizagem deles. A gente não vai cobrar a aprendizagem total, de saber fazer o nome, não dá.¹³

Acolher o que eles trazem. Mostrar o que é certo e o que é errado. Trabalhar os valores, a oralidade, a escrita, a coordenação motora, a percepção visual. O objetivo é ter rendimento daquilo que foi trabalhado, quando a gente vê que eles estão tendo um bom rendimento. Quando a gente trabalha com todas essas vertentes: os valores, a oralidade, a escrita, a psicomotricidade, a coordenação motora, nos leva ao aprendizado do aluno. O objetivo é que o aluno aprenda. Que ele aprenda na coordenação motora, que ele aprenda na oralidade, você vê que tem crianças que pedem para a gente repetir, pois é algo que eles se identificam. Eu alcancei meu objetivo ali. É importante trazer pra sala de aula aquilo que os alunos se identificam, que eles gostam de fazer, você vê que ele faz com toda alegria. O objetivo também é trabalhar de uma forma que o aluno goste, que o aluno entenda, que o aluno vivencie, é trazer o que as crianças gostam de fazer.¹⁴

Ao analisar o depoimento de Vanessa, observou-se que ela concebia como objetivo da Educação Infantil a aprendizagem, deixando explícita uma ideia de escolarização nessa etapa da educação. Em sua fala, o termo “modular” quer dizer moldar, preparar a criança como lhe convém. Nesse sentido, o docente é o centro, é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem e a criança é o objeto, sendo vista como uma tabula rasa.

Vemos então uma aprendizagem baseada na transmissão de conteúdos, na qual a criança precisa manter um comportamento adequado, conforme mencionado em “saber ouvir o conteúdo” e “dizer qual a posição de ficar sentado”. A criança tem muitas necessidades e uma delas é a necessidade motora, que inclui a necessidade postural. Vanessa parecia desconhecer isso, pois exigia que a criança ficasse muito tempo sentada. Dantas (2005, p. 2) afirma que “Mesmo na imobilidade, mesmo quando a gente está exigindo dela imobilidade, a gente tem que entender que ela precisa mudar de posição dentro da imobilidade”, ou seja, a criança precisa se movimentar, mudar sua postura. Se a criança está sentada, ela precisa ficar um pouco em pé. Se está em pé por muito tempo, precisa sentar-se um pouco, ou até mesmo deitar. Essa necessidade postural muitas vezes é esquecida pelos docentes.

A criança tem várias linguagens e uma delas é a linguagem corporal. A criança se expressa muito também meio do corpo e a partir do movimento ela vai se conhecendo, vai desenvolvendo sua motricidade e descobrindo novas possibilidades de interação. Infelizmente

¹³ Professora Vanessa.

¹⁴ Professora Rebeca.

essa prática de inibir o movimento da criança é frequente, na tentativa de manter a sala em ordem, pois na maioria das vezes e pela maioria dos profissionais o movimento é associado com indisciplina e falta de atenção.

Já a professora Rebeca enfatizou novamente que é preciso acolher o que a criança traz de conhecimentos antes de entrar na instituição. Disse que o objetivo da Educação Infantil é que a criança aprenda e obtenha um bom rendimento nas áreas trabalhadas: valores, a oralidade, a escrita, a psicomotricidade, a coordenação motora. Para esta professora, o segundo objetivo seria trabalhar de forma significativa para as crianças. Apesar de não mencionar todos os aspectos do desenvolvimento infantil, sua fala foi a que mais se aproximou do que prevê a Lei de Diretrizes e Bases.

De acordo com a referida Lei, o objetivo da Educação Infantil é desenvolver integralmente a criança até os seis anos de idade, conforme determina o artigo 29. Outro documento que orienta a prática que traz esses objetivos de forma bem detalhada é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 63, VOL.1):

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Considerando o que já foi colocado, perguntou-se para as professoras como elas acham que as crianças aprendem e se desenvolvem. Eis as respostas:

Através da atividade, eu gosto muito de atividade. Eu acho que a gente exercitando, a gente aprende. Eu acho que através de atividade avaliativa, conceito também, eu

acho que fica mais fácil. No Infantil 5, com os alunos de cinco anos eu já faço textos pequenos para eles exercitarem a caligrafia, eu faço cópia, ditado. Eu sou uma professora antiga. No Infantil 3, eu passo mais atividades de coordenação motora, atividades de cobrir. Eu coloco já palavrinhas. Na vogal A eu coloco a palavra anel. Trabalho os números também, pois sempre a matemática e o português caminhando juntos. Só atividades para pintar eu não gosto. Tem essas atividades também, às vezes xeroco outras vezes faço manualmente.¹⁵

Para Vanessa, a criança aprende e se desenvolve através de atividades gráficas. São as famosas tarefas prontas que, na maioria das vezes, não despertam a atenção das mesmas. Ela deixou explícito em sua fala que gosta muito dessas atividades, ou seja, o que está sendo levado em conta é a preferência da professora e não da criança. Depois reforçou a ideia de repetição, memorização ao dizer que “exercitando se aprende”. Disse também que, através de atividade avaliativa, ficava mais fácil. Colocar uma tarefa como uma atividade só confirmou que a perspectiva da professora consistia apenas na preparação para os anos futuros. Vanessa se reconhecia como uma professora tradicional ao relatar suas práticas.

“Participando, vivenciando. É na prática que se aprende. A gente tem que trabalhar fazendo com que a criança participe, com que ela goste, trazer algo que elas gostem e façam com vontade”.¹⁶

Já Rebeca tinha uma visão diferente, pois entendia que a criança aprende e se desenvolve participando, experimentando, vivenciando experiências significativas.

Outro aspecto de grande relevância para orientar a prática do professor de Educação Infantil é a proposta pedagógica. Sobre esse assunto, as professoras responderam:

“Eu acho que a proposta já é pra gente planejar o que a gente vai dar pros alunos. Nunca chegar com a mão amarrada na sala. Saber o que você vai passar. Primeiro eu tenho que planejar pra depois eu poder transmitir”¹⁷. “Ela se propõe o ensino-aprendizagem da criança, o planejamento, os objetivos, a metodologia, inclui as regras, propõe trabalhar a aprendizagem da criança”¹⁸.

Vanessa confundia proposta pedagógica com planejamento. Já Rebeca respondeu dizendo que propõe o ensino-aprendizagem da criança, mas depois também confundiu com planejamento e ainda falou em objetivos e metodologias. Para compreender melhor, as

¹⁵ Fala da professora Vanessa.

¹⁶ Fala da professora Rebeca

¹⁷ Fala da professora Vanessa.

¹⁸ Fala da professora Rebeca.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 13) definem proposta pedagógica da seguinte forma:

Proposta Pedagógica:

Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar.

Desse modo, a proposta pedagógica é um plano que orienta a instituição a traçar seus objetivos, sendo necessário para a elaboração e análise desta proposta ter uma fundamentação teórica, a partir de concepções relacionadas à Educação Infantil. É necessário também entender a estrutura, a organização e o funcionamento da Educação Infantil, caracterizando a unidade escolar e a prática pedagógica do professor. Todas as ações desenvolvidas na instituição, inclusive o planejamento citado pelas professoras, são orientadas pela proposta pedagógica.

O objetivo da proposta pedagógica, segundo as DCNEIs (BRASIL, 2010, p. 18):

[...] garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Ainda sobre esse assunto, as professoras foram indagadas sobre a proposta pedagógica da sua escola e seus objetivos. Rebeca não soube responder e Vanessa respondeu da seguinte forma: “A proposta é aprender, mostrar pra eles o sentido da aprendizagem. É saber refletir. O objetivo é aprender, não só memorizar...”.

É importante conhecer a proposta da escola, conhecer seus objetivos, sua metodologia, saber como a instituição vê a criança e como se fundamenta para realizar seu papel.

Sobre formação, as professoras foram indagadas se o Município oferecia estas formações, com qual periodicidade e se elas participavam. As respostas foram: “Oferece. Todo mês tem um encontro para a formação. Eu participo das formações, é um momento que a gente pode desabafar sobre a nossa realidade na escola”¹⁹. “Oferece. As formações são

¹⁹ Fala da professora Vanessa.

mensais, mas teve poucas formações. Teve meses que não teve. Eu participo”²⁰. Vanessa relatou que a formação é um momento de desabafo sobre a realidade. Com esta fala foi possível identificar que existe uma insatisfação por parte das professoras e que as mesmas não são escutadas ou compreendidas no ambiente de trabalho. Dessa forma, elas encontram na formação um meio de expor suas inquietações, a fim de obterem auxílio para solucioná-las. Já a professora Rebeca relatou que as formações são mensais, embora não terem ocorrido em todos os meses.

As professoras foram indagadas se as formações ajudavam em sua prática e de que forma. Elas responderam assim:

As formações me ajudaram porque eu não sabia o que era Educação Infantil e como estou só esse ano, ainda estou engatinhando, mas me ajudou bastante. O planejar é diferente do terceiro ano. E eles passam coisas novas que vão surgindo. Me ajudou na maneira de como lidar com eles, de como passar o conteúdo. Os livros deles são completamente diferentes, pois não tem aquela parte de conteúdo, a explicação pra depois vir a atividade. No deles são a atividade logo. Então no momento dessa atividade é que eu tenho que transmitir pra ele o conteúdo real daquela figura. Se está mostrando as estações do ano, então eu tenho que explicar o que é estações do ano pra eles entenderem aquela figura. Temos que usar muito material e como a prefeitura não dá, é usar sucata mesmo. Tampinhas de refrigerante, caixa de sapatos pra decorar e colocar gravuras dentro, usar dedoches nas mãos, então é completamente diferente do Ensino Fundamental. Então eu fui começar a aprender de como seria a Educação Infantil e é por isso que eu não quero continuar. Sou sincera, pois pra mim a Educação Infantil é a base, é o alicerce e tem que ser uma professora que goste muito desse lado¹³.

“As formações me ajudam, as formadoras são competentes, preparadas. Pego sugestões de atividades, de músicas, jogos de sucatas, troco atividades, participo de oficinas”²¹.

As duas professoras concordaram que as formações lhes ajudavam, pois segundo elas, são dadas sugestões de atividades e de como trabalhar com as crianças. As professoras ampliaram seus conhecimentos nas formações.

As formações visam ajudar o docente em sua prática, propor reflexões acerca de sua prática pedagógica, orientá-lo em alguma dificuldade encontrada, debater sobre os conceitos, leis e assuntos relacionados à Educação Infantil. A formação é um momento de estudo onde se pretende ampliar os conhecimentos, trocar experiências para enriquecer sua prática.

²⁰ Fala da professora Rebeca.

²¹ Fala da professora Rebeca.

Para desempenhar bem o seu papel e alcançar seus objetivos, esse profissional precisa estudar sempre, ter um embasamento teórico na sua área. Dessa forma, faz-se necessário conhecer, pesquisar documentos, leis e todo estudo relacionado à Educação Infantil que possa orientar sua prática.

Sabendo da importância desse estudo, indagou-se se as professoras conheciam algum documento relacionado à Educação Infantil e se elas pesquisavam de algum deles. As duas professoras não entenderam muito a pergunta, mesmo após várias explicações. Vanessa ainda tentou responder dizendo que os documentos eram apostilas e livros. Ela disse, inclusive, que tinha recebido uma caixa de livros, mas que não tinha aberto ainda por falta de tempo. Foi solicitado que se pudesse ver esse material. Solícita, Vanessa foi buscar o material guardado e brincou, dizendo: “só assim pra eu abrir essa caixa”. A caixa continha 20 livros de apoio pedagógico específico para a Educação Infantil referentes ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que foram enviados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As obras traziam diversos assuntos: interações, leitura e literatura, corpo em movimento, brincadeiras, música, linguagem oral e escrita, dentre outros. Observou-se que a professora Vanessa não demonstrou interesse de ler, folhear, buscar conhecimentos. Já Rebeca pensou em alguma resposta, mas disse que não sabia. Ambas falaram que pesquisavam na internet.

Dessa forma, pode-se constatar que ambas pareciam desconhecer os Referenciais Nacionais, as Diretrizes Curriculares e demais documentos que orientam e normatizam a prática do professor. É possível supor que esse desconhecimento das professoras esteja associado a vários fatores. Talvez à falta de interesse? A não compreensão de que o trabalho com crianças exige um profissional qualificado? Às condições de trabalho, como falta de um acompanhamento pedagógico? Às lacunas existentes na formação inicial? Ou à falta de uma formação continuada mais sistemática?

Outro instrumento fundamental é o planejamento. Sobre esse assunto, as professoras disseram:

Faço o planejamento uma vez por semana. Eu uso livros, os livros deles, pesquiso atividades em livros de uma escola particular que tem aqui perto. Nós temos o próprio diário das crianças e atrás do diário tem o nome da criança, tem os conceitos de como eles estão, são dez itens. Além da gente registrar a aula diária, o resumo, a gente tem o registro de cada aluno. São dez itens sobre a criança que a gente marca com um x.²²

22

Fala da professora Vanessa.

Toda semana, toda sexta-feira. A gente pega o planejamento do mês e vê o que se vai trabalhar na semana. Como tem Português, Matemática, Natureza e Sociedade, então a gente coloca a metodologia, os objetivos, o que a gente vai trabalhar, a atividade, como a gente vai trabalhar a atividade, tem a roda de conversa, tem a contação de história, tem o debate com as crianças, reconto. Para fazer o planejamento eu pesquisei na internet e nos livros. Faço os relatórios anuais.²³

Ostetto (1994) nos ajuda a entender mais sobre planejamento. Segundo esta autora:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção (p. 1).

Para que haja reflexão como a autora sugere, é imprescindível estudar, pesquisar várias fontes, se informar. É preciso haver fundamentação teórica, conhecer as leis, as Diretrizes e tudo que esteja relacionado à criança, à Educação Infantil. Só assim a prática pedagógica será de qualidade.

Quanto aos espaços de que as professoras dispõem para realizar as atividades com as crianças, ambas citaram os mesmos espaços: “a própria sala, o pátio, a sala de brinquedos (brinquedoteca) e o parquinho”. O parquinho a que elas se referem seria apenas a casinha com escorregador. A escola observada era espaçosa, sendo possível dessa forma, realizar diversas atividades de forma significativa para as crianças. As professoras deveriam aproveitar melhor o espaço da instituição, preparando um ambiente acolhedor e promovendo experiências lúdicas, corporais, afetivas e sociais.

Segundo Craidy & Kaercher (2001, p. 73)

Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

23

Fala da professora Rebeca.

É possível supor que a prática pedagógica das professoras esteja centrada nelas próprias e que o principal objetivo dessa prática consista em transmitir conteúdos para as crianças. O maior envolvimento das professoras com a educação das crianças poderia estar relacionado a um maior interesse em aprender e buscar novos conhecimentos?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao final deste trabalho com a sensação de dever cumprido, mas consciente que este foi apenas o primeiro passo diante de uma longa caminhada de estudos e pesquisas que ainda deve-se percorrer.

Esta pesquisa propôs-se a investigar e caracterizar a prática pedagógica das professoras de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Pretendeu-se, ainda, avaliar se a prática pedagógica desenvolvida está baseada em proposta pedagógica que segue as orientações das (DCNEI) e investigar a perspectiva da professora sobre sua prática pedagógica, buscando compreender as concepções que embasam essa prática.

Para contemplar esses objetivos, observei a rotina de duas professoras em sua sala e pude constatar por meio das técnicas utilizadas na pesquisa que as práticas pedagógicas das professoras seguem uma perspectiva preparatória para as etapas posteriores de escolarização.

A Educação Infantil é vista como assistencialista ou como uma preparação para a vida adulta. A criança é considerada o objeto do processo de aprendizagem e está ali para se tornar uma cidadã no futuro. Certamente essas concepções da professora interferem diretamente na sua prática pedagógica.

Mesmo com todo avanço da Educação Infantil nas últimas décadas, em que leis e documentos regulamentam e orientam essa etapa da Educação, ainda assim vemos práticas pedagógicas que não se preocupam com o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Conforme a Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, cujo objetivo é o desenvolvimento integral da criança até seis anos. O documento mais atualizado que orienta as ações com relação às crianças, as Diretrizes Curriculares (BRASIL 2010), o qual tem caráter mandatório, determina que as práticas pedagógicas devam ter dois eixos norteadores: a brincadeira e a interação.

A prática da professora Vanessa é caracterizada pela repetição das atividades, pela transmissão de conhecimentos e pela predominância de atividades já prontas que não desafiam as crianças em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, exigindo delas sempre um comportamento, para ela, adequado. A prática da professora Rebeca difere um pouco da primeira, pois esta oportuniza mais a interação das crianças, mostra-se disponível a

escutá-las. Rebeca se aproxima mais do que as Diretrizes determinam, mas ainda falta garantir muitas experiências de aprendizagens instigantes e desafiadoras para as crianças.

Conhecendo essas práticas, é possível observar que as ações das professoras seguem duas abordagens antagônicas: a tradicional e a construtivista. Entendemos que a abordagem construtivista é a que mais se aproxima do que as DCNEIs determinam, por respeitar e perceber a criança como sujeito do processo de aprendizagem. Dessa forma, ficam as seguintes indagações: por que as professoras não conhecem e tampouco seguem as orientações propostas nas Diretrizes Curriculares? A tecnologia disponível poderia ajudar no acesso aos mais variados documentos, bem como as formações. Sabendo disso, por que as professoras ainda têm concepções tão ultrapassadas acerca da Educação Infantil?

Os resultados desta pesquisa revelam a urgência de políticas públicas de formação que possibilitem uma reflexão profunda sobre a prática pedagógica das professoras, a fim de modificar esse cenário, possibilitando, dessa forma, oferecer uma educação de qualidade, capaz de contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição, Rio de Janeiro: LTC editora, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e por força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006
- BASTOS, Núbia M. Garcia. **Introdução a metodologia do trabalho acadêmico**. Fortaleza: Gráfica e Editora Nacional, 2004.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica**: Lei 9394/96. Brasília, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Parecer 20/09 e Resolução nº 05/09. Brasília, MEC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRINGUIER, J. C. **Conversando com Jean Piaget**. Rio de Janeiro – São Paulo, 1977.
- LEITÃO, Fátima Maria Araújo Saboia; ANDRADE, Maria Amália Simonetti Gomes de; COSTA, Sinara Almeida da. **Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas** (Centros de Educação Infantil - CEI: Lugar de Educação Infantil de Qualidade). Governo do Estado Ceará, Ceará, 2011.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. P. da S. (Org.) **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DANTAS, Heloysa. **Entender e Atender: O Educador Poliglota**. [Palestra proferida na Faculdade Sete de Setembro, 2005.
- FOSTER, Mari Margarete dos Santos. Educador/Educando. In: STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKY, Jaime J. (orgs) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Revisada e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- HEYWOOD, C. **Uma história da infância: Da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999). **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed.
- LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus.

- LEITÃO, Fátima M. A. Sabóia. **A Prática Pedagógica das Professoras de Salas de Pré-Escolas da Rede Municipal de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.
- MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1993.
- MUNIZ, Luciana. Naturalmente criança: a Educação Infantil de uma perspectiva sociocultural. In: KRAMER, Sonia. **Infância e Educação Infantil.** Campinas, SP: Papirus, 1999.
- OLIVEIRA, Maria Izete de. O olhar de professores da rede municipal de Cáceres/MT sobre a Educação Infantil. **Revista de Educação Pública.** Cuiabá n. 31, v.16, p.173-189, mai-ago. 2007.
- OSTETTO, Esmeralda Luciana. **Planejamento na Educação Infantil, mais que a atividade a criança em foco.** Campinas, Papirus. 1994.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA, Ilma Passos. **A prática pedagógica do professor de Didática.** 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.
- WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Roteiro de Entrevista

1. Qual sua formação?
2. Qual seu estado civil?
3. Você tem filhos? Quantos? Qual da idade deles?
4. Qual sua experiência no Magistério? E na Educação Infantil?
5. Qual é o papel da professora de Educação Infantil?
6. Qual sua concepção de criança?
7. Como é sua relação com as crianças?
8. Na sua concepção, quais são os objetivos da Educação Infantil?
9. Como você acha que a criança da sua turma aprende e se desenvolve?
10. Como é a rotina na sua sala?
11. Qual é o momento da rotina você considera mais importante para o desenvolvimento das crianças? Por quê?
12. Qual o momento do dia que você mais gosta? Por quê?
13. E qual o momento que as crianças mais gostam? Por quê?
14. Qual o momento do dia que você menos gosta? Por quê?
15. E qual o momento que as crianças menos gostam? Por quê?
16. O que é prática pedagógica?
17. Qual (is) o(s) seu(s) objetivo(s) na sua prática pedagógica?
18. Você tem conseguido alcançar seus objetivos? Por quê? Como?
19. Como você avalia sua prática?
20. O que lhe ajuda e lhe atrapalha na sua prática? O que facilita ou dificulta sua prática?
21. O que você entende por proposta pedagógica?
22. Qual a proposta pedagógica da sua escola? Quais são os objetivos dessa proposta?
23. O seu município oferece formação de professores? Qual a periodicidade dessas formações? Você participa dessas formações?
24. As formações lhe ajudam em sua prática? Por quê? De que forma?
25. Que documentos relacionados à Educação Infantil você conhece? Você pesquisa em algum deles? Quais?
26. Você faz planejamento das suas atividades? Como? Com que frequência esse planejamento é feito? Você faz registros das crianças?
27. Quais espaços você dispõe e utiliza para realizar suas atividades com as crianças?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Roteiro de Observação da Prática

1. Como se dá a interação criança-professora?
2. Quais atividades a professora faz em sala? Como são realizadas?
3. Quanto tempo as crianças ficam na creche? Onde elas ficam? Como é este espaço que elas ficam?
4. As atividades são significativas para as crianças? Por quê? Qual foi a reação das crianças?
5. A professora escuta a criança? Como? Por quê?
6. Como a professora elabora seu planejamento?
7. De acordo com o planejado, a professora consegue alcançar seus objetivos? Por quê? Como?

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FORTALEZA-CE

2015

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão

FORTALEZA- CE

2015

GIZELLI MARTINS RIBEIRO

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Maria Auricélia da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Rosimeire Costa de Andrade Cruz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a prática pedagógica do professor de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas que sejam importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Os objetivos específicos são: caracterizar a prática pedagógica desenvolvida pelo professor de Educação Infantil, avaliar se a prática pedagógica desenvolvida está baseada em proposta pedagógica que siga as orientações das (DCNEI) (BRASIL, 2010), investigar a perspectiva do professor sobre sua prática pedagógica e compreender as concepções que embasam essa prática. A investigação se apoiou no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e nas ideias de autores como Ariès (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira (2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), dentre outros estudiosos que tratam do assunto. A pesquisa é de abordagem qualitativa e foi realizada com duas professoras da mesma turma do Infantil 3, de uma escola municipal. A coleta de dados constou da realização de entrevistas individuais semiestruturadas e observação da prática das professoras. As análises dos dados coletados revelam que as professoras desenvolvem suas práticas com ênfase na transmissão de conteúdos, realizando atividades repetidas, sem dar a devida importância para as brincadeiras e a interação, dois eixos importantes que norteiam as práticas pedagógicas da Educação Infantil, conforme determinam as Diretrizes Curriculares. Certamente tal prática é reflexo das concepções das professoras, que vêem a Educação Infantil com uma perspectiva preparatória para o Ensino Fundamental. A partir dessa realidade, faz-se necessário refletir sobre quais providências devem ser tomadas para desconstruir esses conceitos já ultrapassados, dando lugar a uma prática que vise promover o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Educação Infantil. Professoras de Educação Infantil.

ABSTRACT

This research aims to investigate the pedagogical practice of early childhood education teacher seeking to identify the important actions taken for the development and learning of children. The specific objectives are: to characterize the pedagogical practice developed by early childhood education teacher, assess whether the developed pedagogical practice is based on pedagogical proposal that follows the guidelines (DCNEI). The research was based on the National Curriculum Reference for Early Childhood Education (RCNEI), the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI) and ideas of authors, such as Aries (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira (2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), and other scholars. The research is a qualitative approach and was carried out with two teachers in the same class of a municipal school. The methodology consisted of conducting semi-structured individual interviews and observing the practice of the teachers. The analysis of the collected data shows that the teachers develop their practices with an emphasis on transmission of content, performing repeated activities, without giving appropriate importance to the games and interactions, two axes that guide the pedagogical practices of early childhood education, as determined by the Curricular Guidelines. Certainly this practice reflects the thinking of the teacher who sees early childhood education with a preparatory perspective for Elementary Education. From this fact, it is necessary to reflect on what steps should be taken to deconstruct these concepts outdated, giving way to a practice that aims to promote the integral development of children.

Keywords: Pedagogical Practices. Early Childhood Education. Teachers of early childhood education.

A Deus, por estar sempre ao meu lado, e à
minha mãe por todo amor e ensinamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me dar sabedoria, forças e por permitir a conclusão deste trabalho que é mais uma etapa de minha vida.

À minha mãe, pela companhia, compreensão e apoio principalmente nesse período.

À Prof.^a Dr.^a Fátima Maria Araújo Sabóia Leitão, minha orientadora, pela atenção, compreensão, incentivo e pelas valiosas contribuições nas orientações. Obrigada por acreditar que eu conseguiria!

À minha prima Célia, por todo apoio e generosidade em me ajudar.

Às professoras Vanessa e Rebeca, sujeitos dessa pesquisa, pela disponibilidade e generosidade em contribuir com meu trabalho.

A todas as crianças com as quais eu aprendi e convivi na minha trajetória profissional.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu concluísse esse trabalho.

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO.....</u>	<u>8</u>
<u>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</u>	<u>13</u>
<u>3. METODOLOGIA</u>	<u>17</u>
<u>3.1. A abordagem metodológica da pesquisa.....</u>	<u>17</u>
<u>3.2. A Pesquisa de campo</u>	<u>17</u>
<u>3.3. As observações.....</u>	<u>18</u>
<u>3.4. As entrevistas</u>	<u>19</u>
<u>4. ANÁLISE DOS DADOS</u>	<u>21</u>
<u>4.1. Caracterização da instituição pesquisada.....</u>	<u>21</u>
<u>4.2. Descrição dos sujeitos.....</u>	<u>23</u>
<u>4.3. Caracterização da prática das professoras.....</u>	<u>24</u>
<u>4.3.1. Rotina de sala.....</u>	<u>28</u>
<u>4.4 As concepções das professoras</u>	<u>38</u>
<u>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>52</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>54</u>
<u>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</u>	<u>56</u>
<u>APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO</u>	<u>57</u>
<u>ANEXO A</u>	

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Educação Infantil vem conquistando mais espaço para discussões e debates. A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, assim como outras leis e decretos, representam bem essa conquista.

Antes a concepção de Educação Infantil era assistencialista, sendo vista como um favor, pois atendia crianças pobres de mães que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos. As funções da Educação Infantil se limitavam ao cuidado, bem-estar e higiene das crianças. A prática pedagógica era uma prática disciplinadora.

Hoje a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e é direito de toda criança de zero a cinco anos de idade, sendo obrigatória dos quatro a seis anos. A concepção de Educação Infantil mudou, pois visa o desenvolvimento integral da criança, em todos os seus aspectos (físico, cognitivo, motor, psicológico e o social). O cuidar e o educar são indissociáveis. A criança possui direitos desde o seu nascimento.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) também contribuiu para os avanços na Educação Infantil, pois orienta em vários aspectos os profissionais da área em suas práticas: currículo, conteúdo, metodologia, avaliação, a fim de promover uma educação de qualidade e possibilitar o desenvolvimento integral da criança. Não tem um caráter obrigatório, mas sim norteador.

Buscando obter um padrão na qualidade na Educação Infantil, o Ministério da Educação (MEC) elaborou o documento Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (2006). Este documento estabelece os parâmetros quanto à proposta pedagógica, à gestão das instituições da Educação Infantil, às professoras e demais profissionais da instituição, às interações entre professoras e gestores e à infraestrutura das instituições de Educação Infantil.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2010) têm caráter mandatório, ou seja, são normas que orientam o planejamento, o desenvolvimento da prática e a avaliação curricular da ação junto às crianças. Desta forma, as Diretrizes determinam que as práticas pedagógicas que compõem a proposta pedagógica tenham como eixos norteadores as interações e brincadeiras, garantindo experiências apontadas no artigo 9º da Resolução nº 5 de 2009, por exemplo, experiências “[...] que promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais

que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança (BRASIL, 2010, p. 25)”.

Todos esses avanços se efetivaram na teoria, nas leis e nos decretos, mas ainda falta muito para que se coloquem tais avanços em prática em muitas instituições de educação. É preciso buscar ações ou medidas para efetivação dessas conquistas.

O interesse pela Educação Infantil teve início na primeira experiência que tive em sala de Educação Infantil em um Centro Educacional Infantil (CEI), localizado no município de Caucaia. Essa experiência pôde ser aproveitada para o estágio supervisionado, pois coincidiu ocorrerem na mesma época. A primeira experiência que tive na Educação foi em creche, com crianças na faixa etária dos dois aos três anos de idade. O espaço era pequeno, mas bem acolhedor. Foi uma experiência feliz, marcante, porém temporária.

Como todo começo foi difícil, principalmente porque assumi a turma sozinha, sem professora titular que me orientasse. Tinha dúvidas, questionamentos, autocrítica, ao mesmo tempo que tentava colocar em prática tudo que eu tinha aprendido até aquele momento.

Convocada no concurso público para o cargo de professora efetiva da Prefeitura de Maracanaú/CE assumi turmas do Ensino Fundamental durante um período de cinco anos. Após esse tempo retornei em 2011 para a Educação Infantil, dez anos após minha primeira experiência com Educação Infantil.

O trabalho como professora de Educação Infantil requer muita sensibilidade, criatividade, muito estudo e embasamento teórico, ou seja, não é uma tarefa simples. Infelizmente, muitas pessoas ainda têm aquela visão errônea de que Educação Infantil é apenas o cuidar. Alguns usam a seguinte expressão: Educação Infantil é “só” brincar, afirmação que transmite a ideia de que o professor de educação infantil não trabalha ou educa, mas apenas brinca com seus alunos. É como se essas pessoas só valorizassem a educação transmitida do Ensino Fundamental em diante ou acreditassem que só nesse período o ensino realmente é transmitido.

Continuei trabalhando em creche até esse momento, sendo muito bem acolhida pelas crianças, as quais são encantadoras. Desde que eu comecei a trabalhar com Educação Infantil, além do estudo sistemático, criei o hábito de pesquisar na internet diversas formas de proporcionar um ambiente acolhedor, rico de várias atividades para serem desenvolvidas em sala, objetivando, assim, melhorar minha prática e possibilitar que as crianças aprendam de forma significativa. Esse hábito foi intensificado quando ingressei na Educação Infantil.

Em 2014 assumi uma turma de Infantil 5, pois a turma de creche deu lugar a uma turma de 2º ano. Também nesse ano foi implementada no município a Lei nº 11.738/2008, que instituiu o Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica, que prevê um terço da carga horária dos professores para atividade extraclasse e planejamento. A solução encontrada pelo município para que esta lei fosse cumprida foi colocar duas professoras em uma única turma, alternando o horário extraclasse delas.

Não achei viável essa medida para a Educação Infantil, porque vejo que dificulta o processo de inserção da criança. Como se tornaria possível para uma criança criar um vínculo afetivo havendo essa alternância de professoras, algo que é próprio da idade infantil? Desenvolvo minhas atividades em sala dois dias da semana (nas terças e sextas) e a outra professora nos outros três dias. Como dar continuidade às experiências já iniciadas? Como a criança lidará ao perceber duas maneiras distintas de lhe tratar, de lhe educar?

Compreendo minha prática orientada pela abordagem construtivista, sendo norteada pelo artigo 9º da Resolução nº 5/2009, que fixa as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil. A abordagem construtivista é inspirada nas ideias de Jean Piaget e propõe a participação ativa da criança em seu próprio aprendizado. A criança constrói o conhecimento a partir de suas experiências, suas descobertas, suas interações com o outro e com o mundo. Tudo isso ficaria prejudicado.

Nessa abordagem construtivista, a criança aprende vivenciando, criando, experimentando, e não apenas recebendo informações. O papel do professor é mediar o processo de aprendizagem, orientar, criando situações para que a criança possa construir o seu conhecimento. O professor deve instigar a curiosidade e a criticidade da criança.

Busco desenvolver atividades que sejam significativas para a criança. Percebo que a prática da outra professora da mesma sala é naturalmente diferente da minha, aproximando-se de uma prática tradicional, ou seja, que não se preocupa se determinada atividade está sendo significativa para as crianças.

Escolarização, como o próprio nome já sugere, tem esse perfil de escola tradicional, preocupada com conteúdo e com acumulação de conhecimentos importantes como preparação para o Ensino Fundamental. É próprio desse perfil também acelerar o processo de aprendizagem da criança, sem se preocupar com as especificidades das crianças.

Partindo dessa problemática que estou vivenciando em sala desenvolvi um interesse em pesquisar as Práticas Pedagógicas na Educação Infantil, visto que são estas

práticas que despertam ou não o interesse das crianças e, conseqüentemente, contribuem para que as crianças se desenvolvam.

Hoje vejo o quão importante é a prática pedagógica. Ao longo desses oito anos de experiência aprendi muito e fui construindo minhas próprias práticas, minhas concepções de educação de crianças. Quanto mais conhecimentos conquistados, mais desafios a enfrentar, e é difícil ver tantas coisas contrárias àquilo em que se acredita.

Testemunho práticas sendo desenvolvidas com esta abordagem tradicional, onde se pretende antecipar a escolarização das crianças e essas práticas são vistas como certas. Vejo muitos profissionais acomodados, sem senso crítico, sem uma visão transformadora da atual situação educacional do país. Estou consciente de que preciso continuar aprendendo para desenvolver melhor meu trabalho junto às crianças, contribuindo de fato com seu desenvolvimento e aprendizagem.

Pensando na importância de uma prática pedagógica significativa para o desenvolvimento das crianças, estabeleci como objetivo geral desta pesquisa investigar a prática pedagógica do professor de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas que fossem importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Os objetivos específicos são: caracterizar a prática pedagógica desenvolvida na Educação Infantil, avaliar se a essa prática está baseada em proposta pedagógica que siga as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010), investigar a perspectiva da professora sobre sua prática pedagógica e compreender as concepções que embasam essa prática. Acredito que esta pesquisa pode contribuir para a discussão sobre a necessidade de uma prática pedagógica diferenciada que amplie as potencialidades das crianças.

O presente trabalho foi estruturado em cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma:

O primeiro capítulo, que compreende a introdução da pesquisa, traz um pouco da legislação relacionada à Educação Infantil e explicita o meu interesse em estudar a prática pedagógica do professor.

No segundo capítulo é apresentado o referencial teórico, o qual é constituído principalmente por alguns documentos do MEC, tais como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, mas também apoia-se em teóricos como Ariès (1981), Barbosa (2006), Muniz (1999), Oliveira

(2007), Veiga (1992), Wallon (1992), Vygotsky (1992), sobre concepções de crianças e prática pedagógica do professor de Educação Infantil.

O terceiro capítulo descreve todo o percurso metodológico utilizado na pesquisa de campo, incluindo a escolha do tipo de abordagem da pesquisa, a descrição dos sujeitos, a caracterização da instituição escolar e as informações sobre as técnicas utilizadas para obtenção dos dados.

O quarto capítulo traz a análise dos dados da pesquisa, ou seja, as concepções e perspectivas das professoras entrevistadas em relação às suas práticas pedagógicas.

O quinto e último capítulo trata das considerações finais sobre esta pesquisa, trazendo comentários e reflexões acerca do tema: a prática pedagógica na Educação Infantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Antigamente, a criança não era vista como um sujeito histórico e social. Segundo Ariès (1981), a criança era vista como um adulto em miniatura. Não consideravam as características próprias da infância, pois não tinham consciência de suas particularidades.

Após estudos de Ariès (1981) e Heywood (2004), as discussões sobre a infância se intensificaram, contribuindo para novos estudos e debates sobre o assunto. Atualmente, a concepção de criança mudou e passou por grandes avanços. Muniz (1999, p. 244) argumenta que “a noção de infância tal como conhecemos hoje, é um conceito relativamente novo [...] o olhar sobre a criança e sua valorização não ocorreram sempre da mesma maneira, mas de acordo com a organização de cada sociedade.”

Como no decorrer dos anos as concepções de Educação Infantil e de criança apresentaram perspectivas divergentes com relação ao trabalho com os conhecimentos em áreas específicas, faz-se necessário elucidar alguns conceitos dessa área da educação, a fim de organizar e sistematizar uma prática educativa de qualidade.

Percebendo essa divergência, o Ministério da Educação (MEC) elaborou diferentes documentos, que contribuíram para fundamentar e orientar as professoras de Educação Infantil na sua prática pedagógica. Dentre esses documentos constam, especialmente, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, os Parâmetros Nacionais da Qualidade para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e demais documentos legais. Pesquisas de teóricos e estudiosos da área também são fundamentais para refletir sobre os avanços alcançados, assim como para identificar aspectos que ainda precisem ser aprimorados.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil conceitua criança da seguinte forma:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

Esse conceito retrata a maneira como a criança é vista atualmente. A criança desde seu nascimento é um cidadão de direitos. Ela é o sujeito no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Esse Referencial Curricular (BRASIL, 1998) apresenta-se como um dos documentos pioneiros elaborados com o intuito de orientar os professores de Educação Infantil em seu trabalho educativo. Ele também serve de subsídio para elaborar um currículo que possa abranger todas as áreas do conhecimento necessárias para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Essas áreas de conhecimento estão estruturadas em dois âmbitos de experiências: formação pessoal e social e conhecimento de mundo, sendo esta última formada por sete eixos de trabalho: Identidade e Autonomia, Movimento, Artes Visuais, Música, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Outro documento pioneiro no cenário educacional brasileiro foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 1999). Dez anos após, ou seja, em 2009, essas Diretrizes foram revisadas pelo Conselho Nacional da Educação (CNE) por meio de uma ampla discussão nacional, que culminou na elaboração do Parecer CNE/CEB nº 20/2009 que, por sua vez, orientou a criação das novas DCNEI.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) orientam a ação contínua do professor. Elas trouxeram as definições de Educação Infantil, de criança, de currículo e de proposta pedagógica.

Educação Infantil:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção (p. 12).

A primeira etapa da Educação Básica antes atendia em uma perspectiva assistencialista, ou seja, as práticas desenvolvidas preocupavam-se com o cuidar e esqueciam o educar. Hoje, essas ações são vistas como indissociáveis. Quando cuidamos, educamos, vice-versa.

Criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja,

aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

A criança é participante, ativa, pois desde o nascimento ela vivencia experiências através da interação, seja com adultos ou com outras crianças. Dessa forma ela se desenvolve e desenvolve seu aprendizado.

Currículo:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p.12)

Proposta Pedagógica:

Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar ((BRASIL, 2010, p. 13)

Tendo esses conceitos bem definidos, a professora de Educação Infantil deve estar ciente de seu papel, refletindo e avaliando-se, possibilitando desenvolver sua prática de forma mais eficaz para a obtenção de resultados satisfatórios. Oliveira afirma que:

O professor nem sempre se dá conta do quão importante é o seu papel, a sua atuação, para a vida dos alunos e, não tendo essa clareza, desempenha sua função, ano após ano, sem refletir sobre sua prática. Um dos motivos dessa postura adotada pelo professor em relação a sua profissão é, com certeza, a defasagem de escolaridade desses profissionais (2007, p. 178).

De acordo com Veiga (1992, p. 16), prática pedagógica é

[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização.

Segundo as DCNEIs, as práticas pedagógicas da professora devem promover o desenvolvimento integral da criança por meio de experiências de aprendizagem que compõem a proposta curricular, tendo como eixos norteadores a interação e a brincadeira, visando garantir experiências que:

- Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

- Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;
- Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;
- Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;
- Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
- Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
- Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;
- Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;
- Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos (BRASIL, 2010, p. 25-27).

Todas essas experiências são fundamentais que as crianças possam vivenciar no cotidiano da instituição de Educação Infantil, porque ampliam suas possibilidades de aprendizagem. Para isso, o professor precisa aprimorar seus conhecimentos sobre sua ação pedagógica junto às crianças, contar com o apoio da coordenação pedagógica e participar de grupos de formação continuada.

3. METODOLOGIA

Este capítulo se propõe a apresentar os passos percorridos para elaborar e realizar a pesquisa de campo. Aqui são descritos a abordagem metodológica, a pesquisa de campo, as observações, as entrevistas, os sujeitos e o local da pesquisa.

3.1. A abordagem metodológica da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa e os dados foram coletados a partir da observação da prática pedagógica de professoras, bem como de entrevistas com as mesmas.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser aquela que “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes” (MINAYO; GOMES, 1993, p. 21)

Por meio dela, foi possível compreender e analisar as concepções e perspectivas das professoras observadas sobre suas práticas. A escolha por essa abordagem se deu por esta priorizar o processo e não os resultados da pesquisa e também por não buscar enumerar ou medir eventos, mas sim descrever de forma analítica, através do contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo.

3.2. A Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada no período de quatro a doze de Dezembro de 2014 em uma creche do município de Caucaia. Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras dessa instituição, que trabalham na mesma turma de Infantil 3. Para a coleta de dados, foram utilizadas duas técnicas: a entrevista semiestruturada e a observação.

Partindo dessas técnicas, foram utilizados alguns instrumentos para coletar os dados. São eles: roteiro de entrevista, gravador, roteiro de observação e diário de campo. Sem esses instrumentos seria difícil organizar e analisar posteriormente todas as informações coletadas.

A escolha por essa turma de Infantil 3 (crianças de 2 a 3 anos) se deu por me identificar e ter mais experiência com essa faixa etária da Educação Infantil, já que trabalhei por três anos com turmas de crianças dessa idade.

A escolha pela instituição deu-se por dois motivos: o primeiro deles foi o fato de eu não fazer parte do quadro de funcionários. O segundo foi ter meu acesso à creche facilitado por intermédio da coordenadora da escola matriz deste anexo.

3.3. As observações

Uma técnica de extrema importância para o trabalho de campo de uma pesquisa qualitativa é a observação. Minayo e Gomes (1993, p. 70) definem observação como “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.”

As observações visaram investigar e caracterizar a prática das professoras e, a partir delas, analisar ações importantes que foram desenvolvidas, a fim de propiciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Nesse sentido, foi fundamental a utilização do diário de campo para registrar todo o desenvolvimento desse trabalho. O diário de campo é um instrumento de registro diário indispensável para realizar uma pesquisa. Segundo Minayo (1993, p. 100) é nele que

[...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais.

Outro instrumento utilizado na pesquisa foi o roteiro de observação, que serviu para concentrar minha atenção no objeto de estudo, evitando perda de alguma das informações adquiridas e auxiliando na organização dos dados coletados.

O período das observações foi de 7 (sete) manhãs seguidas, e as observações tiveram duração média de três horas diárias. Embora a maior parte do tempo tenha sido de observação em sala foram também realizadas observações em outros espaços da escola, como no pátio, na sala dos brinquedos e na sala dos professores, onde outras atividades foram desenvolvidas, inclusive o planejamento da professora observada.

Todas as informações coletadas nesse período foram organizadas para que fosse possível fazer uma análise posterior juntamente com os dados obtidos nas entrevistas, objetivando caracterizar a prática pedagógica das professoras observadas.

3.4. As entrevistas

Além das observações, também foi realizada uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente elaborado, para coleta dos dados desta pesquisa com cada professora observada.

A escolha por esse tipo de entrevista deu-se por ser caracterizada por uma “série de perguntas abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimentos” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188)

Triviños (1987, p. 152) afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

A primeira entrevista foi realizada com a professora Vanessa¹ na sala dos professores e teve uma duração de aproximadamente 50 minutos. Antes do início das perguntas, foi pedida a autorização da professora para gravar a entrevista, com o intuito de não perder-se nenhuma informação fornecida. Garantiu-se que seu nome seria preservado. A professora entendeu e aceitou prontamente.

Percebeu-se em alguns momentos que a professora não estava à vontade e que, muitas vezes, não compreendia o que lhe era perguntado, sendo necessário repetir a pergunta ou explicar com outras palavras. A professora não parecia estar familiarizada com alguns termos da área de Educação utilizados no roteiro da entrevista.

A segunda entrevista foi realizada com a professora Rebeca¹, na mesma sala na qual ela trabalhava. Antes de iniciar a conversa, solicitou-se sua permissão para utilização do gravador de voz. Esclarece-se igualmente a ela sobre o sigilo de sua identidade e ela também aceitou prontamente. Sendo ela mais expansiva, comunicativa, Rebeca demorava a responder. Observou-se que ela algumas vezes ficava pensando ou procurando a palavra certa para responder, em outras perguntas relatava alguns fatos vividos. Dessa forma, essa segunda entrevista foi mais demorada (aproximadamente 3 horas de duração).

¹ Os nomes são fictícios para efeito de sigilo.

Entrevistar as professoras foi uma experiência muito proveitosa, sendo de extrema importância o uso do gravador de voz, pois assim obteve-se a entrevista na íntegra para posteriormente as respostas serem organizadas e analisadas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo destina-se a apresentar e analisar os dados coletados a partir das técnicas de pesquisa utilizadas para esclarecer o significado do objeto de estudo, seja qual for a prática pedagógica do professor de Educação Infantil. Neste capítulo também caracterizaremos a instituição e discorreremos sobre as professoras analisadas. Bastos (2004, p. 56) afirma que “na análise detalham-se mais os dados a fim de conseguir respostas às indagações. Na interpretação procura-se dar um significado mais amplo às respostas, ligando-as a outros conhecimentos”.

4.1. Caracterização da instituição pesquisada

A instituição está situada em um bairro periférico de um município próximo a Fortaleza, em uma área calma quanto ao trânsito de veículos, fato positivo por se tratar de um local de concentração infantil. Fundada por religiosas, a escola funciona há vinte e cinco anos e atende crianças de dois a seis anos em período parcial, distribuídas em quatro turmas, de acordo com a faixa etária.

No período da manhã, funcionam duas turmas: a do Infantil 2, com crianças de dois anos e a do Infantil 3, com crianças de três anos. No período da tarde, atende as turmas do Infantil 4 e Infantil 5. As crianças moram nas redondezas da escola.

A escola possui quatro salas, sendo uma delas, a “sala dos brinquedos”, outra é utilizada como depósito para guardar materiais permanentes e apenas duas funcionam com as crianças, como salas de aula. Há um banheiro, uma sala dos professores, uma sala de informática, um pátio aberto, uma casinha com escorregador e uma cozinha.

As salas são espaçosas, porém pouco ventiladas. As cadeiras não são apropriadas para as crianças, pois são altas e nada confortáveis.

Na sala havia as cadeiras das crianças, um quadro branco, um birô da professora e um armário fechado com duas portas, onde eram guardados livros e diversos materiais escolares, como tinta guache, pincéis, cola colorida, lápis de escrever, lápis de cor etc. Ao lado dessa estante havia outra, aberta e com alguns brinquedos, como bola, boneca, cavalinho, etc. A sala não era muito decorada, mas tinha alguns enfeites natalinos na porta e na lousa, nas paredes havia uma decoração com o desenho do Papai Noel, tarefas das crianças, um papel madeira com a rotina da sala, um cartaz com o alfabeto e um porta-livros.

A equipe escolar é formada por três professoras concursadas e uma professora temporária, um porteiro, dois vigias, uma merendeira, uma auxiliar de serviços gerais. No momento a escola não dispõe de coordenador.

Vale ressaltar que a escola pesquisada é anexa e atende exclusivamente à Educação Infantil. Leitão (2002, p. 62) conceitua esse tipo de instituição da seguinte forma:

As escolas anexas são prédios alugados pela prefeitura ou a ela cedidos, para absorver a clientela da escola patrimonial, que não tem condições de atender a demanda existente. A prefeitura, então, firma convênios, mantendo uma relação que atende a critérios financeiros (energia, telefone, água, merenda escolar e conservação parcial do prédio) e relacionados aos recursos humanos (professoras, pessoal de apoio e coordenadora).

Em 2000, a instituição firmou convênio com a prefeitura, era patrimonial e atendia até os três primeiros anos do Ensino Fundamental, mas no período de Janeiro a Abril de 2014 ela foi fechada e voltou a funcionar somente com Educação Infantil. Como não havia outra professora para as turmas de Infantil 2 e 3, desde a reabertura da instituição (Maio de 2010) as crianças dessas turmas estão sendo liberadas mais cedo, por volta das 9h30min. Essa situação acontece com mais frequência do que se pode imaginar, pois a maioria dos municípios não valoriza a segunda professora da sala, pagando um valor bem abaixo do salário mínimo. Se desvalorizam este profissional, conseqüentemente também estarão desvalorizando os demais profissionais da área, pois essa postura acaba comprometendo o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. A professora de Educação Infantil precisa dividir suas atividades com outra professora, pois as crianças pequenas precisam de muita atenção. As crianças de dois e três anos ainda não têm o controle esfinteriano, sendo necessário, dessa forma, o acompanhamento de um adulto. E como fazer isso sem deixar as outras crianças sozinhas? Como estar em dois lugares ao mesmo tempo? Liberar mais cedo não resolve essa situação e ainda compromete o tempo que as crianças dispõem para seu desenvolvimento e aprendizagem. O ideal de fato seria ter outra professora em sala para dividir as atividades e dar uma atenção maior para as crianças.

A chegada à creche quase sempre coincidia com a chegada de algumas crianças, que vinham acompanhadas de seus pais, mães, tias, avós ou irmãos, por volta das 6h50min. Antes dessa chegada, a professora já se encontrava na escola. Ora estava em sala, organizando suas coisas, ora nas demais dependências para conversar com as outras funcionárias. Vanessa vai à escola caminhando, pois mora perto da instituição.

As crianças chegavam, entravam logo para sua sala, e seus acompanhantes iam embora. As observações foram feitas a partir de uma cadeira perto da porta, de costas para a lousa e de frente para as cadeiras das crianças, de onde havia ampla visualização e dessa forma nenhum detalhe importante seria perdido.

4.2. Descrição dos sujeitos

A professora Vanessa, concursada do município de Caucaia, tem 45 anos, é casada e tem uma filha de 14 anos. Ela formou-se em Pedagogia em 2001, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Não tem pós-graduação.

Leciona há 28 anos e só este ano iniciou sua docência na Educação Infantil, mesmo contra sua vontade. Foi bem clara quando disse que não gosta da Educação Infantil e que só está nessa etapa da educação no momento visto que, se não aceitasse, teria que ir para outra escola. Sempre lecionou no Ensino Fundamental, etapa com a qual se identifica mais. No próximo ano ela será readaptada, provavelmente por causa do tempo de serviço e também por motivos de saúde.

Rebeca é professora contratada do município de Caucaia, tem 44 anos, é casada e tem três filhos: um de 19 anos, outro de 21 e o mais velho de 25 anos. Ela se formou em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em 2001. Em 2008, fez por meio da mesma universidade um curso de Especialização em Gestão de Pessoas em Organizações Públicas. Mesmo essa pós-graduação não sendo na área da educação, ela reconhece que é um conhecimento a mais que lhe auxiliará de alguma forma no seu trabalho.

Leciona há aproximadamente 10 anos, incluindo instituições públicas e particulares, e há 4 anos iniciou sua docência em Educação Infantil. Exerce cargo de professora PAI (Professor de Atividade Interdisciplinar). Esse cargo foi criado com a finalidade de garantir aos professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental a distribuição 20% (vinte por cento) da carga horária para horas de atividades pedagógicas extraclasse, como no caso, os planejamentos semanais.

A função do PAI era trabalhar as disciplinas de Arte, Recreação, Religião e Linguagem, com base no currículo das instituições. O que difere o professor titular do professor PAI é a proposta de trabalho, pois este trabalharia os assuntos das disciplinas citadas e assuntos de interesses das crianças. É contraditório falar em interdisciplinaridade e

determinar que este professor deva trabalhar quatro disciplinas. Na Educação Infantil não se separam as áreas de conhecimento: todas estão interligadas.

Rebeca fica só um dia por semana nessa turma do Infantil 3, turma da presente pesquisa. Ela gosta de ser professora PAI, mas afirma ser importante o diálogo constante com a professora regente, para que ela consiga dar continuidade às atividades já iniciadas.

4.3. Caracterização da prática das professoras

Prática pedagógica é o fazer diário do professor, é um conjunto de ações articuladas que visam promover o desenvolvimento integral das crianças.

O Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas - CEI (CEARÁ, 2011, p. 34) define que: “as práticas pedagógicas são experiências que articulam os saberes das crianças com conhecimentos: cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico.”

Sobre esse assunto, Vanessa respondeu: “É o ensinar. É o ensinar em geral, não só no conteúdo, mas também ensinar com a parceria da família. Eu e a família lutando juntos pela educação. O professor tem que incentivar a criança”².

Para Vanessa, prática pedagógica é o “ensinar”, é o transmitir o conteúdo e preparar as crianças para os anos posteriores, mesmo que, para isso, ela esqueça do presente e deixe passar essa fase tão rica e tão determinante para a formação das crianças. Complementou dizendo que precisava da parceria da família. Ela afirmou que o professor deve incentivar a criança, no entanto, esse incentivo não acontece em sua prática. Sobre o objetivo de sua prática pedagógica, Vanessa respondeu: “Meu objetivo é transmitir tudo que eu aprendi. Já para os pequenos eu transmito através do amor, do carinho”².

A professora falou que o objetivo de sua prática é “transmitir através do amor” e colocar-se como uma pessoa que transmite conhecimentos. Em seu discurso e em sua prática, Vanessa parecia desconhecer que seu papel deveria ser de mediadora de experiências significativas para as crianças. A palavra “transmitir” traz a ideia de que o receptor do conhecimento (a criança) não o possui (o conhecimento), o que não é verdade. Amar seria respeitar, escutar, conhecer a criança, trocar experiências. Para Dantas (2005, p. 2-3):

“Desconhecer as possibilidades da criança ou desconhecer a criança é uma forma de desamor. Então, de novo o Wallon nos ajuda quando diz que, a partir de um dado

² Informações verbais concedidas pelas participantes desta pesquisa, cujos nomes são fictícios para efeito de sigilo.

momento, amar a criança é conhecê-la. Aí, a gente tende a conhecer o que ama e amar o que conhece. Então, uma forma importante do amor é conhecer, saber o nome do cachorro dela, quantos irmãos ela tem. Saber que o Piaget diz que ela não pode acertar perguntas do tipo: “o que tem mais, pessoas ou mulheres?”, aos cinco anos. Então, é essa a forma mais requintada de amor que a gente precisa desenvolver em si mesma. E felizmente, eu acho que para nós profissionais, existe essa possibilidade de amor cognitivo, de amar uma criança simplesmente se informando como ela vive, quantos irmãos ela tem etc., porque a nossa profissão é, sob este aspecto, surrealista. É condição de trabalho pra nós, amar o nosso objeto de trabalho, “objeto” que deve ser o sujeito. Nós só podemos exercer a nossa profissão bem se nós amarmos as crianças. Se você não amar o seu “objeto” de trabalho você não realiza competentemente sua tarefa. Então é uma exigência pesada sobre nós”.

Vanessa relatou que tem conseguido alcançar seu objetivo por meio da roda de conversa. Essa sua fala não coincidia com o que foi observado durante a permanência na instituição, uma vez que esse momento não fez parte da sua rotina de sala.

Sobre o que ajuda e o que atrapalha na sua prática, Vanessa respondeu:

“O que atrapalha são os pais, tem uns que não ajudam. Eles não ajudam deixando os filhos soltos, livres, na rua. E eu acho que não é prender, mas a gente tem que botar uns limites. Tudo tem que ter seu limite. Tem a hora do almoço, tem a hora de dormir, tudo mais. A gente trabalha em área de risco, que aqui é considerado, e a partir do momento que elas deixam eles soltos, eles só vão aprender o que não é pra eles, o que não é pra idade deles ainda. Ajuda a parceria família e escola. Quando a família está presente, a aprendizagem da criança é completamente diferente e fica mais fácil da gente trabalhar. Existe a parceria com algumas, mas precisa melhorar”.

Para Vanessa, os pais tanto ajudam como atrapalham. Ajudam quando são presentes, dão uma maior assistência para os filhos e atrapalham quando não dão limites, não são presentes para acompanhar a aprendizagem na escola. Sem dúvida alguma, a parceria escola-família é fundamental e muito influencia nesse processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, mas não podemos culpar os pais pela ausência, pois muitas vezes eles também são vítimas de uma sociedade desigual e precisam de apoio. O fato é que a solução não está em procurar ou apontar um culpado para a situação.

O profissional tem sempre que refletir sobre sua prática e avaliar se está desempenhando bem seu papel. Perguntada sobre como avalia sua prática, Vanessa respondeu:

“Eu acho que a gente sempre tem que melhorar um pouco, tem sempre que se reciclar. Através de livros que a gente pode ler, então tem que melhorar bastante. A gente sempre tem que renovar. Não ficar sempre a mesma coisa. Tem que caminhar de acordo com o ritmo deles. Mesmo que você tenha que dar uma rasteirinha nas coisas pra eles não fazerem, mas tem que saber, né? Bem que a tecnologia mudou bastante, a gente tem que andar também. Não pretendo mudar não, minha filha! Continuo no diálogo, na conversa, mesmo. Eu continuo do mesmo jeito até me aposentar”.

Sua resposta foi confusa, pois ao mesmo tempo que diz que sempre temos que melhorar, mudar, acompanhar a tecnologia, ela diz que não pretende mudar e vai seguir fazendo uso do diálogo, da “conversa”. Vanessa pareceu entender por conversa aqueles momentos em que ela chama a atenção das crianças, dizendo por exemplo como devem comportar-se ou quando fala de bons hábitos. Ela falava, as crianças escutavam. Isso não podia ser chamado de roda de conversa, pois só uma pessoa falava, não existia interação. E por achar que essa sua prática estava certa, ela disse que vai continuar assim até se aposentar.

A outra professora entrevistada, a professora Rebeca, respondeu dessa forma quando questionada sobre o conceito de prática pedagógica: “É colocar em prática o planejamento, é o que você tem que fazer em sala. É você usar o que você planejou e praticar em sala de aula, fazer com que os alunos interajam com aquilo”³. É possível supor que a visão de Rebeca sobre a prática pedagógica parecia aproximar-se mais do que as Diretrizes Curriculares determinam, pois a professora ao menos citou um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas: a interação.

Quando indagada sobre os objetivos da sua prática, Rebeca disse que é “fazer com que o aluno vivencie, experimente, investigue, tenha curiosidade de perguntar, de reproduzir. O objetivo é a aprendizagem, é fazer com que a criança interaja”³.

De fato, Rebeca permitia mais que a crianças falassem, expusessem suas ideias, seus desejos. Ela promovia a participação ativa das crianças nas atividades. Percebeu-se que as crianças ficavam mais à vontade para se expressar e interajam mais. Mesmo com receio de que essa liberdade pudesse virar possível bagunça, a professora não voltava atrás. Quando perguntada se estava conseguindo alcançar seus objetivos, Rebeca respondeu:

“Em parte sim. É relativo, porque algumas crianças elas interagem bem. Já outras têm toda uma dificuldade de interagir, tem uma dificuldade de aprendizado mesmo. Porque não tem essa prática em casa, do chegar, fazer a tarefinha, ajudar. Às vezes a gente até vê que do jeito que a gente manda a tarefinha, no outro dia volta do mesmo jeito. Alguns não, a tarefinha vem feita, vem toda direitinha. Então os objetivos são alcançados sim quando a gente vê que a criança interage, que a criança participa, que a criança experimenta aquilo ali, que ela chega pra você e diz: Oh tia, eu já sei isso! Oh tia, eu já fiz! A gente vê o resultado ali do que a gente vem fazendo em sala de aula, vem colocando em prática e a criança vai interagindo, vai fazendo, vai participando, e a gente vê o resultado. De alguns não tanto como outros, mas a gente vê, sim, o resultado na oralidade, pois eles falam, eles contam histórias, tem o relato. Eu vejo que, principalmente com criança, que a gente acaba vendo muito a produção, a construção do saber, quando chega no final do ano a gente vê o resultado de cada um”.

³ Informação verbal

Rebeca disse que a dificuldade de interação e aprendizado de algumas crianças se devia ao fato de suas famílias não darem a devida atenção a elas, não ajudarem nas tarefas. A parceria família-escola é fundamental para ajudar a criança no processo de desenvolvimento e aprendizagem, mas não é possível afirmar que, na ausência de uma delas (família ou escola), a criança deixe de se desenvolver ou aprender. É preciso cautela ao julgar e colocar a culpa na família, pois seria preciso analisar cada caso isoladamente.

Em seguida a professora disse que alcançava seus objetivos à medida que a criança interagia, participava. Sobre o que ajuda e o que atrapalha na sua prática, Rebeca respondeu:

“O que ajuda é a gente ter o planejamento, pois não dá certo ir pra sala de aula sem planejamento. Tem professores que vão pra sala de aula sem planejar, pois já tem experiência, mas é mais seguro, mais correto e justo para o professor fazer o planejamento. O que atrapalha é a quantidade de alunos, pois geralmente ficamos com mais alunos do que é permitido. Ter muitos alunos na Educação Infantil é complicado para prender a atenção deles. E o que atrapalha também é a falta de acompanhamento dos pais.”

Para Rebeca, o planejamento ajuda na organização das atividades que serão realizadas, porque a partir dele são traçados os objetivos a serem alcançados. Apesar de não observado o momento do planejamento de Rebeca, percebeu-se na sua prática uma segurança maior ao realizar as atividades com as crianças. No dia da observação, notou-se que suas atividades não saíram conforme ela tinha planejado, pois as tarefas xerocadas daquele dia demoraram a ser entregues. Então ela explicou o ocorrido para as crianças, dizendo que a outra professora realizaria em outro momento esta atividade.

Um fator que atrapalha, apontado por Rebeca, seria a grande quantidade de crianças em sala, pois geralmente excede o limite determinado pela Lei nº 12.796/2013. Ao avaliar sua própria prática Rebeca respondeu:

“É uma avaliação constante. Eu faço o planejamento, busco colocar o planejamento em prática. A minha prática de aula eu tenho caminhado com humildade, eu gosto do meu trabalho, de como eu faço, eu estou sempre buscando melhorar, conversar, trazer coisas novas. A avaliação que eu faço da minha prática de aula é boa, porque eu estou sempre buscando fazer uma coisa diferente, buscar na internet uma novidade, uma música nova, que coloque as crianças para ampliar seus conhecimentos.”

Rebeca avaliou sua prática como boa, pois está associada ao planejamento, pesquisas de novidades na internet e busca de melhorias, a fim de ampliar os conhecimentos das crianças.

4.3.1. Rotina de sala

Buscando caracterizar a prática das professoras, faz-se necessário conhecer suas rotinas de sala. Desse modo, é importante entender o que é rotina e como ela deve ser organizada.

Para Barbosa (2006, p. 35), “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver um trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”.

Rotina então é o modo como o docente desenvolve sua prática pedagógica, é o modo como se organiza o tempo, o espaço e materiais para promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Sabendo disso, o Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas (2011, p. 52) traz esta sugestão dos tempos que não podem faltar em uma rotina:

DEZ TEMPOS QUE NÃO PODEM FALTAR NA ROTINA...

1. Tempo de chegada e saída das crianças
2. Tempo de água e alimentação
3. Tempo de higiene e descanso
4. Tempo de exploração e construção de conhecimento de si e do mundo
5. Tempo de rodas de conversa
6. Tempo de história
7. Tempo de brincadeira
8. Tempo de parque
9. Tempo de areia
10. Tempo de atividades diversificadas

A rotina de Vanessa começava cedo. Antes das 7h00min da manhã ela já se encontrava na escola e ficava à espera das crianças, que entravam de 07h00min até 07h30min. Dessa forma, a professora só iniciava as atividades às 7h30min. Observou-se que as crianças que já haviam chegado ficavam esperando ociosas. A disposição das cadeiras era em forma de semicírculo. Como havia cadeiras em grande quantidade, sobravam muitas cadeiras vagas e algumas crianças ficavam distantes umas das outras, dificultando a interação entre elas.

Vanessa acolhia as crianças com um sorriso, algumas vezes fazia um breve comentário, outras vezes, tecia algum elogio. Logo após ia organizar suas coisas, alguma tarefa ou até mesmo ficava na porta da sala, vendo o movimento.

Passados os trinta minutos, a professora iniciava as atividades dizendo assim: “Bom dia, papai do céu! A aula vai começar, quero que o Senhor venha conosco ficar.” Em seguida vinha a oração do anjo da guarda e da Ave Maria. Vanessa impôs a religião católica

nas orações e em outras atividades com temas religiosos. Certo dia, dando continuidade a esse momento, a professora pegou um livro de orações e leu uma delas. No meio da oração, quando dizia “perdoe agir de modo errado”, a professora parou de ler para chamar a atenção de uma criança que ela considerava agir dessa maneira e depois concluiu a leitura. A professora parecia não entender que atitudes como essas constrangiam as crianças e não contribuíam para a construção de uma autoestima positiva. Infelizmente, esses constrangimentos voltavam a acontecer em outros momentos do dia.

A atitude de Vanessa de impor sua religião e doutrinar às crianças é contrária ao direito que elas têm de serem respeitadas em sua diversidade religiosa. Toda instituição deve acatar e acolher todas as crenças das famílias e não impor uma só. Quando foi indagada sobre o momento que ela mais gostava em sua rotina, Vanessa respondeu:

“O momento da acolhida, da oração, pois eu sou uma católica convicta. O momento da oração que eu estou com Cristo e junto com eles. É o momento que eu vou explicar que Jesus está perto de nós e quando tem uma, duas, três pessoas falando nele, Ele está presente. Pra mim esse é o momento que a minha sala já fica abençoada.”

Terminadas as orações, a professora cantava algumas músicas. Esse era um momento bem rápido, pois não passava de três cantigas por dia. Eis algumas delas: “Jesus Cristo está passando por aqui”, “Janelinha”, “De abóbora faz melão”, entre outras.

Depois das músicas, a professora já começava a explicar as tarefas xerocadas. Algumas vezes a explicação era na lousa. A maior parte do tempo era destinada para a realização dessas atividades já prontas.

Geralmente, essas atividades estavam relacionadas com o tema que ela estava trabalhando em sala. Como vivíamos o período do Natal, Vanessa escolheu um repertório de atividades com esse tema. No primeiro dia de observação, foi proposta uma tarefa para as crianças, que consistia em pintar o Papai Noel, colar algodão na sua barba, pintar e cobrir o pontilhado da letra N. A professora ausentou-se da sala por alguns instantes para providenciar o material necessário (no caso, o algodão). Durante a realização da atividade, uma criança riscou o desenho. A professora logo o repreendeu, dizendo que não era para fazer aquilo e lhe entregou outra folha. As crianças fizeram a tarefa, mas sem esboçar muito entusiasmo. Algumas terminaram logo e ficaram correndo na sala, mas por pouco tempo, pois novamente a professora os repreendeu, dizendo que não era para correr. Elas então pararam.

Em todos os dias observados, as atividades xerocadas resumiam-se em: pintar um desenho já pronto, colar, cobrir pontilhados de letras ou números. A diferença se dava na

quantidade, pois houve dias que ela realizou três ou quatro tarefas seguidas. Algo bem cansativo, nada significativo e interessante para as crianças e que contribuíssem para seu desenvolvimento.

Dois fatos chamaram atenção na sua prática relacionada às tarefas prontas: certo dia, a professora informou aos pais que as crianças iam sair mais cedo, pois era semana de “provinhas”. Noutro dia, informou também às crianças da mesma forma, ou seja, aquelas atividades foram tratadas como se fossem avaliações, a que se atribuem notas. Será que a criança pode ser avaliada por uma simples atividade realizada? A professora parecia desconhecer que a avaliação se dá de forma contínua, por meio de observações e registros da professora. Acredita-se que a essas atividades não foram atribuídas notas, mas a forma como foram mostradas parecia revelar a preocupação da professora com a preparação das crianças para o Ensino Fundamental. Vale ressaltar que se trata de uma turma de Infantil 3.

O outro fato também chamou a atenção foi o modo como a professora intervinha quando as crianças estavam realizando as tarefas. Algumas vezes ela antecipava a solução do desafio e respondia no lugar da criança (por exemplo, no momento de uma atividade de pintura, quando fez um rabisco na folha para indicar a cor que a figura deveria ser pintada). Outras vezes, ela deixava a criança escolher a cor. Se a atividade era para cobrir o pontilhado, a professora iniciava com o intuito de mostrar como deveria ser feito. Outras vezes, pegava na mão da criança para lhe ajudar a fazer. Percebeu-se essas intervenções não como uma forma de ajuda, mas sim como uma garantia de que a tarefa sairia do jeito que ela esperava, ou seja, que a tarefa ficasse conforme os padrões. Na verdade, agindo dessa forma, a professora não estava respeitando a criança.

Finalizadas as atividades gráficas já estava na hora do lanche, que sempre começava por volta das 09h00min da manhã. Quando sobrava tempo antes do lanche, a professora levava as crianças para a sala dos brinquedos. A sala dos brinquedos era espaçosa, igual às outras, mas com a diferença de ser um espaço reservado para as brincadeiras das crianças. Na sala, havia uns colchonetes empilhados e alguns brinquedos, tais como: cavalinhos, carrinhos, bonecas e bolas. Não havia muita variedade nem muita quantidade, mas com certeza era um bom espaço para se brincar. Enquanto as crianças brincavam, as professoras ficavam sentadas perto da porta, ora olhando as crianças, ora conversando entre si.

As crianças lanchavam no pátio, sentadas no chão ou em uma mesa de refeitório feita de madeira, um local totalmente inapropriado e nada higiênico. Toda a equipe escolar via aquilo e não tomava nenhuma providência. Logo após o lanche, vinha o recreio.

O recreio acontecia no pátio e durava em média de quinze a vinte minutos. As crianças corriam no pátio ou brincavam na casinha com escorregador. As funcionárias da escola ficavam encarregadas de olhar as crianças, enquanto Vanessa aproveitava esse tempo para lanche. Apenas quando acontecia alguma eventualidade a professora olhava o recreio das crianças. Perguntada sobre qual o momento que as crianças gostavam mais, eis a resposta de Vanessa:

“O momento de brincar, com certeza. As crianças de cinco anos muito não, mas as crianças de três anos é a fase lúdica da criança. Então a brincadeira pra eles é tudo, é o mais importante. E na brincadeira eles se desenvolvem. Ontem na brincadeira eles estavam fazendo comida e a menina disse que quem faz comida é mulher, pois era um menino que estava fazendo a comida. A criança já tem essas ideias. É o momento que eles se entregam mais, que eles se sentem livres. Na tarefa eles se sentem presos, e ali na brincadeira eles se soltam e ficam à vontade”.⁴

Apesar de Vanessa perceber que a brincadeira é o momento que as crianças gostam mais e também reconhecer que as crianças se desenvolvem quando brincam, sempre que acontecia algum momento em sala que a criança demonstrava interesse em brincar a professora repreendia, dizendo que não era hora. Entre uma brincadeira e uma tarefa gráfica, momento que a própria professora reconheceu que as crianças se sentem presas, a professora priorizava a tarefa. A brincadeira acontecia em sua maioria na sala dos brinquedos e no recreio.

Após o recreio, as crianças entravam na sala e já preparavam as coisas para irem para casa. Embora isso acontecesse, Vanessa relatou de outra forma:

“Tem o lanche, a brincadeira livre, mas a gente fica observando. A brincadeira livre acontece na hora do recreio, mas geralmente acontece dentro da sala. Dependendo do dia, às vezes, a gente coloca vídeo educativo das cores, dos numerais, das formas geométricas. Às vezes tem pintura livre, às vezes é desenho livre. Depois organizar a mochila para a saída.”

Não existia em sua rotina a roda de conversa, nem a contação de histórias, dois momentos que são indispensáveis para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. No entanto, ao relatar sobre sua rotina, Vanessa incluiu o primeiro momento, dizendo o seguinte:

⁴ Informação verbal

“A roda de conversa é só uma conversa informal, sobre as regras de convivência”⁵. Talvez a professora acredite que esse momento aconteça de modo ocasional, quando ela fala como a criança deve se comportar e agir.

Perguntou-se para Vanessa qual o momento da rotina ela considera o mais importante para o desenvolvimento da criança, a mesma surpreendeu com a seguinte resposta: “a roda de conversa, pois é nesse momento que eu dou a minha opinião e as crianças dão a opinião delas. Eu vejo o que realmente eles aprenderam o que ficou na cabeça deles sobre o que já foi explicado”⁶. Ora, Vanessa se contradiz ao afirmar que o momento mais importante é exatamente aquele que ela não desenvolve com as crianças.

Na roda de conversa a criança interage, tanto com outras crianças como também com adultos, desenvolve sua oralidade, aprendendo a falar, a ouvir. Conversando, as crianças aprendem a respeitar o outro, a contar experiências vivenciadas e aprendem a conhecer mais sobre si e sobre o mundo em sua volta. Vanessa não organizou tempo e espaço para promover esse diálogo, essa interação. Quando uma criança relatava algum fato ocorrido em sua casa, a professora fazia um breve comentário e já encerrava o diálogo, sem dar a devida atenção. Vanessa parece desconhecer que um dos eixos norteadores da prática pedagógica é a interação, pois a mesma não oportuniza essa troca. Vygotsky, com base em sua perspectiva sociointeracionista, afirma que a criança aprende e se desenvolve por meio das interações sociais. Elas são de fato imprescindíveis.

A roda de história foi outro momento que faltou na rotina de Vanessa. Esse é um momento muito rico, pois a história contada ou lida estimula a imaginação, a criatividade, desperta a curiosidade e várias sensações, como medo, alegria, raiva, amor... Ler ou contar uma história possibilita que a criança entre no mundo letrado, tome gosto pela leitura, aprenda a reconhecer os personagens, dentre outras capacidades.

Quis saber qual era o momento da rotina que Vanessa menos gosta em sua rotina, ela respondeu assim: “o momento da saída ou quando a criança falta. Eu só tive uma filha, então eu digo que as crianças são os meus filhos. Eu me apego muito às crianças. Quando a criança falta eu já fico pensando porque faltou e vejo que o conteúdo dado é perdido”⁷.

⁵ Informação verbal

⁶ Informação verbal.

⁷ Informação verbal.

Não foi possível perceber esse apego durante as observações, talvez pelo fato de não presenciar nenhum momento de afetividade por parte da professora. Interessante notar que, mesmo falando em apego, afeto, em sua fala também aparece a palavra “conteúdo”, ao se referir à perda da criança quando esta falta.

Sobre o momento que as crianças menos gostam, Vanessa afirmou que também era a saída, pois algumas crianças choravam, querendo ficar na escola.

A rotina de Rebeca nessa turma do infantil 3 acontecia toda sexta-feira, visto que ela ficava em sala para que a professora titular (Vanessa) pudesse fazer o planejamento. Então, nesse dia, Rebeca chegou às 7h25min e justificou seu atraso dizendo que houve um imprevisto. Assim que ela adentrou na sala, as crianças se levantaram para lhe abraçar.

Sem perder tempo, a professora inicia sua rotina às 7h30min dando bom dia para todos e logo em seguida faz a acolhida com uma oração e músicas. A oração não era voltada para nenhuma religião, era um momento de agradecer a Deus pelo dia. Seu repertório musical era mais extenso. Iniciava com “Jesus Cristo está passando por aqui”, música de bom dia, dias da semana. Nesse momento, a professora pergunta quantos dias a semana tem. Uma das crianças responde “dois”, mas faz sete com os dedos. Depois ela canta e dramatiza uma música que desperta tanto a atenção das crianças que elas pedem para repetir. Rebeca atende ao pedido e repete umas cinco vezes, pois viu que as crianças queriam mais. A professora finaliza esse momento divertido com as cantigas do Sapo, Pombinha Branca e Cão Amigo (repertório da Galinha Pintadinha). Nessa última, algumas crianças se levantam para dançar. Foi um momento muito prazeroso para as crianças, pois elas se envolveram, participaram, interagiram.

Depois da musicalidade, a professora pediu para as crianças sentarem. Uma delas não obedeceu e pegou algo no armário, a professora viu e já pediu para guardar, pois não era hora de brincar. O menino disse que não era brinquedo e pediu para a professora lhe esperar, porque a mesma já estava iniciando outra atividade. Acredita-se que seria possível evitar esse pequeno conflito de alguma maneira. É importante entender o motivo da criança, procurando saber o que a criança pretendia com aquilo, se era brincar, chamar atenção ou até mesmo ser uma recusa de ficar sentado, já prevendo alguma atividade monótona. Para isso, é necessário conversar, escutar a criança. No entanto, a professora preferiu seguir sua rotina com a próxima atividade, sem dar muita atenção para o menino.

Então por volta das 7h45min, Rebeca mostra uma tarefa xerocada da Sagrada Família e pergunta para as crianças o que era aquilo. Algumas responderam, uma disse que

era a “tarefa”, outra completou a ideia dizendo que era a “tarefa de casa”. Um menino respondeu “Papai Noel” outro falou que era “Jesus”. É fundamental essa predição, posto que possibilita que as crianças se expressem verbalmente, pensem, imaginem, descubram o que será feito. A atitude de Rebeca foi de uma professora que medeia as aprendizagens, interage e proporciona momentos significativos para a criança.

Dando continuidade à sua rotina, Rebeca iniciou a contação da história de Jesus. Em alguns momentos ela dramatizava. Na história, ela falou dos três reis magos, dos presentes que Jesus ganhou, dos animais que aparecem na história e explica o significado da estrela de Natal. As crianças escutam atentas e ao terminar a contação, ela canta a música “Bate o Sino”.

Após a história, ocorreu outro conflito: o mesmo menino que desobedeceu à professora no início do dia agora estava em cima da mesa. Rebeca não o repreende, apenas o observa. Seu colega, vendo a situação, resolve imitá-lo. Dessa vez, a professora pede para ele descer e se sentar direito na cadeira, caso contrário iria colocá-lo no cantinho do pensamento. A criança desce da mesa, mas não se intimida com a ameaça e continua a chamar a atenção da professora, mas agora com um cinto na mão. Novamente a professora interveio, mas dessa vez não só falando, e sim tirando o cinto, bruscamente, da mão da criança a fim de evitar algum acidente. Ele não gosta da atitude da professora, e para mostrar sua indignação, dá língua e mostra o dedo médio para a professora. Pela segunda vez, Rebeca repreende e o coloca no cantinho do pensamento. Não aceitando a situação e nem o castigo, a criança começa a chorar. Nessa hora, a professora se agacha e tenta conversar com ele. No início, ele não aceita conversar nem escutar o que a professora dizia, mas depois vai se acalmando e tudo se resolve. Rebeca fala firme, mas, ao mesmo tempo, mostra preocupação e carinho com a criança. Talvez se ela tivesse tido essa conversa logo no início, a situação não houvesse chegado a esse ponto. Não uma conversa autoritária, querendo mostrar regras e quem manda na sala, como geralmente acontece, mas um diálogo amigável.

A escola toda vê esse menino como uma criança-problema e culpa os pais pelo comportamento dele. É importante ter bom senso para não tomar nenhum posicionamento precipitado ou discriminatório com relação à família. É preciso investigar o real motivo de certas atitudes da criança, é preciso conhecer a criança e para isso, é necessário muito estudo e dedicação por parte do docente.

Solucionado o problema, a professora saiu por alguns instantes da sala para pedir que tirem as cópias das tarefas e voltou logo em seguida. Nessas saídas da professora, as

crianças ficavam sozinhas. Sem esperar que as tarefas fossem demorar, Rebeca improvisou e escreve as palavras “Natal”, “sino” e “árvore” na lousa. Depois ela fez o desenho dessas palavras e pediu que as crianças contassem a quantidade de letras de cada palavra. As crianças se levantam e vão contar na lousa. A atividade se prolongou até o momento que a funcionária chegou com as tarefas xerocadas.

Na verdade, eram duas tarefas para serem feitas, mas como demoraram a chegar não deu tempo de fazer a pintura da Sagrada Família. A professora explicou esse fato para as crianças. Então a atividade gráfica do dia consistiu em pintar a estrela do Natal e cobrir o pontilhado dessa estrela com cola *glitter*. As crianças colocaram o seu nome na tarefa e iniciaram a pintura, ficando à vontade para escolher a cor de sua preferência. À medida que elas iam terminando, a professora elogiava a pintura de cada uma. As que terminavam antes das outras, ficavam sem fazer nada, esperando a hora do lanche.

O lanche era servido no pátio, local nada apropriado para se fazer uma refeição. Muitas crianças se sentavam no chão para comer. Além de desconfortável, não era nada higiênico. A própria escola não estava promovendo hábitos de higiene. O local mais adequado para fazer o lanche seria na própria sala, sentados em suas cadeiras, podendo apoiar pratos ou copos na mesa e não no chão. Assim que terminavam de lanchar, as crianças permaneciam no pátio, pois já era hora do recreio. Lá eles corriam livremente, brincavam na casinha, desciam do escorregador. Enquanto as crianças brincavam, as professoras lanchavam. As outras funcionárias da escola ficavam olhando as crianças no recreio. Rebeca, depois que lanchava, ia olhar as crianças brincando no escorregador. Assim que o recreio acabava, as crianças entravam na sala e já começavam a organizar suas coisas para esperar os pais, pois já era hora da saída.

Quando perguntada sobre qual momento de sua rotina ela considerava mais importante para o desenvolvimento das crianças, Rebeca respondeu da seguinte forma:

“Eu acho que todos os momentos são importantes. O brincar é importante, a oralidade, a musicalidade, a gesticulação, a hora da rodinha, a hora da história é importante, a atividade, antes a gente trabalha a atividade, porque tem umas crianças que ficam com preguiça de fazer a atividade, mas eu acho que a criança se desenvolve mais brincando, com o lúdico. Trabalhar o lúdico, com a musicalidade, mesmo na lousa, trabalhar fazendo os desenhos na lousa. A gente vê muito nas palestras, nas formações, que eles falam que a criança que brincou mais, que teve mais o lúdico na vida dela, torna-se um adulto bem mais seguro, com um poder de decisão maior. Isso a gente vê mais em escolas particulares, mas é possível também a gente encontrar isso nas escolas públicas”.

Rebeca entendia que o brincar é a atividade mais importante para o desenvolvimento das crianças, embora reconheça que outros momentos também têm seu valor. Em sua prática, ela proporcionava momentos lúdicos, com musicalidade, momentos estes que envolvem as crianças, mas faltou na sua rotina o brincar livre da criança. O professor deve organizar espaços e tempos para a brincadeira de faz de conta, disponibilizar diversos tipos de brinquedos. A escola disponibilizava da sala dos brinquedos, mas esse espaço não era utilizado diariamente.

Sobre o momento da rotina que as crianças mais gostavam, Rebeca respondeu:

“É a brincadeira, a musicalidade, mas eu vejo que é relativo. Tem crianças que gostam mais de pintar, outros já não gostam tanto, pois tem uma preguiça. Tem crianças que gostam de realizar todas as atividades, já outros que tem uma preguiça se envolvem mais, interagem mais com a brincadeira mesmo. A criança gosta mais da brincadeira, do lúdico por ser criança. Ela tem uma necessidade, ela precisa do lúdico”.

Sem dúvidas a brincadeira é o momento que as crianças gostam mais e aprendem e se desenvolvem. Leontiev (1998, p. 29 *apud* MANUAL-CEI, 2011) ⁸ afirma que: “a brincadeira é a atividade principal da criança, não pela quantidade de horas que ela brinca, mas sim porque é a brincadeira que possibilita as maiores e mais importantes aprendizagens das crianças e, conseqüentemente, contribui no seu processo de desenvolvimento”.

Já o momento da rotina que as crianças menos gostavam na concepção de Rebeca era “a tarefa, pois tem umas crianças que têm certa preguiça de fazer a tarefa. Outras já têm o senso de responsabilidade. A gente acolhe o que vem de casa”⁹.

Para Rebeca, o motivo de as crianças não gostarem da tarefa gráfica é a preguiça. É fácil colocar a culpa na criança, o difícil é reconhecer que esta é uma atividade enfadonha e, muitas vezes, sem significado para as crianças. Ela fala ainda que algumas crianças têm o senso de responsabilidade. A professora apresenta um juízo preconcebido em relação às crianças, quando diz que elas são preguiçosas e que não tem senso de responsabilidade e não procura entender o real motivo das crianças não gostarem tanto destas tarefas.

Buscando conhecer suas preferências, indagou-se sobre o momento da rotina que Rebeca mais gosta. Eis a resposta dela:

⁸ LEITÃO, Fátima Maria Araújo Saboia; ANDRADE, Maria Amália Simonetti Gomes de; COSTA, Sinara Almeida da. Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas (Centros de Educação Infantil - CEI: Lugar de Educação Infantil de Qualidade). Governo do Estado Ceará, Ceará, 2011.

⁹ Informação verbal

“Eu gosto de trabalhar tudo, a gente fica muito feliz quando já estão **tirando da lousa**, mas eu gosto mais da musicalidade, eu gosto mais de trabalhar o lúdico, do ensinar brincando, do aprender brincando, eu ensino, eu aprendo. E eu gosto mais de trabalhar a musicalidade, o lúdico porque eu me identifico como criança também. Se eu vejo prazer no olhinho deles, se eles se envolvem, eu me envolvo junto. Quando a gente trabalha mais com o lúdico, a gente vê que tem um rendimento melhor, porque eles ficam maravilhados com aquilo ali. Quando você vai fazer uma contação de história e você já muda a voz, eles já ficam admirados. A criança assimila de forma rápida e se você fica trabalhando dessa forma, melhora”. (grifo nosso)

Rebeca afirmou que gosta mais dos momentos lúdicos e de musicalidade, por se identificar como criança e também por ver que a criança gosta e se envolve. Esses momentos eram bem trabalhados por ela em várias atividades. A professora percebia a diferença quando se trabalha com o lúdico, com a musicalidade, pois dizia que as crianças aprendem mais. Dessa forma, Rebeca contemplou em sua prática a experiência do inciso “II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” da Resolução nº 5/2009 que fixa as DCNEIs.

Para Kishimoto (2012, p. 23 *apud* MANUAL-CEI, 2011): “A música é essencial para a formação do ser humano. Auxilia o desenvolvimento do raciocínio lógico, traz envolvimento emocional e é instrumento de interação”.

Em relação ao momento que ela menos gostava da rotina, Rebeca demonstrou receio ao responder, pensou por alguns minutos e depois relatou o seguinte:

“Talvez eu tenha que buscar mudar a maneira como eu trabalho, mesmo depois desses anos, pois eu acho que deve ter uma maneira de trabalhar a atividade (tarefa) de uma forma que eles se envolvam mais, pois este acaba sendo o momento que eu menos gosto por ver o não aproveitamento deles. Embora isso seja relativo também, pois algumas crianças trazem de casa esse senso de responsabilidade. Por causa do não aproveitamento, da preguiça, o momento da tarefa é o que eu menos gosto. A gente tem que está trabalhando as crianças que não gostam... Tem crianças de gostam de pintar, de ver o resultado da atividade. A maioria não gosta da tarefa, mas a gente tem que trabalhar de uma forma que eles possam entender que há uma necessidade de fazer a tarefa, mesmo não gostando tanto. Há uma necessidade do papel, da escrita, tudo é relativo. Quando a tarefa é tradicional, quando ela não é lúdica, eu acho que a criança aprende mais brincando, mas tem hora pra tudo. Temos que mostrar o limite, trabalhando os valores, as palavrinhas mágicas, da língua portuguesa, das vogais, trabalha as vogais com música, com brincadeira, desenhando as carinhas das vogais, pois dessa forma, eles aprendem melhor.”

Rebeca afirmou ser a tarefa gráfica o momento que ela menos gostava, por perceber que a criança não se interessava muito por essa atividade. Depois retrocedeu ao dizer ser relativo esse interesse da criança e voltou a colocar a culpa na preguiça da criança. Na

verdade, as tarefas que são desinteressantes, pois não propiciam desafios importantes que contribuam para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. As crianças não tinham oportunidade de criar, apenas seguiam as orientações da professora.

Rebeca provavelmente sabia que a maioria dessas tarefas prontas não são significativas para as crianças, pois ela mostrava preocupação ao relatar que deveria mudar sua maneira de trabalhar: se a professora cogitava a possibilidade de mudar, é porque percebia que algo não estava certo. Fazer essa autorreflexão não é fácil, pois exige do conhecimento, compromisso e um olhar voltado para a criança e não para si.

4.4 As concepções das professoras

As professoras quando indagadas sobre qual é o papel do professor de Educação Infantil responderam:

“Meu papel com eles é a aprendizagem. Eu particularmente, além de ensinar, eu ainda mostro o lado da vida, que desde pequenininho já dá pra eles entenderem. Que todo dia você falando, falando, que já memorizam na cabeça deles. Que hoje em dia a gente não vê mais aquela educação que a gente via antigamente. Quando comecei a trabalhar na década de 80 e mudou completamente o sentido da educação com o de hoje. Aí o meu lado eu mostro pra eles o lado da vida, que as coisas fáceis não são boas, que eles não sabem entender o que é a droga, essas coisas, porque eles têm três anos, quatro anos, cinco anos, mas aí a gente já fala, quando vê uma coisa não pegar,... Além de ensinar o conteúdo que é pra eles aprenderem da escola, eu ensino também um pouquinho o lado que vai rodear a vida deles, o futuro deles.”¹⁰

“Abrange tanta coisa... O educador em sala de aula ele... Eu acho que a priori ele tem que ver a questão da oralidade, trabalhar a questão da musicalidade, da psicomotricidade. Abrange muita coisa. A gente dizer assim, falar do papel do educador... São tantas as coisas assim que eu não sei te precisar, te dizer uma. Na realidade, a gente tem no planejamento trabalhar com diversas coisas e a questão de trabalhar com a diversidade, a questão quando a gente tem um aluno que é especial, trabalhar a inclusão. Ele tá querendo uma coisa principal, é isso? [...] Eu procuro com meus alunos tanto na contação de histórias, nos contos, colocar as palavrinhas mágicas, colocar a questão das atitudes corretas, a questão do bom comportamento e assim, realmente a gente abrange tudo mesmo. Aí quando vem a questão da oralidade, é muito importante a gente trabalhar a oralidade, da oralidade vem a escrita e aí a gente começa já com os pequeninos, o infantil 3, já começa a trabalhar as vogais, o alfabeto, os números de 1 a 10”¹¹.

A professora Vanessa afirmou que o papel do professor de Educação Infantil é a aprendizagem. Ela não especifica claramente de que modo acontece essa aprendizagem, mas

¹⁰ Professora Vanessa.

¹¹ Professora Rebeca.

ficou claro na sua fala, quando apareceram os termos “ensinar”, “memorizam”, “conteúdo”, que para ela a criança apenas aprende “recebendo da professora” e repetindo o que ouve. Essa imagem retratada pela professora Vanessa parece estar relacionada à imagem de um docente tradicional, aquele que é o detentor do saber, aquele que transmite o conhecimento para a criança como se fosse um papel em branco que precisa da professora para escrever sua história.

Sua prática em sala corrobora sua fala, pois na maior parte do tempo a criança está ali apenas para escutar e atender os seus “comandos”. Sua prática reflete o docente como o centro do processo de aprendizagem, e não a criança. Ela fala ainda que “além de ensinar mostra o lado da vida”. Vanessa quis dizer que, além do conteúdo, ensina também coisas da vida para a criança, como se essa prática fosse um bônus que ela oferecesse por se preocupar com as crianças, quando na verdade o educar deveria ser natural da profissão. Nas observações realizadas em sua sala percebeu-se que ela destina a maior parte do tempo para transmitir conteúdo. Apenas quando sobrava tempo ou quando acontece alguma situação fora do seu padrão de normalidade é que ela educava.

A professora parecia acreditar em um futuro sombrio das crianças, ligado às drogas, quando fala que “além de ensinar o conteúdo que é pra eles aprenderem da escola, eu ensino também um pouquinho o lado que vai rodear a vida deles, o futuro deles”¹². Por isso ela acha importante falar com as crianças sobre as drogas.

Já a professora Rebeca mostrou em sua fala que tem uma visão mais ampla quanto ao papel do educador, pois citou alguns aspectos que devem ser desenvolvidos com a criança, como a “oralidade”, a “musicalidade”, a “psicomotricidade”. No final de sua fala, ela colocou que a professora deve “ensinar” as vogais, o alfabeto, os números, demonstrando um desconhecimento das experiências diversificadas que são importantes para as crianças vivenciarem, bem como uma visão distorcida com relação ao processo de aproximação das crianças com a linguagem escrita.

Observadas as ações de Rebeca em sala, percebeu-se que realmente ela desenvolve bem a musicalidade, fazendo com que todos se envolvam naquele momento. Constatou-se que a criança se expressa e participa mais quando ela está em sala. Quanto à psicomotricidade, Rebeca está se referindo a tarefas xerocadas, cuja finalidade seria cobrir o pontilhado. Nesse momento notou-se que, mesmo querendo desenvolver as atividades diversificadas de forma significativa para as crianças, a abordagem tradicional ainda está

¹² Informação verbal

muito enraizada nas pessoas, o que torna essa tarefa difícil. Isso pôde ser constatado ao observar as práticas pedagógicas das professoras entrevistadas nesta instituição. É possível notar a preocupação também dos gestores em antecipar o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A esse respeito, Paulo Freire (*apud* FOSTER, 2010, p. 145) afirma que “[...] o papel do educador é contribuir com a força da especificidade de sua atuação pedagógica para transformar a escola e que sua formação, além da competência técnica, compreende um aprendizado político, inerente a todas as escolhas e decisões”.

O professor de Educação Infantil deve buscar maneiras significativas para realizar as atividades com as crianças, a fim de desenvolver todas as suas potencialidades. Ele tem a função de mediar as aprendizagens, permitindo que a criança participe ativamente de seu processo educativo.

As professoras também foram indagadas sobre sua concepção de criança. As respostas foram:

“O meu conceito de criança é que a gente é eternamente criança. Até o adulto é eternamente criança, eu sou. Imaginem eles. Do que a gente gosta? De brincar. As professoras de Educação Infantil elas criticam demais porque pensam que com o brincar da criança, que a criança não quer aprender. Mas aquele brincar dele sai tanta coisa. Eu acho que através da brincadeira eles aprendem muita coisa” (PROFESSORA VANESSA).

“A criança é um ser tão puro, você vê aquela alegria de viver, ela é espontânea. A minha concepção é a questão da pureza, da liberdade, da espontaneidade, ela age com naturalidade, ser espontânea. Ela sabe ser espontânea quando se deixa ser. Por exemplo, eu estou com uma aluna do Infantil 3 que ela está com uma história de pegar menino e dar um beijo na boca. Eu digo que não pode fazer assim. A criança é inocente, ela não sabe o que está fazendo. Ela vê isso em casa ou na televisão. Tem que ser trabalhado e mostrado que não é assim. A gente tem que mostrar pra criança o que é certo e o que é errado. Ela está reproduzindo o que viu, ela não vê maldade [...] Eu procuro deixar as crianças virem a mim, ir à lousa, eu gosto dessa coisa da criança fazer. Eu acho que a criança tem que participar. Eu acho que a criança tem que experimentar isso. Essa coisa de você experimentar, de você fazer com a criança, que eu acho que é importante. Ela vivenciar aquilo ali, ela estará trabalhando a coordenação motora” (PROFESSORA REBECA).

A resposta da professora Vanessa foi confusa, pois ela diz que “nós, adultos, somos eternas crianças”. A pergunta foi referente à criança, mas a professora estava se referindo no início da sua fala ao adulto. Talvez Vanessa não tenha entendido bem a pergunta, pois ela não respondeu o seu conceito de criança, ela apenas mencionou o que a criança gosta de fazer, que é brincar.

Depois a professora disse que a criança aprende brincando e que muitas professoras não entendiam isso, já que acreditavam que dessa forma uma criança não é capaz de aprender. Ao fazer tal afirmação, a professora deixa subtendido que não concorda com o pensamento das demais professoras. No entanto, considerando o que foi observado, sua fala não condiz com a realidade de sua turma, pois as crianças não tinham tantas oportunidades de brincar em sala. Quando elas queriam brincar, Vanessa logo dizia que não era o momento. As crianças só brincavam no recreio e na sala dos brinquedos. No recreio, as crianças ficavam sob o cuidado de outras funcionárias da escola, pois nesse momento as professoras iam lanchar. Já na sala de brinquedo, a professora olhava as crianças brincarem. Esse olhar se destinava mais ao cuidado com a criança, para ela não se machucar. Não era um olhar atento, a fim de observar suas ações e interações e, em especial, as possibilidades de aprendizagem.

A professora Vanessa falou da importância da brincadeira para as crianças, mas se contradisse em sua prática. Parecia desconhecer que a brincadeira é a atividade mais importante para a criança. Ela aprende e se desenvolve brincando, tanto sozinha como em grupo. O profissional de Educação Infantil deve organizar tempos e espaços adequados, a fim de promover momentos de brincadeira livre para as crianças, sempre observando e registrando suas ações, expressões, interações. Segundo Kishimoto (1997, p. 29 *apud* MANUAL-CEI, 2011):

A brincadeira é um direito das crianças e o professor precisa compreender a importância que a brincadeira tem para seu desenvolvimento e aprendizagem. Pela brincadeira, a criança aprende a conviver com os outros; desenvolve seu lado emocional e afetivo, bem como sua capacidade intelectual e motora; constrói novas possibilidades de ação e formas criativas de organizar seu ambiente e passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais; elabora e expressa sentimentos e emoções (desejos, raivas, luto, agressividade, tristeza, amizade etc.); movimenta-se em busca de parceria e na exploração de objetos; comunica-se com seus pares; se expressa por intermédio de múltiplas linguagens; descobre regras e toma decisões (1997, p. 29)

Craidy e Kaercher (2001, p. 104) complementam dizendo que:

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.

É fundamental que na Educação Infantil haja essa concepção de brincadeira bem definida, pois dessa forma, possibilita-se que a criança aprenda e se desenvolva.

A brincadeira é um eixo norteador das práticas pedagógicas na Educação Infantil, conforme consta no artigo nono da Resolução CNE/CEB nº 05/09, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, em seu artigo 9º: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”.

A professora Rebeca, por meio de sua fala, demonstrava ter concepções antagônicas de criança. A primeira seria uma visão romântica de criança, pois ao descrevê-la como um ser “puro” e “inocente”, não considerava as características sociais, culturais e históricas da criança. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil traz o seguinte conceito de criança:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

A segunda visão seria a de uma criança ativa, participante, aquela que aprende experimentando, vivenciando. Na sua fala, ainda, a professora diz que a criança repete, reproduz o que vê. Primeiramente, a criança imita a si mesmo quando brinca de faz de conta e depois essa imitação se estende para as pessoas que a cercam. Sobre imitações, Craidy & Kaercher (2001, p. 93) explicam:

A criança realiza imitações das ações que observa, utilizando modelos que estão próximos a ela. Observa atentamente os gestos e as ações das pessoas e depois os reproduz de forma simplificada. Inicialmente, os modelos são o pais, os avós e quem mais for do convívio diário da criança, depois os vizinhos, o dono do armazém, o carteiro, o guarda de trânsito, e outros modelos retirados do mundo adulto.

Sobre suas relações com as crianças, as professoras responderam:

Eu tenho uma relação boa com eles. Abraçar, né? Eles já ficam felizes. Teve um dia que uma criança chegou com um matinho, pra eles é uma rosa. Está aqui, tia! Uma rosa! Ela já fica feliz. Uma coisa simples a criança já fica contente e o adulto não dá valor a essas coisas. Tem uma criança que diz: tia, eu te amo! Eu digo: eu também te amo! Aí é bom demais! A gente é o espelho deles, pois eles nos imitam. Às vezes em casa não tem esse carinho, essa atenção (PROFESSORA VANESSA)

A relação com criança eu vejo como fácil de num certo ponto, pois se a gente já conhece a realidade da comunidade que a gente trabalha e os nossos alunos, a gente vai trabalhar até melhor, porque a gente sabe a história de cada um. A gente vai saber como se relacionar com cada aluno. A dificuldade que ele tem, outros tem mais dificuldade, outros não. Porque uns têm pai, outros não, outros têm mãe, ou não, outros são criados pelas avós. Você tem que buscar realmente o conhecimento através de alguém da comunidade, que está na escola pra gente buscar ver como é que pode ser trabalhado melhor essa relação. Porque a gente vai ver através do conhecimento que a gente tem, de como é a educação, a criação daquela criança, pois sabemos que geralmente é difícil. Então buscando conhecer um pouco a sua realidade, a gente vai tentar e vai trabalhar aquela hiperatividade do aluno, a gente vai entender o porquê de certas coisas. Eu acho que a gente tem que buscar a familiaridade, é uma relação que tem que ser construída na base do respeito, do amor. Buscar conhecer porque aquela criança é quietinha, porque a outra é mais hiperativa, é construir uma relação de amor. Eu acho que a familiaridade com as crianças, com a comunidade é importante. (PROFESSORA REBECA).

A professora Vanessa afirmou em sua fala que há uma proximidade afetiva com as crianças, por meio de elogios e retribuindo as demonstrações de carinho feitos pelas crianças. Acrescenta ainda em sua fala que a maioria das crianças não recebe essa atenção, esse carinho de seus familiares.

A afetividade, segundo Dantas (1992):

[...] não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. (p. 90).

O ser humano é um ser afetivo desde o seu nascimento. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no artigo 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Todos os aspectos estão inter-relacionados: o aspecto social está relacionado ao aspecto afetivo, que por sua vez, é indissociável do aspecto intelectual. Para Piaget, (*apud* LA TAILLE, 1992) os aspectos cognitivo e afetivo são dois componentes responsáveis pelo desenvolvimento intelectual. Esses dois aspectos não podem ser vistos de forma separada, pois a afetividade estimula a criança a realizar o que lhe foi proposto.

Wadsworth (1996, p. 60) reforça a ideia anterior, dizendo que “Como o desenvolvimento afetivo não é separado do cognitivo, o desenvolvimento social não é separado do cognitivo e afetivo”.

Conforme Bringuier (1977, p. 71-72), Piaget afirma que “para que a inteligência funcione, é preciso um motor que é o afetivo. Jamais se procurará resolver um problema se ele não lhe interessa. O interesse, a motivação afetiva é o móvel de tudo”.

A afetividade não se restringe apenas ao contato físico, como o abraçar, o beijar a criança, mas se mostra principalmente em dar a atenção à criança, em saber ouvi-la. Na prática da professora entrevistada, percebeu-se que a afetividade vista desse prisma do saber ouvir deixava um pouco a desejar.

Outro dado que chamou atenção na fala de Vanessa foi sobre a carência afetiva das crianças, sobre a qual é preciso tomar cuidado para não ter uma visão discriminatória da situação. É importante não confundir carência socioeconômica com carência afetiva, pois essa ideia errônea pode prejudicar a relação, a interação entre professora e criança.

Já a professora Rebeca associou a sua boa relação com as crianças ao fato de ela conhecer a criança e sua realidade. Esse pensamento corrobora o exposto no artigo supracitado da LDBEN 9394/96, que aborda a importância da parceria escola-família, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança.

Destacou-se em sua fala a importância de acolher o que as crianças trazem de experiências vivenciadas em sua família, pois mostrou a sua preocupação em conhecer a criança e suas especificidades. O parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) Resolução 20/2009 (p. 125) confirma essa ideia:

O importante é apoiar as crianças, desde cedo e ao longo de todas as suas experiências cotidianas na Educação Infantil no estabelecimento de uma relação positiva com a instituição educacional, no fortalecimento de sua autoestima, no interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, na familiaridade com diferentes linguagens, na aceitação e acolhimento das diferenças entre as pessoas.

Para construir uma boa relação entre família e instituição de Educação Infantil, torna-se necessário que ambas tomem uma postura ética de respeito, valorizando as diversas culturas da comunidade local. Para tanto, é necessário que as famílias respeitem e confiem no trabalho desenvolvido pelos profissionais da Educação.

Na primeira etapa da Educação Básica deve-se conhecer os objetivos da Educação Infantil. Sobre essa questão, as professoras responderam:

O objetivo da Educação Infantil eu acho que é o pilar da sequência da aprendizagem. A gente começar a modular eles a saberem ouvir. A gente tem que começar a conceituar eles sobre isso na roda de conversa e dizer qual a posição de ficar sentado, saber ouvir o que a gente está falando, pois não é só estar escrevendo.

Então na Educação Infantil não é para eles tirarem totalmente da lousa, mas o conceito de saber ouvir o conteúdo, já melhora e facilita a aprendizagem deles. Eu percebo nas crianças de três anos, aquelas que escutam, elas aprendem mais rápido, pois elas estão atentas. Já os que não ficam quietos e não escutam, tem mais dificuldades para aprender. Quando eu conto uma historinha, aqueles que não prestam atenção não sabem responder as perguntas que faço após a contação. O saber ouvir é o início da aprendizagem deles. A gente não vai cobrar a aprendizagem total, de saber fazer o nome, não dá.¹³

Acolher o que eles trazem. Mostrar o que é certo e o que é errado. Trabalhar os valores, a oralidade, a escrita, a coordenação motora, a percepção visual. O objetivo é ter rendimento daquilo que foi trabalhado, quando a gente vê que eles estão tendo um bom rendimento. Quando a gente trabalha com todas essas vertentes: os valores, a oralidade, a escrita, a psicomotricidade, a coordenação motora, nos leva ao aprendizado do aluno. O objetivo é que o aluno aprenda. Que ele aprenda na coordenação motora, que ele aprenda na oralidade, você vê que tem crianças que pedem para a gente repetir, pois é algo que eles se identificam. Eu alcancei meu objetivo ali. É importante trazer pra sala de aula aquilo que os alunos se identificam, que eles gostam de fazer, você vê que ele faz com toda alegria. O objetivo também é trabalhar de uma forma que o aluno goste, que o aluno entenda, que o aluno vivencie, é trazer o que as crianças gostam de fazer.¹⁴

Ao analisar o depoimento de Vanessa, observou-se que ela concebia como objetivo da Educação Infantil a aprendizagem, deixando explícita uma ideia de escolarização nessa etapa da educação. Em sua fala, o termo “modular” quer dizer moldar, preparar a criança como lhe convém. Nesse sentido, o docente é o centro, é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem e a criança é o objeto, sendo vista como uma tabula rasa.

Vemos então uma aprendizagem baseada na transmissão de conteúdos, na qual a criança precisa manter um comportamento adequado, conforme mencionado em “saber ouvir o conteúdo” e “dizer qual a posição de ficar sentado”. A criança tem muitas necessidades e uma delas é a necessidade motora, que inclui a necessidade postural. Vanessa parecia desconhecer isso, pois exigia que a criança ficasse muito tempo sentada. Dantas (2005, p. 2) afirma que “Mesmo na imobilidade, mesmo quando a gente está exigindo dela imobilidade, a gente tem que entender que ela precisa mudar de posição dentro da imobilidade”, ou seja, a criança precisa se movimentar, mudar sua postura. Se a criança está sentada, ela precisa ficar um pouco em pé. Se está em pé por muito tempo, precisa sentar-se um pouco, ou até mesmo deitar. Essa necessidade postural muitas vezes é esquecida pelos docentes.

A criança tem várias linguagens e uma delas é a linguagem corporal. A criança se expressa muito também meio do corpo e a partir do movimento ela vai se conhecendo, vai desenvolvendo sua motricidade e descobrindo novas possibilidades de interação. Infelizmente

¹³ Professora Vanessa.

¹⁴ Professora Rebeca.

essa prática de inibir o movimento da criança é frequente, na tentativa de manter a sala em ordem, pois na maioria das vezes e pela maioria dos profissionais o movimento é associado com indisciplina e falta de atenção.

Já a professora Rebeca enfatizou novamente que é preciso acolher o que a criança traz de conhecimentos antes de entrar na instituição. Disse que o objetivo da Educação Infantil é que a criança aprenda e obtenha um bom rendimento nas áreas trabalhadas: valores, a oralidade, a escrita, a psicomotricidade, a coordenação motora. Para esta professora, o segundo objetivo seria trabalhar de forma significativa para as crianças. Apesar de não mencionar todos os aspectos do desenvolvimento infantil, sua fala foi a que mais se aproximou do que prevê a Lei de Diretrizes e Bases.

De acordo com a referida Lei, o objetivo da Educação Infantil é desenvolver integralmente a criança até os seis anos de idade, conforme determina o artigo 29. Outro documento que orienta a prática que traz esses objetivos de forma bem detalhada é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 63, VOL.1):

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Considerando o que já foi colocado, perguntou-se para as professoras como elas acham que as crianças aprendem e se desenvolvem. Eis as respostas:

Através da atividade, eu gosto muito de atividade. Eu acho que a gente exercitando, a gente aprende. Eu acho que através de atividade avaliativa, conceito também, eu

acho que fica mais fácil. No Infantil 5, com os alunos de cinco anos eu já faço textos pequenos para eles exercitarem a caligrafia, eu faço cópia, ditado. Eu sou uma professora antiga. No Infantil 3, eu passo mais atividades de coordenação motora, atividades de cobrir. Eu coloco já palavrinhas. Na vogal A eu coloco a palavra anel. Trabalho os números também, pois sempre a matemática e o português caminhando juntos. Só atividades para pintar eu não gosto. Tem essas atividades também, às vezes xeroco outras vezes faço manualmente.¹⁵

Para Vanessa, a criança aprende e se desenvolve através de atividades gráficas. São as famosas tarefas prontas que, na maioria das vezes, não despertam a atenção das mesmas. Ela deixou explícito em sua fala que gosta muito dessas atividades, ou seja, o que está sendo levado em conta é a preferência da professora e não da criança. Depois reforçou a ideia de repetição, memorização ao dizer que “exercitando se aprende”. Disse também que, através de atividade avaliativa, ficava mais fácil. Colocar uma tarefa como uma atividade só confirmou que a perspectiva da professora consistia apenas na preparação para os anos futuros. Vanessa se reconhecia como uma professora tradicional ao relatar suas práticas.

“Participando, vivenciando. É na prática que se aprende. A gente tem que trabalhar fazendo com que a criança participe, com que ela goste, trazer algo que elas gostem e façam com vontade”.¹⁶

Já Rebeca tinha uma visão diferente, pois entendia que a criança aprende e se desenvolve participando, experimentando, vivenciando experiências significativas.

Outro aspecto de grande relevância para orientar a prática do professor de Educação Infantil é a proposta pedagógica. Sobre esse assunto, as professoras responderam:

“Eu acho que a proposta já é pra gente planejar o que a gente vai dar pros alunos. Nunca chegar com a mão amarrada na sala. Saber o que você vai passar. Primeiro eu tenho que planejar pra depois eu poder transmitir”¹⁷. “Ela se propõe o ensino-aprendizagem da criança, o planejamento, os objetivos, a metodologia, inclui as regras, propõe trabalhar a aprendizagem da criança”¹⁸.

Vanessa confundia proposta pedagógica com planejamento. Já Rebeca respondeu dizendo que propõe o ensino-aprendizagem da criança, mas depois também confundiu com planejamento e ainda falou em objetivos e metodologias. Para compreender melhor, as

¹⁵ Fala da professora Vanessa.

¹⁶ Fala da professora Rebeca

¹⁷ Fala da professora Vanessa.

¹⁸ Fala da professora Rebeca.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 13) definem proposta pedagógica da seguinte forma:

Proposta Pedagógica:

Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar.

Desse modo, a proposta pedagógica é um plano que orienta a instituição a traçar seus objetivos, sendo necessário para a elaboração e análise desta proposta ter uma fundamentação teórica, a partir de concepções relacionadas à Educação Infantil. É necessário também entender a estrutura, a organização e o funcionamento da Educação Infantil, caracterizando a unidade escolar e a prática pedagógica do professor. Todas as ações desenvolvidas na instituição, inclusive o planejamento citado pelas professoras, são orientadas pela proposta pedagógica.

O objetivo da proposta pedagógica, segundo as DCNEIs (BRASIL, 2010, p. 18):

[...] garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Ainda sobre esse assunto, as professoras foram indagadas sobre a proposta pedagógica da sua escola e seus objetivos. Rebeca não soube responder e Vanessa respondeu da seguinte forma: “A proposta é aprender, mostrar pra eles o sentido da aprendizagem. É saber refletir. O objetivo é aprender, não só memorizar...”.

É importante conhecer a proposta da escola, conhecer seus objetivos, sua metodologia, saber como a instituição vê a criança e como se fundamenta para realizar seu papel.

Sobre formação, as professoras foram indagadas se o Município oferecia estas formações, com qual periodicidade e se elas participavam. As respostas foram: “Oferece. Todo mês tem um encontro para a formação. Eu participo das formações, é um momento que a gente pode desabafar sobre a nossa realidade na escola”¹⁹. “Oferece. As formações são

¹⁹ Fala da professora Vanessa.

mensais, mas teve poucas formações. Teve meses que não teve. Eu participo”²⁰. Vanessa relatou que a formação é um momento de desabafo sobre a realidade. Com esta fala foi possível identificar que existe uma insatisfação por parte das professoras e que as mesmas não são escutadas ou compreendidas no ambiente de trabalho. Dessa forma, elas encontram na formação um meio de expor suas inquietações, a fim de obterem auxílio para solucioná-las. Já a professora Rebeca relatou que as formações são mensais, embora não terem ocorrido em todos os meses.

As professoras foram indagadas se as formações ajudavam em sua prática e de que forma. Elas responderam assim:

As formações me ajudaram porque eu não sabia o que era Educação Infantil e como estou só esse ano, ainda estou engatinhando, mas me ajudou bastante. O planejar é diferente do terceiro ano. E eles passam coisas novas que vão surgindo. Me ajudou na maneira de como lidar com eles, de como passar o conteúdo. Os livros deles são completamente diferentes, pois não tem aquela parte de conteúdo, a explicação pra depois vir a atividade. No deles são a atividade logo. Então no momento dessa atividade é que eu tenho que transmitir pra ele o conteúdo real daquela figura. Se está mostrando as estações do ano, então eu tenho que explicar o que é estações do ano pra eles entenderem aquela figura. Temos que usar muito material e como a prefeitura não dá, é usar sucata mesmo. Tampinhas de refrigerante, caixa de sapatos pra decorar e colocar gravuras dentro, usar dedoches nas mãos, então é completamente diferente do Ensino Fundamental. Então eu fui começar a aprender de como seria a Educação Infantil e é por isso que eu não quero continuar. Sou sincera, pois pra mim a Educação Infantil é a base, é o alicerce e tem que ser uma professora que goste muito desse lado¹³.

“As formações me ajudam, as formadoras são competentes, preparadas. Pego sugestões de atividades, de músicas, jogos de sucatas, troco atividades, participo de oficinas”²¹.

As duas professoras concordaram que as formações lhes ajudavam, pois segundo elas, são dadas sugestões de atividades e de como trabalhar com as crianças. As professoras ampliaram seus conhecimentos nas formações.

As formações visam ajudar o docente em sua prática, propor reflexões acerca de sua prática pedagógica, orientá-lo em alguma dificuldade encontrada, debater sobre os conceitos, leis e assuntos relacionados à Educação Infantil. A formação é um momento de estudo onde se pretende ampliar os conhecimentos, trocar experiências para enriquecer sua prática.

²⁰ Fala da professora Rebeca.

²¹ Fala da professora Rebeca.

Para desempenhar bem o seu papel e alcançar seus objetivos, esse profissional precisa estudar sempre, ter um embasamento teórico na sua área. Dessa forma, faz-se necessário conhecer, pesquisar documentos, leis e todo estudo relacionado à Educação Infantil que possa orientar sua prática.

Sabendo da importância desse estudo, indagou-se se as professoras conheciam algum documento relacionado à Educação Infantil e se elas pesquisavam de algum deles. As duas professoras não entenderam muito a pergunta, mesmo após várias explicações. Vanessa ainda tentou responder dizendo que os documentos eram apostilas e livros. Ela disse, inclusive, que tinha recebido uma caixa de livros, mas que não tinha aberto ainda por falta de tempo. Foi solicitado que se pudesse ver esse material. Solícita, Vanessa foi buscar o material guardado e brincou, dizendo: “só assim pra eu abrir essa caixa”. A caixa continha 20 livros de apoio pedagógico específico para a Educação Infantil referentes ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que foram enviados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As obras traziam diversos assuntos: interações, leitura e literatura, corpo em movimento, brincadeiras, música, linguagem oral e escrita, dentre outros. Observou-se que a professora Vanessa não demonstrou interesse de ler, folhear, buscar conhecimentos. Já Rebeca pensou em alguma resposta, mas disse que não sabia. Ambas falaram que pesquisavam na internet.

Dessa forma, pode-se constatar que ambas pareciam desconhecer os Referenciais Nacionais, as Diretrizes Curriculares e demais documentos que orientam e normatizam a prática do professor. É possível supor que esse desconhecimento das professoras esteja associado a vários fatores. Talvez à falta de interesse? A não compreensão de que o trabalho com crianças exige um profissional qualificado? Às condições de trabalho, como falta de um acompanhamento pedagógico? Às lacunas existentes na formação inicial? Ou à falta de uma formação continuada mais sistemática?

Outro instrumento fundamental é o planejamento. Sobre esse assunto, as professoras disseram:

Faço o planejamento uma vez por semana. Eu uso livros, os livros deles, pesquiso atividades em livros de uma escola particular que tem aqui perto. Nós temos o próprio diário das crianças e atrás do diário tem o nome da criança, tem os conceitos de como eles estão, são dez itens. Além da gente registrar a aula diária, o resumo, a gente tem o registro de cada aluno. São dez itens sobre a criança que a gente marca com um x.²²

22

Fala da professora Vanessa.

Toda semana, toda sexta-feira. A gente pega o planejamento do mês e vê o que se vai trabalhar na semana. Como tem Português, Matemática, Natureza e Sociedade, então a gente coloca a metodologia, os objetivos, o que a gente vai trabalhar, a atividade, como a gente vai trabalhar a atividade, tem a roda de conversa, tem a contação de história, tem o debate com as crianças, reconto. Para fazer o planejamento eu pesquisei na internet e nos livros. Faço os relatórios anuais.²³

Ostetto (1994) nos ajuda a entender mais sobre planejamento. Segundo esta autora:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção (p. 1).

Para que haja reflexão como a autora sugere, é imprescindível estudar, pesquisar várias fontes, se informar. É preciso haver fundamentação teórica, conhecer as leis, as Diretrizes e tudo que esteja relacionado à criança, à Educação Infantil. Só assim a prática pedagógica será de qualidade.

Quanto aos espaços de que as professoras dispõem para realizar as atividades com as crianças, ambas citaram os mesmos espaços: “a própria sala, o pátio, a sala de brinquedos (brinquedoteca) e o parquinho”. O parquinho a que elas se referem seria apenas a casinha com escorregador. A escola observada era espaçosa, sendo possível dessa forma, realizar diversas atividades de forma significativa para as crianças. As professoras deveriam aproveitar melhor o espaço da instituição, preparando um ambiente acolhedor e promovendo experiências lúdicas, corporais, afetivas e sociais.

Segundo Craidy & Kaercher (2001, p. 73)

Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

23

Fala da professora Rebeca.

É possível supor que a prática pedagógica das professoras esteja centrada nelas próprias e que o principal objetivo dessa prática consista em transmitir conteúdos para as crianças. O maior envolvimento das professoras com a educação das crianças poderia estar relacionado a um maior interesse em aprender e buscar novos conhecimentos?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao final deste trabalho com a sensação de dever cumprido, mas consciente que este foi apenas o primeiro passo diante de uma longa caminhada de estudos e pesquisas que ainda deve-se percorrer.

Esta pesquisa propôs-se a investigar e caracterizar a prática pedagógica das professoras de Educação Infantil, buscando identificar as ações desenvolvidas importantes para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Pretendeu-se, ainda, avaliar se a prática pedagógica desenvolvida está baseada em proposta pedagógica que segue as orientações das (DCNEI) e investigar a perspectiva da professora sobre sua prática pedagógica, buscando compreender as concepções que embasam essa prática.

Para contemplar esses objetivos, observei a rotina de duas professoras em sua sala e pude constatar por meio das técnicas utilizadas na pesquisa que as práticas pedagógicas das professoras seguem uma perspectiva preparatória para as etapas posteriores de escolarização.

A Educação Infantil é vista como assistencialista ou como uma preparação para a vida adulta. A criança é considerada o objeto do processo de aprendizagem e está ali para se tornar uma cidadã no futuro. Certamente essas concepções da professora interferem diretamente na sua prática pedagógica.

Mesmo com todo avanço da Educação Infantil nas últimas décadas, em que leis e documentos regulamentam e orientam essa etapa da Educação, ainda assim vemos práticas pedagógicas que não se preocupam com o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Conforme a Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, cujo objetivo é o desenvolvimento integral da criança até seis anos. O documento mais atualizado que orienta as ações com relação às crianças, as Diretrizes Curriculares (BRASIL 2010), o qual tem caráter mandatório, determina que as práticas pedagógicas devam ter dois eixos norteadores: a brincadeira e a interação.

A prática da professora Vanessa é caracterizada pela repetição das atividades, pela transmissão de conhecimentos e pela predominância de atividades já prontas que não desafiam as crianças em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, exigindo delas sempre um comportamento, para ela, adequado. A prática da professora Rebeca difere um pouco da primeira, pois esta oportuniza mais a interação das crianças, mostra-se disponível a

escutá-las. Rebeca se aproxima mais do que as Diretrizes determinam, mas ainda falta garantir muitas experiências de aprendizagens instigantes e desafiadoras para as crianças.

Conhecendo essas práticas, é possível observar que as ações das professoras seguem duas abordagens antagônicas: a tradicional e a construtivista. Entendemos que a abordagem construtivista é a que mais se aproxima do que as DCNEIs determinam, por respeitar e perceber a criança como sujeito do processo de aprendizagem. Dessa forma, ficam as seguintes indagações: por que as professoras não conhecem e tampouco seguem as orientações propostas nas Diretrizes Curriculares? A tecnologia disponível poderia ajudar no acesso aos mais variados documentos, bem como as formações. Sabendo disso, por que as professoras ainda têm concepções tão ultrapassadas acerca da Educação Infantil?

Os resultados desta pesquisa revelam a urgência de políticas públicas de formação que possibilitem uma reflexão profunda sobre a prática pedagógica das professoras, a fim de modificar esse cenário, possibilitando, dessa forma, oferecer uma educação de qualidade, capaz de contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição, Rio de Janeiro: LTC editora, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e por força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006
- BASTOS, Núbia M. Garcia. **Introdução a metodologia do trabalho acadêmico**. Fortaleza: Gráfica e Editora Nacional, 2004.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica**: Lei 9394/96. Brasília, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Parecer 20/09 e Resolução nº 05/09. Brasília, MEC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRINGUIER, J. C. **Conversando com Jean Piaget**. Rio de Janeiro – São Paulo, 1977.
- LEITÃO, Fátima Maria Araújo Saboia; ANDRADE, Maria Amália Simonetti Gomes de; COSTA, Sinara Almeida da. **Manual de Orientações Técnico-Pedagógicas** (Centros de Educação Infantil - CEI: Lugar de Educação Infantil de Qualidade). Governo do Estado Ceará, Ceará, 2011.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. P. da S. (Org.) **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DANTAS, Heloysa. **Entender e Atender: O Educador Poliglota**. [Palestra proferida na Faculdade Sete de Setembro, 2005.
- FOSTER, Mari Margarete dos Santos. Educador/Educando. In: STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKY, Jaime J. (orgs) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Revisada e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- HEYWOOD, C. **Uma história da infância: Da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999). **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed.
- LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus.

- LEITÃO, Fátima M. A. Sabóia. **A Prática Pedagógica das Professoras de Salas de Pré-Escolas da Rede Municipal de Fortaleza.** Fortaleza, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.
- MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1993.
- MUNIZ, Luciana. Naturalmente criança: a Educação Infantil de uma perspectiva sociocultural. In: KRAMER, Sonia. **Infância e Educação Infantil.** Campinas, SP: Papirus, 1999.
- OLIVEIRA, Maria Izete de. O olhar de professores da rede municipal de Cáceres/MT sobre a Educação Infantil. **Revista de Educação Pública.** Cuiabá n. 31, v.16, p.173-189, mai-ago. 2007.
- OSTETTO, Esmeralda Luciana. **Planejamento na Educação Infantil, mais que a atividade a criança em foco.** Campinas, Papirus. 1994.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA, Ilma Passos. **A prática pedagógica do professor de Didática.** 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.
- WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Roteiro de Entrevista

1. Qual sua formação?
2. Qual seu estado civil?
3. Você tem filhos? Quantos? Qual da idade deles?
4. Qual sua experiência no Magistério? E na Educação Infantil?
5. Qual é o papel da professora de Educação Infantil?
6. Qual sua concepção de criança?
7. Como é sua relação com as crianças?
8. Na sua concepção, quais são os objetivos da Educação Infantil?
9. Como você acha que a criança da sua turma aprende e se desenvolve?
10. Como é a rotina na sua sala?
11. Qual é o momento da rotina você considera mais importante para o desenvolvimento das crianças? Por quê?
12. Qual o momento do dia que você mais gosta? Por quê?
13. E qual o momento que as crianças mais gostam? Por quê?
14. Qual o momento do dia que você menos gosta? Por quê?
15. E qual o momento que as crianças menos gostam? Por quê?
16. O que é prática pedagógica?
17. Qual (is) o(s) seu(s) objetivo(s) na sua prática pedagógica?
18. Você tem conseguido alcançar seus objetivos? Por quê? Como?
19. Como você avalia sua prática?
20. O que lhe ajuda e lhe atrapalha na sua prática? O que facilita ou dificulta sua prática?
21. O que você entende por proposta pedagógica?
22. Qual a proposta pedagógica da sua escola? Quais são os objetivos dessa proposta?
23. O seu município oferece formação de professores? Qual a periodicidade dessas formações? Você participa dessas formações?
24. As formações lhe ajudam em sua prática? Por quê? De que forma?
25. Que documentos relacionados à Educação Infantil você conhece? Você pesquisa em algum deles? Quais?
26. Você faz planejamento das suas atividades? Como? Com que frequência esse planejamento é feito? Você faz registros das crianças?
27. Quais espaços você dispõe e utiliza para realizar suas atividades com as crianças?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Roteiro de Observação da Prática

1. Como se dá a interação criança-professora?
2. Quais atividades a professora faz em sala? Como são realizadas?
3. Quanto tempo as crianças ficam na creche? Onde elas ficam? Como é este espaço que elas ficam?
4. As atividades são significativas para as crianças? Por quê? Qual foi a reação das crianças?
5. A professora escuta a criança? Como? Por quê?
6. Como a professora elabora seu planejamento?
7. De acordo com o planejado, a professora consegue alcançar seus objetivos? Por quê? Como?

ANEXO A